



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Gabriel Ferreira Câmara

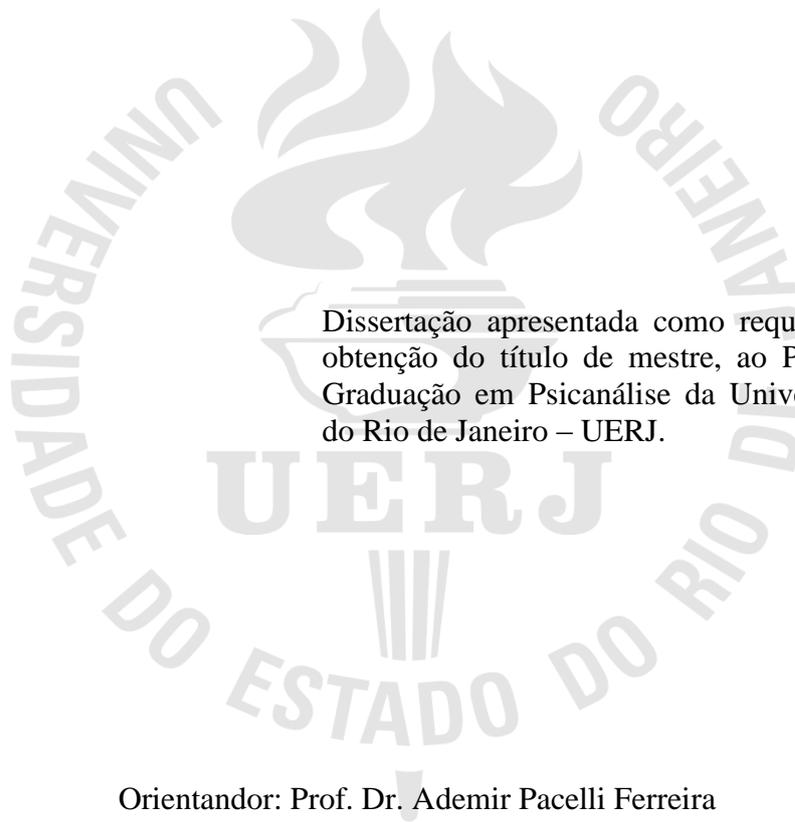
A demanda de pai em análise e seus desdobramentos

Rio de Janeiro

2016

Gabriel Ferreira Câmara

A demanda de pai em análise e seus desdobramentos



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pacelli Ferreira

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F676	<p>Câmara, Gabriel Ferreira. A demanda de pai em análise e seus desdobramentos / Gabriel Ferreira Câmara. – 2016. 103 f.</p> <p>Orientador: Ademir Pacelli Ferreira. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia</p> <p>1. Psicanálise – Teses. 2. Desejo – Teses. 3. Pai – Teses. I. Ferreira, Ademir Pacelli. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.</p>
es	CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriel Ferreira Câmara

A demanda de pai em análise e seus desdobramentos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ademir Pacelli Ferreira (Orientador)
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof^a Dr^a Ana Maria Medeiros da Costa
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof^a Dr^a Regina Glória Nunes Andrade
Instituto de Psicologia da UERJ

Rio de Janeiro

2016

Para minha mulher, força maior do meu desejo de criação.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Romina, pelo amor que existe entre nós, por sua dedicação à minha causa, por ter trilhado junto comigo este caminho.

A meus pais e familiares, pelo carinho e amizade que sempre fizeram parte de nossa relação.

Ao Professor Ademir Pacelli, por me ter acolhido neste mestrado e por sua importante orientação ao longo da construção desta dissertação, sem, no entanto, cercear minhas ideias.

À Professora Regina Andrade, pela transmissão do desejo de ensinar, pela agudeza de pensamento que tanto me ajudou neste percurso, e pela disponibilidade em participar da banca examinadora.

À Professora Ana Costa, que me interpelou sobre o tema escolhido em um momento crucial de minha escrita, possibilitando meu encontro com o desejo de promover mudanças decisivas na direção deste trabalho.

Ao psicanalista e escritor Carlos Pinto Corrêa, amigo inestimável, que tanto contribuiu para a concretização do meu percurso de mestrado.

A todos os professores da Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, por me terem transmitido seu vasto saber.

A meus colegas do curso de mestrado, por formamos um grupo solidário, propício ao estudo da psicanálise.

Finalmente, à equipe da secretaria do Curso, pela atenção e a gentileza e por estar sempre disponível para auxiliar os alunos da casa.

Por acaso, surpreendo-me no espelho: que é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, teu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai – que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar – duro – interroga:
“O que fizeste de mim ?”
Eu, pai? Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa!? Eu sou ainda
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia – a longa, a inútil guerra!-
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

Mário Quintana

RESUMO

CÂMARA, Gabriel Ferreira. *A demanda de pai em análise e seus desdobramentos*. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

A situação problemática que suscitou a feitura da presente dissertação de mestrado nasceu da clínica, pois foi a partir da demanda de pai do analisando de codinome André, que foi levantada a seguinte questão de pesquisa: como se articula a demanda de pai em análise? Essa questão inicial colocou em causa outra importante questão: Como o analista deve se colocar na transferência a partir da demanda de pai? A pesquisa visou elucidar a posição do analista na transferência a partir da demanda de pai e a incidência da função paterna na experiência analítica. Do impasse nascido da clínica, adveio também a inquietação sobre o conceito de pai em psicanálise, portanto, uma extensa revisão da teoria psicanalítica sobre o pai foi realizada, atravessando os principais pontos da teoria freudiana e lacaniana sobre o tema. Lacan, ao distinguir a função paterna nos três registros – Real, Simbólico e Imaginário - contribuiu de forma decisiva para definir o estatuto da função paterna na psicanálise. A função do pai, no que concerne à estruturação psíquica da criança a partir do desfecho do Édipo, é uma função simbólica. Na transferência, a função simbólica do pai salvaguarda a dimensão do desejo, o crucial da função do pai na transferência é sua consubstancialidade com a valorização, a colocação em obra da dimensão do desejo. Após estabelecer o estatuto da função paterna na teoria de Freud e de Lacan e o lugar do pai na experiência analítica, a presente dissertação de mestrado se estendeu na avaliação da função paterna no laço social contemporâneo. O declínio da autoridade paterna na atualidade é fato inegável. Na presente dissertação, analisam-se os fatores que corroboraram para a decadência da função paterna e questionam-se as consequências da derrocada do pai, tanto no nível do social quanto no nível do individual. Para além das vicissitudes decorrentes do declínio da função paterna no social, a pesquisa de mestrado investigou as vicissitudes da clínica psicanalítica contemporânea correlacionadas a tal fato, como, por exemplo, a chamada “clínica dos novos sintomas”.

Palavras-chave: Demanda. Desejo. Função paterna. Identificação. Transferência.

ABSTRACT

CÂMARA, Gabriel Ferreira. *Father demand in analysis and its vicissitudes*. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

The problematic situation that evoked this master thesis originated in clinical practice, since it was from the father demand on the part of the analysand (herein called "André") that the following research issue was raised: how does one articulate father demand in analysis? This initial question arose another important issue: How should the analyst place themselves in the transference resulting from father demand? The research aimed at clarifying the place of the analyst in the transference, deriving from father demand, as well as the incidence of the paternal function in analysis. The impasse borne in clinical practice caused a concern about the concept of father in psychoanalysis, thus an extensive review of the psychoanalytic theory of the father was conducted, examining the main points of the Freudian and Lacanian theories on the topic. When Lacan distinguished the father function in the three registers - Real, Symbolic and Imaginary - he contributed decisively to define the law of the father in psychoanalysis. The father function, as far as the child's psychic structuring from the Oedipus outcome is concerned, is a symbolic function. In the transference, the symbolic function of the father safeguards the dimension of the desire, the crucial aspect of the father function in the transference is its consubstantiality with the valuation, its placing essential for desire to happen. After establishing the law of the paternal function in the theories of Freud and Lacan, and the place of the father in the analytical experience, the current master thesis extended into the evaluation of the father's place in contemporary social bond. The decline of paternal authority in current times is an undeniable fact. In this thesis, the factors that corroborated for the decline of the paternal function are analyzed, and the consequences of the father's debacle are questioned, both on the social and on the individual realms. Beyond the vicissitudes resulting from the failing of the paternal function in the social realm, this master thesis investigated the vicissitudes of contemporary psychoanalytic clinical practice correlated with this fact, such as the so-called "new symptoms clinic".

Key words: Demand. Desire. Paternal function. Identification. Transference.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O PAI NA PSICANÁLISE E SUA INCIDÊNCIA NA CLÍNICA.....	16
1.1 O exemplo clínico de André.....	16
1.2 Da demanda de pai à idealização	21
1.3 Sobre a transferência em Freud e Lacan	27
1.4 O pai da horda primitiva: Totem e tabu (1913)	33
1.5 A lei do Édipo em Freud	38
1.6 A função paterna em Lacan: o Nome-do-Pai.....	44
1.7 O pai na transferência e o “sujeito suposto saber”	49
2 VICISSITUDES DA FUNÇÃO PATERNA E O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA ATUALIDADE	55
2.1 A dualidade originária na relação com o pai	56
2.2 Representações do pai nos textos sociais de Freud.....	63
2.3 O declínio da autoridade paterna: o lugar do pai no laço social contemporâneo	70
2.4 Repercussões clínicas no adoecimento psíquico contemporâneo	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Primeiro, gostaria de esclarecer o motivo que me levou a escolher o Mestrado em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Nos últimos anos, dediquei a maior parte do meu tempo útil à clínica psicanalítica. Ao longo de minha experiência clínica e de meus estudos teóricos, acumulei questões que me despertaram o desejo de fazer pesquisas em psicanálise. Antes de ingressar neste mestrado, escrevi curtos artigos para apresentar em instituições psicanalíticas e em congressos de psicanálise, já tendo, inclusive, publicado alguns textos em revistas especializadas.

Porém, uma questão provinda da clínica tornou-se mais premente do que as demais, por isso percebi a importância de procurar um curso de mestrado que pudesse me fornecer as bases teóricas e o suporte técnico necessário para construir a presente dissertação. Minha melhor opção só poderia ser uma pós-graduação especializada na clínica e teoria psicanalítica. Então, após pesquisar vários programas de mestrado em diversas universidades, escolhi com muita alegria este curso na UERJ, pois acredito na distinta qualidade profissional de seus docentes, na proposta do programa e na ética que norteia seus objetivos.

Agora, ressalto a questão que me motivou a entrar no mestrado em psicanálise. Uma situação experimentada na clínica no ano de 2010 me trouxe inquietação, um desejo de saber mais sobre o que me interpelou na relação transferencial com um analisando e que se fez questão para mim. O motivo que me levou a construir o presente projeto brotou de uma situação problemática nascida da clínica. Trata-se da transferência do analisando cujo codinome é André, psicólogo e que, em 2010 contava 40 anos de idade, o qual constrói uma demanda de pai em análise, dirigindo ao analista o significante “homem trabalhador”. A entrada em análise de André revelou um sujeito desprovido do que poderíamos chamar de “imagem paterna”, seguindo o termo junguiano utilizado por Freud. Na relação transferencial que apenas se iniciava, o analista foi posicionado pelo analisando no lugar de pai. Dessa relação transferencial, surgiu primeiramente a seguinte questão de pesquisa: de qual lugar deve o analista responder a esta demanda de pai?

Posteriormente, essa questão se desdobrou, conforme se verá mais adiante, à medida que fragmentos da análise de André sejam relatados ao longo do texto.

Do impasse nascido da clínica, adveio a inquietação sobre o conceito de pai em psicanálise. Daí a necessidade de estudar, de forma mais sistemática e aprofundada, a teoria psicanalítica sobre o pai e sua incidência na clínica.

Para pôr em prática esse intento, fez-se necessária uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema de pai em psicanálise. Não apenas uma revisão do conceito de pai, mas também de textos que abordem a teoria da clínica em relação à incidência da função paterna no trabalho analítico. A organização dos textos mais relevantes sobre o assunto possibilitou uma revisão detalhada do conceito de pai em psicanálise.

A elaboração do caso clínico de André permitiu utilizar o método de interpretação clínica, a fim de aproximar a teoria da prática e, dessa maneira, seguir a linha de raciocínio freudiano de que, para a psicanálise, pesquisa e clínica coincidem (FREUD, [1913 a]1996). O objeto de pesquisa da psicanálise é o inconsciente, e a investigação do inconsciente só é acessível ao analista mediante a relação de transferência com o analisando. Ou seja, é inconcebível se pensar em pesquisa em psicanálise fora da relação transferencial.

Freud foi um pesquisador incansável, sua dedicação à clínica era constante, pois ele compreendia a clínica como a via privilegiada para manter o mais íntimo contato com o material analítico e para não se entregar inteiramente à especulação. Indo em busca da verdade do sujeito, Freud construiu sua metapsicologia para transmitir a experiência analítica que tivera com cada um de seus pacientes em particular, e seus conceitos foram criados para explicar sua experiência:

Certamente, a análise como ciência é sempre uma ciência do particular. A realização de uma análise é sempre um caso singular, mesmo que esses casos singulares se prestem não obstante a alguma generalidade, desde que há mais de um analista. Mas a experiência analítica com Freud representa a singularidade levada ao seu extremo, pelo fato de que começava a construir e a verificar a própria análise. (LACAN, [1953-1954]2009, p.33).

Esse trecho do *Seminário I* de Lacan confirma a experiência singular de Freud. O princípio freudiano de tomar cada caso como se fosse o primeiro é, na verdade, uma condição da experiência analítica, uma vez que o analista não abordará o sujeito do inconsciente na transferência através de um saber acumulado. O saber do inconsciente é inexoravelmente inédito, ele é lido a partir de uma estrutura que inclui o real (ELIA, 2000).

O ponto crítico para o pesquisador que pretende construir um caso clínico se dá na passagem da experiência analítica para o relato escrito dessa experiência singular, ou seja, a superação da divisão entre o privado, que acontece no *setting* analítico, e o público.

No texto “A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental”, Ana Cristina Figueiredo (2004) destaca a importância da construção do caso, pois ele é o ponto central da contribuição da psicanálise tanto para a

psicopatologia quanto para a saúde mental. A diferença radical que especifica a psicanálise, distinguindo-a dos outros saberes, é que ela delinea um novo campo, abrindo uma nova porta para a psicopatologia: o campo do Outro (ou, seguindo Freud, o campo do inconsciente e suas formações) – campo onde o sujeito se constitui.

A psicanálise opera sobre o sujeito, e este sujeito a quem chamamos de inconsciente só emerge no trabalho psicanalítico mediante a relação de transferência entre o analista e o analisando. Na transferência, o analisando posiciona o analista no lugar do saber. A emergência do sujeito suposto saber na transferência é o ponto pivô, o elemento essencial para que o analisando trabalhe durante as sessões, acreditando que encontrará a resposta que procura em seu analista. O analista, por sua vez, sustentado por sua ética, sabe que não há o Objeto e a experiência da análise caminha em direção ao real.

Já no intervalo entre as sessões, torna-se possível ao psicanalista ser pesquisador, reunindo o material que coletou das sessões, elaborando uma escrita em que a posição do sujeito em relação ao Outro se revela. Esse produto da pesquisa é um mosaico, uma mistura de elementos heterogêneos que se precipitaram da relação única e singular da transferência. E esse produto deve tocar a verdade do sujeito, incluindo o não dizível do real.

Portanto, a construção do caso clínico não é um compilado da história do doente, pois a história pode revelar muitas coisas, mas não ultrapassa o enunciado egoico, excluindo, dessa maneira, a fala do sujeito, que inclui o dizer. Por esse motivo, o modelo médico ou psicológico não serve para transmitir a experiência psicanalítica. E é por isso que Ana Cristina Figueiredo propõe uma distinção entre a história e o caso. Esse binômio história-caso pode suscitar discussões que enriqueçam o estudo da clínica.

Seguindo a autora, a história é o relato clínico que se apresenta rico em detalhes, cenas e conteúdos. A história pode conter informações sobre a vida do analisando, sua relação com os pais, com o parceiro amoroso, etc. Mas a história deve se fazer caso para que se possa trabalhar em psicanálise:

Pelo contrário, trata-se sim de colocar em jogo os significantes do sujeito, suas produções com base na elaboração em análise, e a resposta do analista em seu ato com os efeitos que daí advenham para cernir certos significantes numa composição mais esquemática, visando decantar a história e traçar o caso a partir do discurso. Só assim será possível recolher dos infindáveis detalhes de uma história a direção de um caso. Enfim, uma história deve se fazer caso para que se possa trabalhar em psicanálise. (FIGUEIREDO, 2004, p.80).

A autora lembra-nos que o caso não é o sujeito, mas uma construção que permite recolher de seu discurso elementos para localizá-lo em sua fantasia, inferindo sua posição

subjetiva. O que Ana Cristina busca em seu artigo é certa formalização do relato de caso que não se reduza a uma teorização formal nem a uma elaboração de saber sobre os problemas do paciente.

Surge, então, uma pergunta: seria possível ao psicanalista pesquisador sustentar a ética da psicanálise e tocar a verdade do sujeito do inconsciente na construção do caso?

Ao longo deste trabalho, são fomentadas reflexões éticas sobre a experiência clínica, para um melhor encaminhamento do propósito de vincular a pesquisa teórica com os achados da experiência analítica. A experiência clínica é soberana para o avanço da teoria psicanalítica, pois só ela permite o encontro com o inusitado, com o não sabido. Portanto, o relato de caso só é válido se trazer esse novo, não sabido, e confrontá-lo com o já sabido da teoria. O estudo de caso é fundamental para a contínua atualização da teoria psicanalítica e, em última instância, falar da clínica no nível de pós-graduação é sustentar o discurso analítico dentro do espaço universitário.

Além desta Introdução, a presente dissertação está dividida em mais dois capítulos, além das **Considerações Finais**. O primeiro capítulo, cujo título é **O Pai na Psicanálise e sua Incidência na Clínica**, inicia-se com a vinheta clínica do caso de André, um analisando que, conforme anteriormente observado, constrói uma demanda de pai no início da análise, posicionando o analista no lugar de pai ideal. O caso de André serve como exemplo para investigar como se articula a demanda de pai em análise e como o analista deve se colocar na transferência a partir dessa demanda.

No item 1.2 – “Da demanda de pai à idealização” –, estuda-se o conceito de demanda na teoria psicanalítica, focando mais especificamente na demanda de pai. Da demanda de pai, passa-se à idealização do analista por parte do analisando. Nesse item, avalia-se de qual lugar deve o analista responder a essa modalidade de demanda, quando o analisando busca identificar-se com o analista no nível do ideal do eu.

Em seguida, faz-se uma sucinta revisão bibliográfica da noção de transferência na teoria de Freud e de Lacan, sobretudo, do surgimento da transferência na entrada em análise.

A questão da demanda de pai na análise desdobra-se na questão do papel do pai na teoria psicanalítica. Ainda no primeiro capítulo, são revisadas as balizas fundamentais que norteiam a noção de pai em psicanálise, recorrendo-se, sobretudo, à teoria de Freud, mas também da teoria de Lacan.

Para começar a revisão da teoria psicanalítica do pai, o fio condutor é o raciocínio de Freud em “Totem e tabu” ([1913 b]1996), texto imprescindível para quem almeja entender o que quer que seja da teoria de pai em psicanálise. No texto citado acima, Freud nos mostra a

origem da relação com o pai. Ao criar o mito do assassinato do pai da horda primeva, Freud revela a primeira identificação com o pai, fortemente reforçada após sua morte. Esta identificação primitiva com o pai foi transmitida ao longo das gerações subsequentes e, atualmente, ainda se encontra presente em toda relação entre pai e filho. A identificação primitiva com o pai morto é mais antiga do que qualquer investimento objetal (FREUD, [1923 a]2011).

No quinto item do Capítulo 1, é abordada a função do pai no complexo de Édipo freudiano, distinguindo-se o pai edípico do pai primitivo. Estuda-se a função do pai na trama edipiana, função que garante ao jovem garoto o acesso à lei simbólica, tomando como ponto de partida a relação do menino com seu pai. Como o Édipo é o núcleo das neuroses (FREUD, [1913 b]1996) e o complexo estruturante para a subjetividade da criança, são esmiuçados suas diferentes etapas e seu desfecho no garoto. Por conta das diversas limitações do presente texto, descreve-se apenas o processo edípico dos meninos, pontuando algumas diferenças em relação à vivência do complexo de Édipo nas meninas.

Já no sexto item do Capítulo 1, introduz-se a noção de função paterna na teoria de Lacan, já que ele foi um psicanalista decisivo na construção do conceito de pai em psicanálise. Foi crucial distinguir-se, com maior clareza, a função do pai nos três registros, a saber, Real, Simbólico e Imaginário, destacando a função do pai simbólico, representada pelo significante Nome-do-Pai.

Ao revisar a literatura sobre esse assunto, ficou evidente que, muitas vezes, os autores ainda se confundem ao falarem do pai, principalmente ao falarem da distinção entre o pai imaginário e o pai real.

No final do Capítulo 1, analisa-se a função do pai na transferência. Não cabe ao analista se posicionar no lugar de pai na análise. O pai, na transferência, só pode ocupar o lugar do ponto morto, possibilitando, dessa maneira, a emergência do desejo do sujeito no tratamento. Portanto, a função do pai na transferência salvaguarda a dimensão do desejo, que é o elemento-força, pivô do trabalho analítico.

Também se faz uma revisão bibliográfica do conceito de sujeito suposto saber na teoria de Lacan. Segundo o autor, no momento em que o analisando se dirige ao analista, posicionando-o no lugar do sujeito suposto saber, a transferência já está fundada.

Fragmentos do caso de André são relatados ao longo da dissertação. Conforme afirmado mais acima, o caso de André serve como exemplo de demanda de pai em análise. Os desdobramentos da análise de André acompanham os desdobramentos da questão inicial que motivou esta pesquisa, permitindo o constante intercâmbio entre a teoria e a clínica.

O segundo capítulo, cujo título é **Vicissitudes da Função Paterna e o Adoecimento Psíquico na Atualidade**, tem como objetivo central analisar a incidência da função paterna na atualidade e as consequências, tanto no nível do individual quanto no nível do social, das vicissitudes sofridas por ela nas últimas décadas. Após o estudo da relação entre pai e filho no Édipo, a distinção da função paterna em cada registro, e sabendo que a função paterna é de corte, ou seja, sua função no complexo de Édipo é simbólica, permitindo à criança reconhecer a castração e estruturar-se a partir dessa falta de significante que complete o Outro, analisou-se o conflito do homem com a sociedade, a repressão das pulsões em prol da manutenção da ordem social e suas consequências.

A perda da autoridade paterna é um importante impasse para a psicanálise contemporânea. Antes, o poder do pai – ligado à exceção representada pelo pai primevo – garantia para cada indivíduo um gozo limitado, um gozo inscrito no circuito fálico. Na contemporaneidade, a desvalorização do pai como exceção é mais que evidente (VIEIRA, 2004), gerando uma cascata de consequências nas subjetividades e na cultura.

No primeiro item do Capítulo 2, a ênfase é dada à ambivalência afetiva inexoravelmente presente na relação do indivíduo com o pai, tomando como base a teoria freudiana, construída ao longo da primeira metade do século XX, sendo trabalhados os textos de Freud mais relevantes sobre o assunto.

Seguindo o pensamento de Freud, pode-se afirmar que, apesar das grandes vicissitudes pelas quais a função paterna passou ao logo do tempo, a ambivalência de sentimentos em relação ao pai não mudou, pois a ambivalência afetiva data do momento do assassinato do pai da horda primeva pelos filhos. Após o assassinato do pai e a proibição do incesto, concomitante com o início da civilização, cada criança que nasce terá de reeditar individualmente o ato parricida, desta vez em sua realidade psíquica.

Em seguida, são analisados os textos sociais de Freud a fim de encontrar neles as possíveis representações do pai. Assim, destaca-se o papel social do líder como substituto do pai no texto “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, [1921]2011). Importante destacar, também no referido texto, a afirmação de Freud sobre o líder poder ser substituído por uma ideia, o que marca a função do líder – o substituto do pai – como simbólica por excelência.

Freud volta a frisar a ordem simbólica e sua lei como o sustentáculo da civilização no texto “O mal-estar na civilização” ([1930]2010). No mesmo texto, o autor trabalha com o termo “supereu da cultura”, ao estabelecer uma similitude entre o processo de desenvolvimento do indivíduo e o processo cultural do homem. O supereu da cultura é muitas

vezes mais severo que o supereu individual, inclusive. Depreendem-se daí os motivos da afirmação de Freud ([1930]2010, p.47): “parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização [...]”.

No item 2.3, são estudados os psicanalistas que analisam o papel do pai na atualidade, muitos anunciando a perda de sua autoridade. Não há dúvida de que vivemos num tempo de grandes mudanças socioculturais. A configuração tradicional da família já não é mais a única possível, o que gera novas modalidades de vínculos amorosos e de gozo. Apesar de tudo isso, ou mesmo com tudo isso, o mal-estar está presente na cultura e questionam-se suas especificidades, suas qualidades atuais, distintas do mal-estar anterior à revolução dos costumes da modernidade. Também se questiona qual papel resta ao pai na atualidade.

Finalmente, no último item do segundo capítulo, questionam-se as repercussões do declínio da autoridade paterna na clínica psicanalítica atual. Com as radicais transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, produziu-se uma dissonância relevante entre a psicanálise e a ordem cultural da segunda metade do século. Portanto, conforme afirma Joel Birman (2009), pode-se enunciar a existência de uma crise da psicanálise na atualidade.

O declínio da função paterna gerou novas formas de mal-estar na contemporaneidade, manifestadas em um conjunto heterogêneo de fenômenos que alguns psicanalistas classificam como “novos sintomas”. Entre as patologias classificadas nessa suposta nova categoria, estão a toxicomania, o pânico, a depressão, a hiperatividade, a bulimia, a anorexia, entre outras. A clínica dos chamados “novos sintomas” caracteriza-se pela predominância dos atos sobre as palavras. Os “novos sintomas” seriam marcados pela desagregação de seu caráter simbólico, o que leva alguns pesquisadores a sustentarem a ideia da fraqueza estrutural e generalizada da metáfora paterna como um achado genérico que nortearia a clínica psicanalítica atual.

A presente dissertação levanta a discussão, indagando se os novos fenômenos da clínica atual podem ser incluídos na categoria de sintoma, no sentido freudiano e lacaniano do conceito. Também se questiona a diferença existente entre a decadência da lei simbólica no social e o suposto declínio do Nome-do-Pai como operador psíquico.

Independentemente das vicissitudes do mundo atual que influenciam o trabalho do psicanalista, observa-se que é preciso que ele continue apostando nas leis do inconsciente e na indestrutibilidade do desejo, sem, no entanto, precisar recorrer à antiga autoridade patriarcal já desvalida.

1 O PAI NA PSICANÁLISE E SUA INCIDÊNCIA NA CLÍNICA

1.1 O exemplo clínico de André

Conforme o afirmado na Introdução, o motivo que me levou a empreender a presente dissertação foi uma situação problemática nascida da clínica. Mais especificamente, da demanda de pai de André, psicólogo, homem que contava 40 anos de idade em 2010.

Inicialmente, André chega a meu consultório após ter procurado uma psicóloga amiga da família e de lhe solicitar a indicação de um analista que fosse do sexo masculino. Agendamos um primeiro encontro e ele pôde, então, falar um pouco de sua história pessoal: sentia-se triste e injustamente abandonado, pois havia acabado de perder a sua esposa, com quem morou por três anos e com quem teve uma filha. O divórcio foi inesperado para ele, pois não houve uma discussão prévia à separação. Ele conta que ela simplesmente “avisou” que se mudaria com a filha para outra cidade, onde moravam alguns de seus familiares – André voltou, então, a morar na casa de sua mãe.

André acredita que sua esposa o abandonou principalmente porque ele ficou desempregado e não tomou atitude para arrumar um novo emprego e mudar a situação: “Ela reclamou várias vezes que a nossa situação financeira estava apertada, me cobrava mais atitude...”. Daí, ele passa a falar de sua dificuldade não só com o trabalho, mas também para sustentar a posição de pai de família. Para André, não foi possível sustentar o papel de homem casado e de pai naquele momento, pois sua grande inibição o levava a assumir uma atitude de passividade perante a vida.

Falando do fracasso em sustentar o lugar de pai, logo despontou sua complicada relação com o próprio pai, marcada por uma extrema ambivalência afetiva. André descreve seu pai como um homem “explosivo”, “emocionalmente instável”, um pai a quem ele teme demasiadamente e em quem ele não consegue confiar, “o pai do não”.

O relacionamento familiar sempre fora tenso, marcado por intensas discussões entre os cônjuges. André consegue recordar seu desejo infantil de ver seu pai “indo embora para nunca mais voltar”. Porém, ao mesmo tempo em que ansiava se livrar do pai, lhe dizia que não se divorciasse de sua mãe, pois, se isso acontecesse de fato, sua vida mudaria, “mudaria para pior”. Sua ambivalência afetiva em relação ao pai se revelava, por exemplo, quando demandava insistentemente sua atenção. Recordava-se também de, frequentemente, lhe

demandar presentes, geralmente objetos valorizados pelo mundo masculino, como relógios e sapatos.

Quando seu pai, de fato, divorciou-se de sua mãe, André entrou num estado depressivo – estava com 14 anos de idade, na época. Foi a partir daquele momento que ele se tornou taciturno, inibido, “sem ânimo para as coisas”. Após a separação dos pais, seu rendimento escolar piorou consideravelmente devido à sua marcada abulia, até o ponto de ter de repetir um ano letivo. A perda não elaborada do pai marcou a subjetividade de André. Sentindo-se “abandonado pelo pai”, persistiu em sua subjetividade, surgindo, além da inibição, um grande sentimento de inferioridade devido à culpa inconsciente por ter “perdido o pai”.

Ao procurar tratamento psicanalítico, André se queixava por ter sido “abandonado injustamente” pela esposa. Estava desempregado, e sua inibição o impedia de procurar um novo emprego.

Já haviam corrido algumas sessões quando André, queixando-se pelo fato de ter sido abandonado pela esposa, contou o motivo pelo qual solicitou à psicóloga sua conhecida a referência de um analista homem: ele se sentia incapaz, inibido, e queria ter um exemplo do que seria um “homem trabalhador”. “Eu disse que gostaria de fazer análise com um homem, um homem que fosse trabalhador... eu queria ter um exemplo do que é ser um homem trabalhador” – esta foi a fala de André, direcionada ao analista. Foi ao redor desse significante – “homem trabalhador” – que André pôde construir uma demanda de análise. “Homem trabalhador” foi o significante que ele direcionou ao analista para iniciar a relação transferencial.

Para se aceitar alguém em análise, faz-se mister avaliar sua posição subjetiva, e a posição do sujeito remete, irremediavelmente, à sua relação com o Outro (LACAN, [1964]2008). Neste momento, relato um sonho paradigmático do analisando – inclusive, serei o mais fiel possível às suas palavras –, um sonho que julgo ser de extrema importância, pois revela sua posição subjetiva perante o Outro: “Eu estava pegando uma carona de meu pai, para ir ao trabalho. Comecei a me sentir desorientado, porque ele começou a entrar em ruas que eu não conhecia. De repente, meu pai parou o carro num lugar que não tinha nada e me disse: você salta aqui! Eu estava perdido... E, para piorar, meu pai jogou para mim, através da janela do carro, um saco pesado contendo uma galinha morta! Eu fiquei paralisado, não sabia para onde ir, ainda mais carregando aquele saco pesado que continha a galinha morta”. No sonho, André se sente abandonado pelo pai, sem rumo e carregando um objeto pesado e sem valor.

Esse sonho revela a posição subjetiva de André. Ele foi “abandonado pelo pai” na adolescência. Já na idade adulta, vivenciou outra situação de abandono, desta vez da esposa. A repetição do significante “abandonado” aponta para o gozo repetitivo proveniente do sintoma.

Na entrada em análise, André articula o significante “abandonado”, que representa o sintoma, ao significante “homem trabalhador”, representante do analista. Que seu analista fosse um “homem trabalhador”, esta era a condição para a elaboração da demanda e para a entrada em análise desse indivíduo, pois tal significante é, para ele, uma tentativa de construir um ideal do eu, que ele não conseguiu construir na relação com seu pai, o “pai do não”.

A vida de André foi marcada, desde sua infância, pela ausência do pai. O divórcio dos pais, que culminou no “abandono” da família por parte do pai, funcionou apenas como o fator desencadeante do adoecimento psíquico do analisando. Na verdade, muito antes do divórcio André já mantinha um convívio distante com o pai. Pelo fato de seu pai ter um caráter agressivo e comportamento “imprevisível”, André o temia demasiadamente. As expressões “pai do não” e pai do qual ele “não conseguia se aproximar” são utilizadas pelo analisando para representar esse impossível da relação entre pai e filho. Por isso mesmo, segundo relata André, seu pai é “um coronel”, com quem ele nunca conseguiu “completar o entendimento”.

Na fala de André, sua relação infantil com o pai foi marcada por essa aproximação impossível. Na verdade, as demandas que André dirigia ao pai nunca tinham resposta. Suas repetidas tentativas de ser reconhecido e amado pelo pai findavam, na maior parte das vezes, em grande frustração para o garoto. Ao pai de André não interessava saber sobre o desejo de seu filho, era o “pai do não”.

De acordo com Freud, durante os primeiros anos da infância, o amor pelo pai caminha lado a lado com o amor pela mãe, sem gerar conflito. O menino espera do pai, sobretudo, proteção, cuidado e indulgência (FREUD, [1913 b]1996).

Em “Introdução ao narcisismo” ([1914 a]2010), Freud destaca o amor que os pais dedicam aos filhos. A atitude terna de muitos pais para com seus filhos revela a revivescência e a reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado.

Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmagô da Criação. His majesty the baby, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar-se de um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil,

não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, [1914 a]2010, p.37).

Para além do amor que o pai dedica ao filho, tão fundamental para o desenvolvimento da criança, o pai inicialmente serve de modelo ao jovem garoto. Freud, em diferentes momentos de sua vida e de sua escrita, destaca a importância do pai na constituição subjetiva do menino. O pequeno garoto admira o pai e tenta imitá-lo, quer ser como ele. A imagem do pai serve como modelo para identificação e o desejo do pai auxilia na construção do ideal do eu do jovem garoto.

No caso de André, o escasso amor que seu pai lhe dedicou marcou profundamente sua subjetividade. As inconstâncias emocionais do pai dificultaram a aproximação do filho. Na verdade, seu pai o menosprezava, como relata André ao afirmar que ele é o “pai do não”, o pai que “cala sua boca”, ou seja, que não autoriza sua fala. O pai joga para André significantes “pesados”, tais como: “Você é muito gordo”; “Você não vai conseguir um emprego”; “Você não ganha muito dinheiro”. Pensando no sonho relatado na vinheta clínica acima, a “galinha morta” que aparece no sonho é o objeto que representa bem esses significantes “pesados” e de menosprezo que o pai joga para ele através da janela do carro. O analisando está identificado com esse objeto pesado e sem valor, que fora abandonado pelo pai. O que fazer com essa galinha morta e pesada? Essa é a pergunta do sonho de André, que se transforma também em minha questão de pesquisa.

O menosprezo com que seu pai o tratava e, ainda, o temor que André sentia de seu caráter agressivo intensificaram a ambivalência dos sentimentos do analisando para com o pai. Por temê-lo demasiadamente, André não conseguiu se rebelar contra sua autoridade, tendo aceitado passivamente o lugar designado por seu pai de alguém sem valor e desautorizado para seguir em frente na vida.

Em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)”, o autor escreve:

Estamos perfeitamente familiarizados com a atitude infantil dos meninos para com o pai; ela se compõe da mesma mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus. (FREUD, [1911]1996, p.60).

Freud, recorrentemente, destacou a ambivalência afetiva inexoravelmente presente na relação entre pai e filho. No caso de André, o impulso hostil não direcionado ao pai

alimentava ainda mais sua ambivalência de sentimentos, reforçando o sentimento de culpa. Sua inibição o fez abnegar de boa parte de sua masculinidade.

Quando seu pai saiu de casa, André sentiu-se “abandonado”. O significante do abandono aponta para o gozo repetitivo de André. Conforme o material descrito no sonho da “galinha morta”, no qual ele foi abandonado pelo pai num lugar ermo, há tantos outros sonhos cujo conteúdo latente e recorrente é o mesmo significante do abandono. Vejamos, a seguir, o relato de outro sonho, apenas como exemplo.

“No sonho eu ainda era criança e estava na rua, descalço. Aí meu pai me viu e ficou surpreso, pois eu estava descalço. Daí ele entrou numa loja, prometendo me comprar um par de sapatos e eu fiquei esperando... Ele não voltou mais”. Depois de relatar o sonho, André associa o par de sapatos que o pai não lhe deu com o trabalho: “Como vou trabalhar sem sapatos?”.

O sonho relatado acima revela a inibição de André para o trabalho. André permaneceu desempregado durante anos e poucas vezes, nesse longo período, tomou alguma atitude para conseguir um novo emprego. Sentindo-se “desautorizado” pelo pai e apresentando acentuado sentimento de inferioridade, o jovem não encontrou recursos para exercer seu papel na sociedade. Como trabalhar sem os sapatos que deveriam ter sido providenciados pelo pai?

Sabemos que o mesmo papel é desempenhado pelo pai, tanto no complexo de Édipo quanto no complexo de castração (FREUD, [1913 b]1996). O caráter agressivo do pai, seu temperamento irritadiço, a falta de cuidado com o filho, todas essas características paternas aguçaram o complexo de castração de André. A ameaça de castração por parte do pai intensificou a ambivalência de sentimentos do analisando para com ele, e, levando-se em consideração que o conflito entre afetos opostos direcionados ao mesmo objeto gera sentimento de culpa, podemos inferir que o grande sentimento de culpa de André é proporcional à ambivalência afetiva que ele vivenciou na relação com o pai durante toda sua infância. A soma desses fatores – que, em verdade, atuam em conjunto e são inerentes ao complexo paterno – parece ter sido a causa de sua acentuada inibição vital. Vivendo na dependência da mãe e subjugado pelo desejo dela, André procura em seu analista a imagem de “um homem trabalhador”, pois ele mesmo gostaria de também ser um “homem trabalhador”. Conforme dito anteriormente, André articula o significante “abandonado”, representante de seu sintoma, com o significante “homem trabalhador”, representante do analista.

A falta de identificação com o pai foi o motivo que levou André a demandar do analista um modelo para a construção de seu ideal – demanda no nível do registro imaginário,

portanto. Não que o sujeito André tenha foracluído a castração, o que apontaria para um caso de psicose. A falta – ou, talvez melhor, a falha – de identificação com o pai, neste caso, não é correlativa da foraclusão, pois, como bem afirma Lacan ([1956-1957]1995, p.102):

Ora, toda a cadeia de experiência não pode, literalmente, ser concebida colocando-se inicialmente o princípio de que nada se articula e se constrói na experiência, que nada se instaura como conflito propriamente analisável senão a partir do momento em que o sujeito entra numa ordem que é ordem de símbolos, ordem legal, ordem simbólica, cadeia simbólica, ordem da dívida simbólica.

No momento em que André demanda do analista que ele banque o papel do pai ideal, como um elemento que sirva de modelo para se identificar, ali, em seu caso, a problemática do pai já está no nível da ordem simbólica, ordem regida pela lei fálica.

Enfim, inicialmente, André busca a construção do pai ideal em análise, e sabemos quão importante esse ideal é para o narcisismo de cada indivíduo. À busca do pai ideal corresponde a busca do ideal do eu, e é o ideal do eu quem mede o eu, fazendo aumentar ou diminuir seu amor-próprio, pois o ideal é “o substituto para o narcisismo perdido da infância” (FREUD, [1914 a]1996). André quer elevar-se à dignidade dos ideais do pai para reconhecer-se neles.

1.2 Da demanda de pai à idealização

Geralmente, o que leva alguém a procurar análise é o sofrimento causado por um sintoma. O paciente sofre, queixa-se de seu sintoma, quer ser curado e demanda do analista justamente a cura do sintoma. O analista, então, oferta sua escuta, possibilitando a fala do candidato à análise e a construção da demanda. Falar já é demandar, mas a demanda não pode ser acolhida pelo analista em estado bruto, ela tem de ser questionada, revirada, pondo o futuro analisando a trabalhar. É preciso que a demanda inicial seja transformada em demanda analítica para se iniciar o tratamento. Para que a demanda comum se transforme em demanda analítica, faz-se necessário um trabalho prévio, que Freud nomeou de tratamento de ensaio, já Lacan o nomeou de entrevistas preliminares.

Portanto, o primeiro objetivo da terapia analítica é o de construir a relação de transferência entre o analisando e o analista. Com o auxílio do analista, o candidato a análise consegue, paulatinamente, eliminar as resistências e fortalecer a transferência. Freud afirma que, inicialmente, o mais comum é o analisando incluir o analista numa das séries de relações

amorosas que ele já vivenciou. Segundo Freud, de início, é mais frequente a transferência do analisando suceder conforme a imago de uma das figuras parentais.

É perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico. Conforme nossa premissa, tal investimento se apegará a modelos, se ligará a um dos clichês presentes no indivíduo em questão ou, como podemos também dizer, ele incluirá o médico numa das 'séries' que o doente formou até então. Combina com os laços reais com o médico o fato de nessa inclusão ser decisiva a 'imago paterna' (para usar a feliz expressão de Jung). Mas a transferência não se acha presa a esse modelo, pode também suceder conforme a imago da mãe, do irmão etc. (FREUD, [1912]2010, p.136).

Disso depreende-se que a demanda de pai em análise não é a exceção, mas a regra. Ao longo do percurso analítico, o mais provável é que o analisando, em algum momento, posicione o analista no lugar de pai e lhe dirija significantes que permeiam essa relação.

No caso de André, ele procura o analista para falar do pai, do pai que não o reconheceu, do pai que sempre lhe disse "não" e que o rejeita. Ele procura análise para ser reconhecido pelo analista, colocado logo nas primeiras entrevistas como substituto do pai. Enfim, o analisando queixa-se das tantas faltas de seu pai para com ele e demanda do analista que banque o papel do pai que ele gostaria de ter.

Mas o que é a demanda? Em seu quinto Seminário, Lacan ([1957-1958]1999) responde que a demanda é aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro. Ou seja, a primeira demanda não pode ser aceita sem um trabalho prévio, a demanda precisa ser decantada, questionada pelo analista, para que, por intermédio do significante, seja dirigida ao Outro.

Voltando ao caso de André, ele se refere ao analista como um "homem trabalhador". Inicialmente, André demanda que o analista lhe ensine a ser um "homem trabalhador", ele quer ser um "homem trabalhador", como imagina que seja seu analista. Essa demanda inicial, prevalentemente imaginária, foi questionada pelo analista. O analista, então, lhe pergunta: "O que é ser um homem trabalhador, para você?".

Sabemos que, independentemente do tipo de demanda construída pelo analisando, o analista não deve respondê-la. O analista oferece sua escuta para que o analisando fale. Ao ofertar a fala ao analisando, o analista, sustentando a demanda deste, promove as condições favoráveis para que retornem as frustrações retidas nos significantes recalcados do analisando. Não responder à demanda é o que permite o surgimento da transferência e a continuação da análise. Se o analista respondesse à demanda do analisando, estaríamos no campo da sugestão, conforme o pensamento de Lacan ([1958]1998, p.641): "Quer se pretenda

frustradora ou gratificante, toda resposta à demanda na análise conduz a transferência à sugestão”.

Com a demanda de pai é a mesma coisa, o analista põe a demanda “entre parêntesis” (LACAN, [1958]1998). No caso de André, há a especificidade de sua demanda de pai ter sido o motivo de sua entrada em análise. André constrói a demanda de pai logo de início. Para ele, foi necessário posicionar o analista no lugar de pai para entrar em análise.

O analista, ao não responder à demanda inicial de André, favoreceu o retorno do significante “abandonado”. O principal sofrimento que levou André a buscar análise foi o “abandono” de sua mulher. Posteriormente, o sonho da “galinha morta” – conforme relatado no tópico anterior – fez o analisando recordar-se da primeira e mais penosa experiência de abandono, quando seu pai deixou o lar familiar.

A repetição desse significante do abandono aponta o gozo de André, ele é o significante representante do sintoma, elaborado como sintoma analítico por se ter transformado num enigma para o analisando. Há alguma relação entre o abandono mais recente de sua esposa e a primeira experiência de abandono, quando o analisando tinha apenas quatorze anos de idade? – é a pergunta que André dirige ao analista.

O sonho da “galinha morta” foi crucial na entrada em análise de André, pois é um sonho que implica o analista, tornado, doravante, o lugar da transferência (LACAN, [1956-1957]1995). Pelo fato de André demandar do analista o papel de sucedâneo do pai, o sonho da “galinha morta” traz também, implicitamente, o medo de ser mais uma vez abandonado e, desta vez, pelo analista. Disso depreende-se que a transferência não é a sombra de algo que tenha sido vivido antigamente, os efeitos da transferência são vivenciados presentemente, no aqui e agora.

Em relação ao significante “homem trabalhador”, este é o significante representante do analista no algoritmo da transferência formalizado por Lacan (QUINET, 1991), e é o significante da identificação do analisando no nível do Ideal do eu. Sabemos, desde Freud ([1912]2010, p.137), que a transferência na análise nos aparece, de imediato, “[...] como a mais forte resistência ao tratamento”. No caso de André, o analista encontra-se em situação delicada, pois posicionar o analista no lugar do pai idealizado na entrada em análise traz à baila o complexo ideativo inconsciente vinculado à relação prévia do analisando com seu pai, podendo este complexo ideativo servir como o mais forte aliado da resistência. Em “A dinâmica da transferência”, diz Freud ([1912]2010, p.140):

Seguindo um complexo patogênico desde sua representação no consciente (seja evidente, na forma de sintoma, seja bastante discreto) até sua raiz no inconsciente, logo se chega a uma região em que a resistência vigora tão claramente que a associação seguinte tem de levá-la em conta e aparecer como compromisso entre as suas exigências e as do trabalho de investigação. É então, segundo nossa experiência, que surge a transferência. Quando algo do material do complexo (do conteúdo do complexo) se presta para ser transferido para a pessoa do médico, ocorre essa transferência; ela produz a associação seguinte e se anuncia mediante sinais de resistência como uma interrupção, por exemplo. Dessa experiência inferimos que essa ideia transferencial irrompeu até a consciência antes de todas as outras associações possíveis porque satisfaz também a resistência. Algo assim se repete inúmeras vezes no curso de uma análise. Sempre que nos avizinhamos de um complexo patogênico, a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com enorme tenacidade.

Também na Conferência XIX, cujo título é “Resistência e repressão” ([1917]1996), Freud destaca o possível momento de resistência à análise quando o analisando posiciona o analista no lugar do pai na relação transferencial:

Se o paciente é um homem, geralmente extrai este material de sua relação com seu pai, em cujo lugar coloca o médico, e dessa forma constrói resistências que surgem a partir de seu esforço de se tornar independente, em si próprio e em suas opiniões, a partir de sua ambição, cujo objetivo primeiro consistia em fazer as coisas tão bem como seu pai, ou superá-lo; ou a partir de sua aversão a se endividar, pela segunda vez na vida, com uma carga de gratidão. Assim, às vezes, tem-se a impressão de que o paciente substitui inteiramente sua melhor intenção de pôr um fim à sua doença, pela intenção alternativa de negar que o médico tenha razão, de fazer com que este reconheça sua impotência e de triunfar sobre ele. (FREUD, [1917]1996, p.297).

A demanda de André do analista como sucedâneo do pai porta, inerentemente, o risco do fim precoce da análise. O analista como substituto do pai na entrada em análise pode servir como a mais forte resistência ao trabalho analítico. Neste caso, o analisando poderia – como avalia Freud – tomar o analista como rival e tentar eliminá-lo ou superá-lo. Provavelmente, a longa relação de submissão de André ao pai, a enorme culpa por ter sido “abandonado” por este e seu acentuado sentimento de inferioridade contribuíram para que ele não pusesse fim à sua análise, que apenas se iniciava. A posição subjetiva de André, no início do percurso analítico, é – conforme revelado no sonho da “galinha morta” – a de um sujeito que foi abandonado e que se “paralisou” diante da impossibilidade de se encontrar em sua própria realidade desprovida de um referencial paterno.

Portanto, temos a seguinte situação: o analisando posiciona o analista no lugar do pai na entrada em análise e demanda dele a representação do que deve lhe servir para continuar caminhando em sua vida. André demanda do analista a representação do Ideal do pai que ele necessita para guiar-se a si mesmo, para medir seu eu em relação a esse ideal. Ou seja, da

demanda inicial de pai, passa-se à idealização do analista – de onde responder a essa demanda?

Freud, em “Esboço de psicanálise” ([1938]1996), ressalta que, se o analista é colocado no lugar de pai na relação transferencial, disso pode resultar vantagem para a análise:

Ademais, a relação de transferência traz consigo duas outras vantagens. Se o paciente coloca o analista no lugar do pai (ou mãe), está também lhe concedendo o poder que o supereu exerce sobre o eu, visto que os pais foram, como sabemos, a origem de seu supereu. (FREUD, [1938]1996, p.190).

Porém, logo abaixo no texto, Freud alerta o risco do analista fazer mau uso dessa influência, desviando o trabalho analítico de suas premissas fundamentais:

A essa altura, cabe uma advertência contra o mau uso dessa nova influência. Por mais que o analista possa ficar tentado a transformar-se num professor, modelo e ideal para outras pessoas, e criar homens à sua própria imagem, não deve esquecer que essa não é a sua tarefa no relacionamento analítico, e que, na verdade, será desleal a essa tarefa se permitir-se ser levado por suas inclinações. (FREUD, [1938]1996, p.190).

Recorrendo à teoria lacaniana, constatamos que, no primeiro tempo da transferência, o analisando idealiza o analista. Em *O Seminário, Livro 5*, Lacan afirma que a experiência analítica se iniciou em torno da identificação que produz o Ideal do eu, pois é o ponto de conclusão da crise do Édipo:

Eu lhes trouxe, da última vez, um primeiro apanhado da identificação que produz o Ideal do eu, na medida em que este é o ponto de saída, o ponto-pivô, o ponto de conclusão da crise do Édipo em torno da qual se iniciou a experiência analítica, e em torno da qual ela não para de girar, ainda que assuma posições cada vez mais centrífugas. Insisti nisto, em que toda identificação do tipo Ideal do eu vinculava-se ao relacionamento do sujeito com certos significantes, no Outro, aos quais chamei insígnias, e nos quais essa própria relação vinha enxertar-se num outro desejo que não o que havia confrontado os dois termos, o sujeito e o Outro, como portador dessas insígnias. (LACAN, [1957-1958]1999, p.315).

O analisando, inicialmente, se relaciona com o analista no nível do Ideal do eu, pois, dali, o analisando se sente amado. No primeiro tempo da transferência o sujeito tem uma relação com seu analista “cujo centro está no nível desse significante privilegiado que se chama ideal do eu [...]” (LACAN, [1964]2008, p.249). Para parecer-se amável a si mesmo, André se relaciona com o analista no nível do Ideal do eu.

Porém, sabemos que não é desse lugar do ideal que o analista deve responder à demanda de amor do analisando. Na verdade, esse amor do analisando – como todo amor – só é

referenciável no campo do narcisismo, pois “amar é, essencialmente, querer ser amado” (LACAN, [1964]2008, p.245). Portanto, o efeito da transferência é o amor, mas o amor do analisando tem efeito de tapeação, conforme escreve Lacan. Esse amor surgido da relação transferencial revela sua face de resistência ao trabalho analítico.

Se o analista aceitar ocupar esse lugar, estará reforçando a resistência do analisando, pois o Ideal do eu é o ponto de onde o analisando se vê amável. A operação e a manobra da transferência devem conduzir o sujeito a outro ponto, ponto no qual ele se vê causado pela falta, hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito (LACAN, [1964]2008).

André, por exemplo, quer ser reconhecido como amável pelo analista, porém sua demanda de amor paterno esconde sua posição subjetiva na relação com o Outro materno. A mãe lhe dá “leite quente”. Para receber o “leite quente”, não é necessário nenhum esforço, André recebe o leite passivamente, pois ainda está atado a um “cordão” que o liga à mãe – nesta fala do analisando, evidencia-se o que está em causa na regressão, pois a regressão nada mais é do que “[...] o retorno, no presente, de significantes comuns, em demandas para as quais há uma prescrição” (LACAN, [1958]1998, p.624).

O analisando mora com a mãe e, apesar de se sentir “desvalorizado” por ela e de receber duras críticas em relação ao seu comportamento, usufrui de todos os mimos dessa condição. O “leite quente” ofertado pela mãe revela a comodidade de sua posição de gozo. A mãe que o “nutre”, reforça, dessa maneira, a posição passiva de André.

Da relação regressiva com a mãe, André nada quer saber e resiste duramente quando o analista se aproxima, de alguma forma, de sua relação com a mãe durante as sessões. Nessas ocasiões, o analisando comporta-se como uma criança que se sente ameaçada por um estranho, tal como foi descrito por Freud em “Análise terminável e interminável”:

O paciente agora encara o analista como não mais do que um estranho que lhe está fazendo exigências desagradáveis, e comporta-se para com ele exatamente como uma criança que não gosta do estranho e não acredita em nada do que este lhe diz. (FREUD, [1937 a]1996, p.255).

Na análise, portanto, a relação transferencial deve caminhar no sentido contrário à identificação, favorecendo, assim, a divisão do sujeito em tratamento.

É Lacan quem sustenta que o analista tem de tombar, cair, da idealização. Diz ele:

Para lhes dar fórmulas-referência, direi – se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o *a*, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o

suporte do *a* separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele, o hipnotizado. (LACAN, [1964]2008, p.264).

A experiência analítica mostra que o manejo da transferência encaminha a demanda do analisando à identificação com o analista colocado no nível do Ideal do eu, porém o desejo do analista dirige-se para um sentido contrário à identificação, revelando o sujeito do inconsciente.

O esquema que lhes deixo como guia de experiência, como também da leitura, lhes indica que a transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um *x*, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão. (LACAN, [1964]2008, p.265).

Apesar da identificação com o analista no primeiro tempo da transferência, Lacan enfatiza que essa não é a experiência total da análise, muito menos sua finalidade. É possível o sujeito atravessar o plano da identificação na análise.

O próximo tópico do primeiro capítulo tem como objetivo fazer uma sucinta revisão do tema da transferência, enfocando, principalmente, o momento da entrada em análise na teoria de Freud e de Lacan. Os três tópicos seguintes serão dedicados ao estudo do papel do pai na teoria psicanalítica, baseados, também, na teoria de Freud e de Lacan. O fato de André ter posicionado o analista no lugar do pai ideal repercutiu na necessidade de nos aprofundarmos no estudo da teoria psicanalítica do pai, sobretudo em sua vertente articulada à experiência clínica, o que corrobora para situar o analista em sua prática.

1.3 Sobre a transferência em Freud e Lacan

A medicina foi o berço da psicanálise. Freud, médico vienense, inicialmente procurou a origem dos sintomas neuróticos através do contato com os mestres da medicina, tais como Breuer e Charcot. Mas esses mestres nunca abandonaram as teorias organogênicas e, no final, explicavam toda a rica e variada sintomatologia histérica a partir da fisiologia.

Antes de descobrir o método apropriado à psicanálise, Freud se utilizou de outros métodos, como o método hipnótico e o catártico. Foi apenas após abandonar a técnica hipnótica e introduzir a associação livre que ele, de fato, iniciou o tratamento analítico. Mas o

método catártico de Breuer não fora totalmente inútil, dado que lhe possibilitou conhecer o processo mental da regressão, tão característico da neurose. Porém, o que Breuer deixou escapar, com seu método, foi a etiologia sexual da neurose, posto que ele não se permitiu avançar no tratamento ao ser surpreendido por um “fato inconveniente” – a transferência de Ana O para com ele, cuja motivação era sexual.

Coube a Freud revelar o surgimento da transferência sob a forma francamente sexual. A primeira vez que Freud se utilizou do termo “transferência” foi em 1893, no quarto capítulo intitulado “a psicoterapia da histeria”, do artigo “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1996). Freud destacou a inconveniência do surgimento da transferência, pois ela se manifesta como um grande obstáculo ao tratamento. No momento em que a paciente “[...] se assusta ao verificar que está transferindo para a figura do médico as representações aflitivas que emergem do conteúdo da análise” (FREUD [1893]1996, p.313), ela para de associar, e o tratamento só avançará depois de o obstáculo ser descoberto e demonstrado.

Freud, então, escreve:

A princípio, fiquei muito aborrecido com esse aumento do meu trabalho psicológico, até que percebi que o processo inteiro obedecia a uma lei; e então notei também que esse tipo de transferência não trazia nenhum aumento significativo para o que eu tinha de fazer. (FREUD [1893]1996, p.315).

Esse é um texto pré-psicanalítico de Freud, mas já se vê esboçado aí o fato de a transferência seguir uma lei e de ser indispensável ao futuro tratamento analítico. E, se a transferência segue uma lei, então é possível vislumbrar a construção de uma técnica para manejá-la.

Nesse mesmo texto, Freud já relata o surgimento de um novo sintoma durante o tratamento – oriundo da relação estabelecida entre o paciente e o médico –, o qual se modela com base num sintoma muito antigo e esquecido pelo paciente, transformando, assim, o passado esquecido numa presença atual.

Não se deter neste ponto crucial do surgimento do amor de transferência permitiu a Freud descobrir a Outra cena, o inconsciente recalçado que jaz por detrás dos fenômenos revelados nos quadros neuróticos. A partir desse ponto, Freud inaugurou a psicanálise, e sua teoria deu grandes passos para frente. No artigo dedicado ao caso clínico de Dora, Freud confirma que a transferência é uma exigência indispensável para a técnica analítica. Naquele período, ele manteve a ideia da transferência como a mais forte resistência à análise e que, portanto, deveria ser combatida pelo analista:

Quando se penetra na teoria da técnica analítica, chega-se à concepção de que a transferência é uma exigência indispensável. Na prática, pelo menos, fica-se convencido de que não há nenhum meio de evitá-la, e de que essa última criação da doença deve ser combatida como todas as anteriores. (FREUD, [1905]1996, p.111).

No trecho do texto freudiano citado acima, fica evidente seu desconforto diante do surgimento da transferência, mas sem ela não há análise possível. Freud relata que o fenômeno da transferência não foi uma criação da psicanálise. Na verdade, a psicanálise apenas revelou a transferência e dela se aproveitou com fins terapêuticos.

No caso da paciente Dora, Freud ressalta que foi obrigado a falar da transferência, pois, somente através desse fator, ele pôde esclarecer as particularidades de sua análise. Mais adiante no texto, escreve sobre o final precoce do tratamento de Dora, justamente pelo fato de ele não ter conseguido “[...] dominar a tempo a transferência” (FREUD, [1905]1996, p.113).

Dora, inicialmente, transferiu para Freud a figura do pai – Freud substituiu o pai em suas fantasias. Posteriormente, houve uma mudança, e Dora fez uma transferência do Sr. K para Freud. Ele afirma que demorou em detectar essa mudança na transferência – fica exposta aqui sua natureza dinâmica –, o que gerou resistência à análise e sua consequente interrupção.

Ao longo de sua vida, que coincide com sua incansável pesquisa, Freud escreveu outros tantos artigos que abordam o tema da transferência analítica. Estudar os fatores que influenciam e favorecem o nascimento desta, possibilitando assim o início do trabalho analítico, foi um tema que perseguiu Freud até o final de seus dias. E este tema continua sempre atual por motivos óbvios, uma vez que nenhum psicanalista após Freud negou sua afirmação de que a transferência é a mola mestra do tratamento analítico.

Portanto, analisar a constelação de elementos que regem o momento da entrada em análise tem relevância, pois sabemos da grande dificuldade com a qual os analistas se deparam em sua atividade clínica na atualidade. Muitas vezes, o esforço do analista em questionar o sintoma do analisando e de auxiliá-lo na elaboração da demanda de análise resulta ser em vão. O analisando evita implicar-se em seu sofrimento e não se dirige ao analista como aquele que sabe de sua dor, não promovendo, conseqüentemente, a emergência do sujeito suposto saber, pivô da transferência.

Nos dias atuais, está mais difícil o surgimento da transferência na relação analítica. A problemática maior parece estar justamente no nível da demanda (BIRMAN, 2009). Às vezes, o candidato à análise insiste em permanecer num tipo de relação que se poderia chamar de horizontal com o analista – uma relação onde o analista se situa no mesmo nível que o

analisando, como numa espécie de partida a dois. E sabemos com Lacan ([1960-1961]1992) que a partida da análise não é estruturável unicamente em termos de partida a dois.

Na transferência, o analista será convocado a ocupar o lugar do Outro do sujeito a quem são dirigidas suas demandas (QUINET, 1991). Este tipo de relação horizontalizada dificulta a elaboração da demanda para a entrada em análise.

Portanto, na análise, a posição do analista não é simétrica à do analisando, encontrando-se em outro ponto. Trata-se aqui da questão da relação de cada indivíduo com a autoridade na atualidade, o que nos remete, inevitavelmente, à relação do analisando com o pai.

Retornando a Freud, seus textos técnicos entre 1911 e 1915 são cruciais para iniciar o estudo sobre as condições que regem o momento da entrada em análise e o despontar da relação transferencial entre analista e analisando. Em seu artigo “A dinâmica da transferência” ([1912]2010), Freud afirma que a transferência é um tema quase inesgotável. Nesse texto, ele almeja, principalmente, entender como surge a transferência na análise e como ela chega a desempenhar seu conhecido papel no tratamento.

É o manejo da transferência por parte do analista que possibilita “[...] tornar atuais e manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes” (FREUD [1912]2010, p.146). Inicialmente, o analisando investe sua libido no analista e, inevitavelmente, o analisando o incluirá numa das séries que ele formou até então. Freud ressalta que os modelos previamente estabelecidos de relação amorosa são diversos, mas o mais comum é a transferência do analisando suceder conforme a imago de uma das figuras parentais.

É perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico. Conforme nossa premissa, tal investimento se apegará a modelos, se ligará a um dos clichês presentes no indivíduo em questão ou, como podemos também dizer, ele incluirá o médico numa das ‘séries’ que o doente formou até então. Combina com os laços reais com o médico o fato de nessa inclusão ser decisiva a ‘imago paterna’ (para usar a feliz expressão de Jung). Mas a transferência não se acha presa a esse modelo, pode também suceder conforme a imago da mãe, do irmão etc. (FREUD, [1912]2010, p. 136).

Portanto, o primeiro objetivo da terapia analítica é o de construir a relação transferencial entre o analisando e o analista, e isso demanda um tempo variável. O momento em que o indivíduo entra pela primeira vez no consultório do analista não é correlato ao início do tratamento. Faz-se necessário um trabalho prévio, denominado por Freud de tratamento de ensaio, cujo principal objetivo é ofertar a escuta para que o indivíduo fale. Com o auxílio do analista, o candidato a análise consegue paulatinamente eliminar as resistências e estabelecer

uma relação com ele, de acordo com uma das imagos daquelas pessoas de que estava acostumado a receber amor, conforme dito anteriormente.

No texto “O início do tratamento”, Freud ([1913]2010) recomenda aos psicanalistas reconhecerem certos elementos geralmente presentes no início da análise. Freud destaca a importância do início do tratamento para o futuro sucesso de uma análise, ao compará-lo com o jogo de xadrez:

Quem desejar aprender nos livros o nobre jogo do xadrez logo descobrirá que somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática exaustiva, enquanto a infinita variedade de movimentos após a abertura desafia uma tal descrição. Apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução. As regras que podemos oferecer para o exercício do tratamento psicanalítico estão sujeitas a limitações parecidas. (FREUD, [1913]2010, p.164).

No texto acima referido, Freud reúne algumas regras acerca do início do tratamento, sempre ressaltando que não são regras absolutas, mas sim “recomendações” com o intuito de auxiliar o psicanalista em sua clínica.

Freud ([1913]2010, p.180), então, se pergunta: “[...] em que ponto e com que material se deve começar o tratamento?”.

É por demais sabido que a única regra a que não se pode escapar é a regra fundamental da técnica psicanalítica, a da associação livre, que deve estar presente desde a primeira entrevista com o analisando. No mais, não importa com que material o analisando iniciará seu percurso analítico, cabe a ele escolher.

Porém, independentemente do material escolhido *a priori*, inicialmente o analisando demanda de seu analista a cura do sintoma, ele demanda livrar-se de seu sintoma que lhe causa intenso sofrimento. Mas sabemos, desde Freud, que o analista não deve satisfazer a demanda do analisando, pois, se assim o fizer, estará fazendo um tratamento por sugestão, fora do campo da transferência. Freud vincula a entrada em análise ao momento em que a transferência se transforma em resistência:

Enquanto as comunicações e os pensamentos espontâneos do paciente ocorrerem sem interrupção, não se deverá tocar no tema da transferência. Para cuidar disso, o mais delicado dos procedimentos, espera-se até que a transferência tenha se transformado em resistência. (FREUD, [1913]2010, p.187).

A presença da resistência é o indício da proximidade do retorno dos elementos recalçados mais cruciais (ROUDINESCO, 1998). É a partir deste ponto lógico que o analista

pode começar a interpretar, segundo Freud. O analista utilizará a intensidade da transferência para que o analisando supere suas resistências e inicie seu percurso analítico.

Lacan foi o psicanalista que, retornando a Freud, distinguiu com mais clareza os elementos em causa no início do tratamento analítico. Ele perpetuou termos tais como a retificação subjetiva, a demanda de análise e o sintoma analítico, tendo, inclusive, matematizado a entrada em análise ao construir o algoritmo da transferência. Segundo Antonio Quinet (1991, p.27), o algoritmo da transferência “[...] é o que responde, num esforço de formalização, independente das particularidades de cada um, à própria estrutura da entrada em análise”.

Em seu texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” ([1958]1998), Lacan ressalta os desgastes da técnica psicanalítica devido à sua desconceituação por parte dos pós-freudianos. O autor se baseia em sua doutrina do significante e na distinção entre Simbólico, Imaginário e Real para dominar, com mais clareza, os grandes conceitos freudianos e conceber o verdadeiro lugar em que se produzem os efeitos da técnica da psicanálise.

A direção do tratamento se ordena segundo um processo que vai da retificação subjetiva – retificação das relações do sujeito com o real – ao desenvolvimento da transferência e, depois, à interpretação.

Retomando o assunto da entrada em análise, inicialmente o analista oferta sua escuta, possibilitando a fala do analisando e a construção da demanda. Falar já é demandar, pois a demanda do analisando é intransitiva, não implica nenhum objeto.

Sobre a resposta do analista à demanda do analisando, Lacan é categórico: “Eu me calo. Todos concordam que eu frustro o falante, e ele em primeiríssimo lugar, assim como eu” (LACAN, [1958]1998, p.623). Mas por que ele se cala? Lacan afirma que se cala para sustentar a demanda do analisando:

Assim, o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida. (LACAN, [1958]1998, p.624).

O analista não responde à demanda inicial para que o analisando questione o sentido de seu sintoma, transformando o sintoma neurótico comum, cujo significado é dado como certo, num sintoma analítico, com o surgimento do enigma: “O que isto quer dizer?”.

Este é o momento da entrada em análise para Lacan, quando o analisando fabrica um significante e o dirige a seu analista, representado por um significante qualquer que possa

responder ao enigma. Essa articulação de dois significantes corresponde ao estabelecimento da transferência. O efeito dessa transferência significativa é um sujeito – o sujeito suposto saber.

Após o estabelecimento da transferência, o caminho que cada análise tomará é tão diverso quanto são as possibilidades de movimentos após a abertura de uma partida de xadrez. O analista apenas inicia um processo que, após acionado, não permite a prescrição da sua direção.

1.4 O pai da horda primitiva: Totem e tabu (1913)

“Totem e tabu” (FREUD, [1913 b]1996) é um texto crucial para o estudioso que pretende se aprofundar na noção do lugar ocupado pelo pai na obra freudiana.

Nesse texto, Freud faz uma extensa revisão das obras dos autores mais relevantes na área da antropologia social. No prefácio à primeira edição, Freud afirma que o principal estímulo que o levou a escrever os quatro ensaios que compõem o trabalho, foi o contato com a obra de Wundt e a de Jung. Ele introduz o pensamento psicanalítico na intenção de fazer um “contraste metodológico” com a teoria da psicologia social de Wundt e com os trabalhos da escola de psicanálise de Zurique, que se esforça “[...] por solucionar os problemas da psicologia individual com o auxílio de material derivado da psicologia social” (FREUD, [1913 b]1996, p.17).

Sem negar as falhas inerentes ao seu empreendimento de escrever os quatro ensaios, Freud comenta:

Estes procuram diminuir a distância existente entre os estudiosos de assuntos como a antropologia social, a filologia e o folclore, por um lado, e os psicanalistas, por outro. No entanto, não podem oferecer a ambos os lados o que a cada um falta: ao primeiro, uma iniciação adequada na nova técnica psicológica; ao último, uma compreensão suficiente do material que se encontra à espera de tratamento. Devem assim contentar-se em atrair a atenção das duas partes e em incentivar a crença de que uma cooperação ocasional entre ambas não poderá deixar de ser proveitosa para a pesquisa. (FREUD, [1913 b]1996, p.17).

De fato, Freud tinha razão sobre a relevância que estes quatro ensaios de “Totem e tabu” teriam doravante, sobretudo para os psicanalistas. “Totem e tabu” é um texto imprescindível para o pesquisador que deseje se aprofundar na noção de pai e da função paterna na teoria

freudiana, pois “trata da origem da religião e da moralidade”, como expressa Freud ([1913 b]1996). Como o totemismo constitui uma fase regular em todas as culturas, o trabalho de Freud tenta revelar a influência da civilização totêmica primitiva na configuração da civilização moderna, encontrar os vestígios do totemismo ainda presentes nos dias atuais. E não foi por acaso que Freud escreveu um texto de intercessão, um texto que faz báscula entre o coletivo e o individual, para introduzir a noção de pai, pois foi a partir da relação de cada indivíduo com o pai que se estruturou a civilização, regulada por leis que barram o gozo ilimitado.

O presente estudo não tem como objetivo fazer uma revisão completa deste extenso e complexo trabalho de Freud. Apenas para lembrar o leitor, ele é dividido em quatro ensaios, cujos respectivos subtítulos são: “o horror ao incesto”; “tabu e ambivalência emocional”; “animismo, magia e a onipotência de pensamentos” e, finalmente, o quarto e último ensaio que tem como subtítulo “o retorno do totemismo na infância”.

O foco estará no último ensaio, no qual Freud nos fornece um rico material sobre a temática paterna, mesclando genialmente elementos colhidos da pesquisa que ele fez através de obras da antropologia social com sua experiência clínica do caso a caso.

Na verdade, Freud tinha uma hipótese em mente e é no quarto ensaio que ele a revela para o leitor. Como se verá logo adiante, tal hipótese implica o papel do pai.

Freud ressalta que, para comprovar sua hipótese, terá de penetrar mais profundamente na natureza do totemismo. Seguindo a ideia de McLennan, Freud afirma que o totemismo é um sistema que estava presente em várias sociedades antigas e que provê a base da organização dos povos primitivos. Ele cita um fragmento de texto de Wundt, o qual afirma que a cultura totêmica, em toda parte, preparou o caminho para uma civilização mais adiantada.

Mas o que é um totem? Freud, citando J. G. Frazer, conclui que o totem é uma classe de objetos, geralmente uma espécie de animal, que o homem primitivo encara com supersticioso respeito. O primitivo crê que há, entre ele e o seu totem, uma relação íntima e mutuamente benéfica. Ele acredita ser realmente descendente do totem e o trata com admiração e respeito. Cada grupo reverencia seu próprio totem, e os membros do grupo chamam-se a si mesmos pelo nome do totem. Essa relação especial entre o indivíduo e seu totem garante a divisão da civilização primitiva em clãs separados, de acordo com o totem do qual ele descende.

Portanto, o totemismo é, ao mesmo tempo, uma religião e um sistema social. Em relação ao aspecto social, o totemismo regula as relações dos integrantes do clã uns com os

outros e com os membros de outros clãs. Resumidamente, esta é a organização social do sistema totêmico.

Do ponto de vista do sistema religioso, Freud, citando Frazer, expressa que, como os membros de clã totêmico acreditam que realmente são descendentes do animal tomado como totem, há normas que se manifestam como tabus para protegerem o totem, tais como os tabus de não matar e não comer o animal totêmico. Outro tabu inexoravelmente presente no totemismo, e aparentemente destacado dos demais, é o tabu da exogamia. Os estudiosos tentaram, sem grande sucesso, identificar sua relação com o totemismo.

Ao mesmo tempo em que o clã venerava seu totem, reforçando amiúde sua identificação com ele através de ritos nos quais os membros se vestiam mimetizando o animal totêmico, também havia cerimônias em que o animal totêmico era morto e devorado pelo clã. Ou seja, a relação do indivíduo com seu totem foi sempre ambivalente.

No mais, o totemismo se expressava, principalmente, por uma injunção feita para restringir a liberdade dos membros do clã, restrição esta bastante severa.

Chegou o momento de serem sintetizadas as características essenciais do totemismo, pois, até aqui, nada mais foi feito além de um simples resumo, muito aquém do material que pode ser facilmente encontrado no texto freudiano. Mas este preâmbulo serviu para mostrar um pouco do material utilizado por Freud e para situar o ponto em que sua teoria se descola de toda teorização dos estudiosos de outras áreas do saber para entrar no campo específico da teoria psicanalítica, conforme será visto, com maiores detalhes, mais adiante. Sinteticamente e utilizando um fragmento de texto do próprio Freud, são assim resumidas as características essenciais do totemismo:

Originalmente, todos os totens eram animais e eram considerados como ancestrais dos diferentes clãs. Os totens eram herdados apenas através da linha feminina. Havia uma proibição contra matar o totem (ou – o que em condições primitivas, constitui a mesma coisa – comê-lo). Os membros de um clã totêmico estavam proibidos de ter relações sexuais uns com os outros. (FREUD, [1913 b]1996, p.115).

Aqui, chega-se à questão central de Freud sobre o totemismo, a saber, a sua correlação com a instituição da exogamia. Freud dedica longas páginas citando e interpretando os diversos autores da antropologia social, da psicologia social e da etnologia que contribuíram na tentativa de revelar o enigma da natureza essencial do totemismo, tendo como pontos mais misteriosos a origem da ideia da descendência do totem e as razões para a exogamia – a exogamia é, sem sombra de dúvida, a expressão do tabu sobre o incesto.

As autoridades no assunto emitiram hipóteses conflitantes e até mesmo confusas sobre a origem do totemismo. Sobre a origem da exogamia e sua relação com o totemismo, as discussões eram ainda mais confusas e complicadas, não sendo possível se chegar a um mínimo denominador comum. Alguns autores chegaram até a afirmar que a instituição totêmica não tinha nada a ver com a exogamia.

Freud, então, dá um salto para outro nível. Esse salto para outro nível só é acessível ao psicanalista, pois é quem sabe das leis que regem o inconsciente. Ao relatar alguns fragmentos de casos clínicos de crianças com fobias de animais, Freud revela a fonte da qual o totemismo ganha toda sua força, a saber, o pai. O animal totêmico é um substituto do pai, portanto a força do totem provém da força do pai. O medo do totem é o medo do pai deslocado para o totem.

Ainda não se fez nenhum exame analítico pormenorizado das fobias de animais em crianças, embora esse estudo fosse grandemente compensador. Essa negligência, deve-se, sem dúvida, à dificuldade de analisar crianças de tão tenra idade. Assim, não se pode dizer que conheçamos o significado geral dessas perturbações, e eu mesmo sou de opinião que estas podem mostrar não ser de natureza uniforme. Mas alguns casos de fobias desse tipo dirigidas no sentido de animais maiores mostraram-se acessíveis à análise e revelaram assim seu segredo ao investigador. Era a mesma coisa em todos os casos: quando as crianças em causa eram meninos, o medo, no fundo, estava relacionado com o pai e havia simplesmente sido deslocado para o animal. (FREUD, [1913 b]1996, p.133).

Ao substituir o totem pelo pai, comparando a realidade psíquica dos homens primitivos com a realidade psíquica de uma criança dos tempos modernos, Freud ilumina aquilo que antes estava em completa penumbra. Pelo fato de os antropólogos não terem conseguido desvendar a relação da completa identificação do menino com seu animal totêmico e sua atitude emocional ambivalente para com este, muito pouco souberam extrair dessa observação. “A psicanálise, pelo contrário, leva-nos a dar uma ênfase especial ao mesmo ponto e tomá-lo como ponto de partida de nossa tentativa de explicar o totemismo” (FREUD [1913 b] 1996, p.136).

A primeira consequência de nossa substituição é notabilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago – não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. (FREUD, [1913 b]1996, p.137).

Ao equacionar os dois tabus do totemismo com os dois desejos primários do menino, Freud resolveu o mistério da origem do totemismo – após um longo percurso, Freud se depara

com o complexo de Édipo novamente, como a descoberta que especifica a contribuição definitiva da psicanálise ao tema. O complexo de Édipo delimita, com precisão, o ponto de transição entre a psicanálise e outros campos do saber, assim como é a porta que permite a Freud transitar com maior liberdade entre o individual e o coletivo.

O verbo “deparar” que, segundo o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, [2015]) significa “apresentar (sem ser esperado)”; “achar casualmente”, “pôr diante”, representa exatamente o que comprovamos repetidamente na clínica: o sujeito, em seu percurso analítico, inevitavelmente se deparará, ou seja, se porá diante de seu complexo de Édipo. Aqui, estamos na realidade psíquica individual.

Antes de nos aprofundarmos no complexo de Édipo do menino, momento estruturante que determina a relação do jovem garoto com seu pai, e depois com a sociedade, continuemos na trilha de “Totem e tabu”. De que pai se trata nesse texto?

O pai em questão, em “Totem e tabu”, é o pai primitivo e não o pai da família contemporânea. Veremos como Freud define seu estatuto.

Freud vai se valer, então, da hipótese do filólogo Robertson Smith sobre a cerimônia peculiar da refeição totêmica. Robertson afirma que a refeição totêmica fez, desde o princípio, parte integrante do sistema totêmico. A refeição totêmica constituía-se numa cerimônia na qual o animal totêmico era sacrificado e sua carne, osso e sangue eram comidos por todos os membros do clã. Após a refeição, o animal morto era lamentado e pranteado, o luto era obrigatório. “Mas o luto é seguido por demonstrações de regozijo festivo: todos os instintos são liberados e há permissão para qualquer tipo de gratificação” (FREUD [1913 b]1996, p.144).

Portanto, a cerimônia da refeição totêmica expressa a ambivalência de sentimentos, o que é de se esperar, levando-se em consideração a atitude emocional ambivalente do filho para com o pai.

Em seguida, Freud relaciona a interpretação psicanalítica do totem com a refeição totêmica e as teorias darwinianas do estado primitivo da sociedade humana. A horda primeva de Darwin antecede o totemismo. Nela, o que encontramos é um pai violento e ciumento, que toma todas as fêmeas para si, expulsando os filhos à medida que crescem (FREUD [1913 b]1996).

Freud, então, relata finalmente sua hipótese. Na verdade, ele cria um mito objetivando dar um significado ao real que não cessa de não se inscrever ali na origem da civilização humana.

Se chamarmos a celebração da refeição totêmica em nosso auxílio, podemos encontrar uma resposta. Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai colocando assim um fim à ordem patriarcal. Unidos, tiveram coragem de fazê-lo e foram bem-sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior). Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (FREUD, [1913 b]1996, p.145).

Após sua morte, o pai primevo tornou-se ainda mais forte, pois os filhos intensificaram sua identificação com ele. Surgiu, assim, o remorso pelo parricídio e um poderoso sentimento de culpa permaneceu em cada membro do clã. Doravante, nenhum filho poderia ocupar o lugar do pai primevo e gozar ilimitadamente como ele, e a cada filho restou apenas uma pequena porção de gozo.

Como nenhum dos filhos poderia ocupar o lugar do pai morto, pois isso levaria ao fratricídio, tiveram de abdicar das mulheres que mais desejavam. Estimularam os sentimentos fraternais sociais e criaram os dois tabus fundamentais do totemismo – o tabu contra a morte do totem e contra o incesto – para garantirem, dessa forma, que nenhum dos filhos teria o mesmo destino do pai.

O sistema totêmico, de acordo com Freud, foi um pacto com o pai. Os filhos, saudosos do pai, ainda esperavam dele tudo o que uma criança pode esperar de um pai: proteção, cuidado e indulgência (FREUD [1913 b]1996).

Após o assassinato do pai e a proibição do incesto, concomitante com o início da civilização, cada criança que nasce terá de reeditar individualmente o ato parricida, desta vez em sua realidade psíquica.

Os dois principais tabus do totemismo transmutaram-se nos dois desejos edípicos e, sendo assim, em cada homem da sociedade moderna persistem resquícios mnêmicos do ato parricida promovido pelo desejo de cometer o incesto. O complexo de Édipo, descoberta indispensável da psicanálise, é a reedição individual do ato coletivo dos tempos primitivos.

1.5 A lei do Édipo em Freud

A seguir, cita-se mais um fragmento de texto de “Totem e tabu”, encontrado mais próximo do final:

A família constituiu uma restauração da antiga horda primeva e devolveu aos pais uma grande parte de seus antigos direitos. Mais uma vez apareceram pais, mas as conquistas sociais do clã fraterno não foram abandonadas; e a distância existente entre os novos pais de uma família e o irrefreado pai primevo da horda era suficientemente grande para garantir a continuidade do anseio religioso, a persistência de uma saudade não apaziguada do pai. (FREUD, [1913 b]1996, p.152).

A noção de distância trazida por Freud nesse fragmento de texto para diferenciar o pai da horda primeva do pai de família não é a mais adequada. Antes de qualquer explanação, o pai primevo foi uma criação de Freud para contornar o que há de real na origem da cultura. E esse pai mítico de Freud, esse pai “irrefreado”, não era castrado. Podemos deduzir do mito de Freud que o assassinato do pai primevo foi também a primeira castração ocorrida em ato, que deu origem à civilização. Diferentemente do pai primevo, o pai de família – peça-chave da trama edípica – é castrado.

Em relação ao complexo de Édipo, este não é uma criação de Freud, mas sua principal descoberta. Freud descobriu o romance edípico em seus pacientes. A inauguração da psicanálise se deu quando Freud experimentou o surgimento da transferência sob forma francamente sexual. Não se deter neste ponto crucial do surgimento do amor de transferência lhe permitiu descobrir a Outra cena, o inconsciente recalçado que jaz por detrás dos fenômenos revelados nos quadros neuróticos. E o inconsciente, que paulatinamente se foi descortinando para Freud, inevitavelmente trazia à baila a sexualidade e os seus conflitos e, portanto, ele pôde confirmar a etiologia sexual da neurose.

Tal etiologia é remetida aos primórdios da infância. Freud confirma que a descoberta sobre a importância do fator sexual na constituição psíquica humana “brotou de uma observação igualmente esmerada e isenta de expectativas”, e justifica o ceticismo dos opositores pelo simples fato de eles não possuírem habilidade técnica para levar uma análise adiante.

Em primeiro lugar, os primórdios aqui descritos da vida sexual humana só podem ser confirmados por investigadores que tenham paciência e habilidade técnica suficientes para reconduzir a análise até os primeiros anos da infância do paciente. É frequente, ademais, não haver possibilidade disso, porquanto a prática médica exige que se despache com mais rapidez, aparentemente, o caso patológico. Salvo pelos médicos que exercem a psicanálise, entretanto, ninguém pode ter acesso algum a

esse campo, nem qualquer possibilidade de formar por si um juízo que não seja influenciado por suas próprias aversões e preconceitos. (FREUD, [1905]1996, p.126).

Está marcado aí o campo da psicanálise, o campo do inconsciente, revelado somente mediante a técnica analítica, que tem seu suporte na transferência. Enfim, trabalhando na transferência, Freud descobriu que a criança elegia, primeiramente, como objeto de seus investimentos libidinais um dos próprios pais. Através de sua autoanálise e de seu caminhar clínico, Freud chegou ao complexo de Édipo, esse romance familiar estruturante para a subjetividade de qualquer indivíduo.

Complexo composto de amor, ódio e identificações, o Édipo tornou-se para a psicanálise, a partir de Freud e perenemente, o núcleo da neurose. Independentemente da demanda inicial que o analisando dirigir ao analista, inevitavelmente chegará o momento de ele se deparar com seu complexo edípico.

O primeiro emprego do termo complexo de Édipo apareceu publicado, por Freud, em 1910, no texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” ([1910 b]1996). Ao retratar o despertar de lembranças que levam o menino a desejar mais intensamente sua mãe, Freud escreve:

Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo. (FREUD, [1910 b]1996, p. 177).

Para Freud, foi mais fácil descrever o desfecho do Édipo nas crianças do sexo masculino, pelo fato de ele ser direto e menos tortuoso que o das crianças do sexo feminino – Freud escreve que o Édipo na menina é uma “formação secundária” (FREUD [1925]2011), sendo desencadeado pelo complexo de castração.

Conforme escrito na Introdução, a presente dissertação tem por objetivo estudar as vivências edípicas apenas nos meninos, devido a limitações inerentes à estrutura do texto. Para fazer um resumo do que ocorre no Édipo do menino, relato aqui um fragmento de texto do próprio Freud, que explicita com clareza seus desdobramentos:

Simplificadamente, o caso se configura da forma seguinte para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por ‘apoio’; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A

identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta. A postura ambivalente ante o pai e a relação objetual exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo do complexo de Édipo simples e positivo. (FREUD [1923 a]2011, p.40).

Obviamente, o Édipo simples, conforme descrito no fragmento acima transcrito, não é o mais habitual. Uma investigação mais aprofundada mostra, no geral, o Édipo duplo, dependente da bissexualidade originária da criança. No Édipo duplo, com sua vertente positiva e negativa, o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha amorosa pela mãe, mas também exibe uma terna atitude feminina com o pai e, ao mesmo tempo, uma atitude ciumenta e hostil em relação à mãe.

De todos os elementos presentes no complexo de Édipo do garoto, Freud destaca sempre a ambivalência inexoravelmente presente na relação entre pai e filho. Desde o início, a identificação com o pai é ambivalente, podendo tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação (FREUD, [1921]2011).

Por outro lado, há o medo da castração por parte do pai. Freud relata a frequência da atividade masturbatória do menino em suas fantasias incestuosas com a mãe. A masturbação do menino está ligada ao complexo de Édipo e constitui a descarga de sua excitação sexual (FREUD, [1925]2011). A atividade masturbatória do garoto, porém, não passa despercebida a seus cuidadores e tende a ser suprimida por estes. A supressão da atividade sexual do garoto ativa o complexo de castração.

Portanto, o jovem garoto, muito interessado em seu genital, manipula-o movido por fantasias incestuosas e não deseja desistir de seu objeto de amor. Entretanto, há a ameaça de castração, geralmente tendo o pai como seu possível perpetrador. O garoto sente-se, então, ameaçado “[...] de que lhe roubarão essa parte do corpo que ele tanto estima” (FREUD [1924]2011, p.206).

Mas, inicialmente, o menino não cede de seu desejo, ele não acredita nem obedece à ameaça de castração. Porém, Freud destaca uma experiência que desfaz definitivamente a incredulidade do menino quanto a tal ameaça: a visão do genital feminino. “Em algum momento, o menino orgulhoso de possuir um pênis vê a região genital de uma menina e tem de se convencer da falta do pênis num ser tão semelhante a ele” (FREUD [1924]2011, p.207).

Por fim, o menino abandona a atitude edipiana da fase fálica devido ao complexo de castração:

A situação do complexo de Édipo é a primeira etapa que reconhecemos com segurança no menino. Ela é facilmente compreensível para nós, pois a criança se

atém ao mesmo objeto que, no precedente período de amamentação, já tinha investido com sua libido ainda não genital. Também o fato de perceber o pai como um rival importuno, do qual gostaria de se livrar e assumir o lugar, é claramente deduzido das circunstâncias objetivas. Expus, em outro artigo, que a postura edipiana do menino pertence à fase fálica e sucumbe ao medo da castração, isto é, ao interesse narcísico pelo genital. (FREUD, [1925]2011 p.286).

Diante do conflito entre o interesse narcísico pelo seu genital e o amor materno, no mais das vezes, o jovem garoto desiste de seu objeto de amor, e a organização genital fálica da criança sucumbe devido a essa ameaça de castração. O menino, então, fortalece sua identificação com o pai.

Para o menino, portanto, o pai é, desde sempre, um misto de sentimentos ambivalentes. O garoto não apenas ama o pai, tomando-o como modelo ideal a ser seguido, como também o odeia e o teme. Mas o fato é que o complexo de castração põe fim ao Édipo no menino e o supereu toma seu lugar:

No entanto, o complexo de Édipo é tão significativo que não pode deixar de ter consequências a forma como nele se entrou e dele se saiu. No menino - como expus na publicação mencionada, à qual se ligam as observações feitas aqui - o complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com o choque da ameaça de castração. Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados e parcialmente sublimados, seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Supereu e emprestam a essa nova formação traços característicos. No caso normal - melhor dizendo: ideal - não subsiste mais um complexo de Édipo no inconsciente, o Supereu é o seu herdeiro. (FREUD, [1925]2011, p.297).

A catástrofe do complexo de Édipo e, conseqüentemente, o abandono do incesto, pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo. No desfecho do Édipo, concomitantemente ao recalque originário, erige-se o supereu como seu legítimo herdeiro, e este representa a introjeção da autoridade paterna na subjetividade da criança. Doravante, o jovem garoto possui uma instância interna cujo principal objetivo é vigiá-lo e criticá-lo.

O supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (FREUD [1923 a]2011, p.43).

No final do complexo de Édipo, instaura-se a Lei como recalçada no inconsciente, mas de forma permanente. A Lei é simbólica, contudo também se baseia no real, sob a forma do núcleo deixado atrás de si pelo complexo de Édipo. O supereu é o núcleo que se inscreve de forma real na estruturação subjetiva da criança.

Freud relata que, na formação do supereu, ocorre uma disjunção pulsional. O supereu nasce de uma identificação com o modelo do pai, e toda identificação desse tipo tem o caráter de uma dessexualização, o que favorece a disjunção – segundo Freud. E é dessa disjunção das pulsões que o supereu tira o caráter duro e cruel do imperioso “ter que” (FREUD, [1923 a]2011).

Em relação ao Ideal do eu, Freud muitas vezes não diferencia claramente sua função em comparação à função do supereu. É Lacan quem esclarece que a função do Ideal do eu não se confunde com a função do supereu:

Ambas surgiram quase juntas, mas por isso mesmo se distinguiram. Digamos que elas se confundem, em parte, mas que o Ideal do eu desempenha uma função mais tipificadora no desejo do sujeito. (LACAN, [1957-1958]1999, p.302).

Na teoria freudiana, o Ideal do eu é o herdeiro do narcisismo original, em que o eu infantil bastava a si mesmo. As exigências impostas ao eu aumentam gradualmente, e o eu perde a capacidade de cumpri-las todas. Em muitas situações, o indivíduo não pode estar satisfeito com seu eu em si, mas pode encontrar satisfação no Ideal do eu que se diferenciou do eu (FREUD, [1921]2011). Já o supereu mede a distância entre o que o eu do sujeito realiza e o que ele deveria realizar, mas não consegue. A comparação do eu com seu ideal gera sentimento de inferioridade, por isso, a tensão entre as expectativas da consciência moral e as realizações do eu é percebida como sentimento de culpa.

O supereu, tomando o lugar do pai, perpetua a proibição do incesto, garantindo a inscrição da Lei na subjetividade da criança.

Lacan destaca a importância do Édipo freudiano para a teoria analítica. Segundo o autor, a necessidade da teoria analítica sobre o complexo de Édipo é ao menos empírica, já que é na experiência que se o descobriu (LACAN, [1956-1957]1995). O complexo de Édipo é um esquema fundamental da psicanálise, existindo elementos em sua estrutura que permanecem sempre os mesmos, ao menos quanto a sua disposição e a seu número.

Na dinâmica edípica, produz-se a transição que faz passar a criança da dialética imaginária do jogo com a mãe em torno do falo para o jogo da castração na relação com o pai. É o jogo jogado com o pai que permite à criança conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei (LACAN, [1956-1957]1995). Entretanto, o que constitui o caráter decisivo do complexo de Édipo deve ser isolado como relação não da mãe com o pai, mas com a palavra do pai (LACAN, [1957-1958]1999).

1.6 A função paterna em Lacan: o Nome-do-Pai

Conforme escrito no tópico anterior, Lacan, em seu ensino, recorrentemente ressaltou a importância do complexo de Édipo para a teoria analítica. Em 1956, afirma: “[...] uma neurose sem Édipo, isso não existe” (LACAN, [1955-1956]2010, p.235). Seguindo a linha do pensamento freudiano, Lacan renovou a teoria do Édipo como essencial para que o ser humano possa aceder a uma estrutura humanizada do real. A vivência do complexo de Édipo é essencial para que o sujeito acesse a realidade. O Édipo é um epicentro crucial na estruturação psíquica do sujeito:

Tudo o que ocorre em nossa literatura, os princípios fundamentais sobre os quais nos acomodamos, o implicam – para que haja realidade, acesso suficiente à realidade, para que o sentimento de realidade seja um justo guia, para que a realidade não seja o que ela é na psicose, é preciso que o complexo de Édipo tenha sido vivido. (LACAN, [1955-1956]2010, p.232).

Ciente da insuficiência teórica dos psicanalistas pós-freudianos, que frequentemente não conseguiam vislumbrar a função do Édipo para além da dialética imaginária da criança com sua mãe, Lacan dedicou-se a retomar o estudo do complexo de Édipo na teoria freudiana para, enfim, reencontrar sua essência. Dessa maneira, Lacan foi bem-sucedido em esclarecer o motivo da insistência de Freud de recorrentemente, em sua obra, apontar o complexo de Édipo como o núcleo da neurose.

Em diferentes passagens de sua obra, Lacan frisa que é preciso entender o Édipo para além do plano imaginário. Enquanto a criança permanecer na relação dual com sua mãe, não sairá do plano imaginário, onde joga o jogo do engodo. A chave que permite a saída do jogo no plano do engodo imaginário, Lacan revela, é a função paterna.

Lacan ainda ressalta que a função do pai tem um lugar bastante grande na história da psicanálise. A função do pai está no centro da questão do Édipo, e Freud introduziu-a desde o início, pois o que o inconsciente revela, a princípio, é, acima de tudo, o complexo de Édipo, e falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai (LACAN, [1957-1958]1999).

Portanto, coube a Lacan o mérito de destacar a importância da função paterna na organização psíquica do sujeito e sua incidência decisiva no drama edípico. Lacan foi o psicanalista que problematizou a função desempenhada pelo pai na teoria freudiana, fazendo a teoria psicanalítica avançar, ao delimitar, com mais precisão, o papel da função paterna no

complexo de Édipo, sendo sua preocupação fundamental avaliar com rigor os pontos de continuidade entre a teoria freudiana do Édipo e a tripartição estrutural, especificando a função paterna nos três registros: Real, Simbólico Imaginário.

A tarefa de distinguir a função do pai nos três registros não é simples e, até os dias de hoje, confunde frequentemente os psicanalistas. Sobre a função do pai na teoria freudiana, O próprio Freud ressaltou em seus estudos, mais amiúde, a função do pai no nível do imaginário. Freud, obviamente, não teve acesso à teoria da tripartição estrutural – Real, Simbólico e Imaginário – desenvolvida posteriormente por Lacan.

Foi somente no texto “Totem e tabu” ([1913 b]1996) que Freud fundou a função do pai em seu assassinio, erigindo sua função ao plano simbólico. Porém, até o final de sua vida, ou seja, de sua pesquisa, Freud enfatizou principalmente a relação de rivalidade entre pai e filho inexoravelmente presente na vivência edípica, fonte de agressividade. A ambivalência afetiva dessa relação, revelada, sobretudo, na destacada rivalidade, prevaleceu na teorização freudiana do pai. Lacan alerta para as consequências de se curto-circuitar a relação triangular edipiana no plano imaginário:

Esse texto nos traz mil provas do que eu avanço, e isso é perfeitamente coerente com nossa definição da fonte de agressividade, e seu surgimento quando se acha curto-circuitada a relação triangular, edipiana, quando esta é reduzida à sua simplificação dual. (LACAN, [1955-1956]2010, p.353).

Lacan afirma que o triângulo mãe-criança-falo é pré-edípico. É a partir da decepção fundamental da criança, quando ela reconhece não ser o objeto único da mãe, o objeto do desejo da mãe, ou seja, o falo (LACAN, [1957-1958]1999) e, mais ainda, que à mãe falta tal objeto, é a partir desse reconhecimento da privação do falo por parte da mãe que a função do pai é introduzida pela dimensão do Édipo. Consequentemente, na situação edipiana normal, o sujeito é introduzido na relação simbólica, na potência fálica, mediante a relação inicial de rivalidade com o pai.

Antes de entrar na função imaginária do pai, é necessário, primeiramente, analisar sua função no nível do real. A presença do pai real desempenha um papel essencial na configuração do complexo de Édipo. A apreensão do pai real por parte da criança é difícil, devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica, mas sua presença permanece fundamental, pois o pai real tem função de destaque no complexo de castração:

Se a castração merece efetivamente ser isolada por um nome na história do sujeito, ela está sempre ligada à incidência, à intervenção, do pai real. (LACAN, [1956-1957]1995).

A intrusão do pai real na relação intersubjetiva mãe-criança interdita a criança. Doravante, o pai apresenta-se a ela como um “tendo-direito no que diz respeito à mãe” (DOR, 1989). Essa intervenção do pai é vivida pela criança como uma frustração, ato imaginário que se refere a um objeto real: a mãe. Paulatinamente, a presença do pai real aparecerá como cada vez mais embaraçosa para o filho, pois ele assume papel importante no desejo da mãe. A posição da criança de identificação imaginária com o objeto de desejo da mãe é definitivamente abalada, e a criança passa a se confrontar com o registro da castração através da instância paterna.

A descoberta por parte da criança da incidência do desejo da mãe em relação ao desejo do pai “só pode mobilizar a criança para pressentir o Pai real a uma luz cada vez mais imaginária” (DOR, 2011, p.46). O pai imaginário é com quem a criança travará a rivalidade fálica. É no registro imaginário, portanto, que a criança rivaliza com seu pai, encarado por esta como uma figura autoritária, muitas vezes assustadora e que não tem, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança:

O pai imaginário é aquele com que lidamos o tempo todo. É a ele que se refere, mais comumente, toda a dialética, a da agressividade, a da identificação, a da idealização pela qual o sujeito tem acesso à identificação ao pai. Tudo isso se passa no nível do pai imaginário [...] É o pai assustador que conhecemos no fundo de tantas experiências neuróticas, e que não tem de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança. Vemos intervir frequentemente nas fantasias da criança uma figura ocasionalmente caricata do pai, e também da mãe, que tem somente uma relação extremamente longínqua com aquilo que esteve presente do pai real da criança, e que é unicamente ligada à função desempenhada pelo pai imaginário num momento dado do desenvolvimento. (LACAN, [1956-1957]1995, p.225).

A análise da função paterna nos três registros foi um avanço crucial de Lacan para dissolver as ambiguidades existentes da incidência do pai, tanto na teoria quanto na prática analítica. Porém, o avanço mais importante para a teoria analítica do pai, a partir do ensino de Lacan, foi, sem dúvida, a distinção da função simbólica do pai das demais funções, pois é a função simbólica do pai que é decisiva no desfecho do complexo de Édipo.

O pai advém ao lugar do pai simbólico no tempo decisivo do complexo de Édipo. No momento em que a criança percebe que a mãe reconhece a Lei do pai, ela deve fazer sua esta nova prescrição de que o desejo de cada um é sempre submetido à lei do desejo do outro. Dessa maneira, a criança é atada à lei sob a forma do fato de que a mãe é dependente de um

objeto que o outro tem ou não tem. Com este novo deslocamento do objeto fálico, o pai advém ao lugar do pai simbólico, isto é, um lugar no qual ele é investido como aquele que tem o falo (DOR, 2011). Portanto, na saída do complexo de Édipo, o pai se revela como aquele que tem o falo. Também é nesse último tempo do complexo de Édipo que o filho se identifica com o pai, e esta identificação se chama Ideal do eu (LACAN, [1957-1958]1999).

Lacan enfatiza, então, que a presença do pai real não garante a resolução “normal” do complexo de Édipo, bem como a ausência desse pai real não é correlativa à forclusão da inscrição do significante Nome-do-pai no Outro – Lacan define o mecanismo da forclusão, ou seja, a falha da inscrição do significante Nome-do-pai no Outro, como a falha que confere a condição essencial da psicose.

O que importa para a estruturação psíquica da criança não é tanto a carência do pai na família, mas sua carência no complexo de Édipo. Portanto, a função do pai, no que concerne à estruturação psíquica da criança a partir do desfecho do Édipo, é uma função simbólica.

O pai simbólico é representado pelo significante Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é um termo que subsiste no nível do significante. O Nome-do-Pai é o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei.

Vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial do qual acabo de falar, o Nome-do-Pai, no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe. Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe. (LACAN, [1957-1958]1999, p153).

Lacan afirma que o Nome-do-Pai está estritamente ligado à enunciação da lei e todo desenvolvimento da teoria freudiana anuncia e promove o pai simbólico, isto é, o Nome-do-Pai, apesar de Freud não ter chegado a esse termo em sua teoria.

Para transmitir uma ideia mais exata de pai simbólico, Lacan se utiliza da metáfora, operação de linguagem na qual há a substituição de um símbolo de linguagem por outro símbolo de linguagem. Na operação da metáfora paterna, o pai simbólico, ou seja, o significante Nome-do-Pai substitui outro significante.

Digo exatamente: o pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo. E, não sendo nesse nível que vocês procuram as carências paternas, não irão encontrá-las em nenhum outro lugar. (LACAN, [1957-1958]1999, p180).

O significante substituído pelo Nome-do-Pai na metáfora paterna é o significante do desejo da mãe. Mas, para que essa operação ocorra, é preciso, antes, que a mãe dê lugar à palavra do pai:

Mas, o ponto em que queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém nos ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade – ou, em outras palavras, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei. (LACAN, [1956]1998, p.585).

Para o estabelecimento da metáfora paterna, portanto, é importante que a mãe se mostre castrada, ela mesma. O essencial é que a mãe reconheça o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela, e não de saber se a mãe era suficientemente atenciosa e meiga com o pai, pois, pensando por esse viés, recairíamos no “rame-rame da análise sociológica ambiental” (LACAN, [1957-1958]1999, p.197). Aqui, trata-se do pai como Nome-do-Pai, do pai como significante ligado à enunciação da lei, pois o Nome-do-pai é a lei do significante, é o elemento que autoriza o conjunto do sistema significante a existir (LACAN, [1956]1998).

A consequência da operação da metáfora paterna é a inscrição do Nome-do-Pai no Outro, que garante à criança o acesso à ordem simbólica. O acesso ao simbólico tem como consequência a divisão do sujeito pela ordem significante, mediante o recalque originário, que é o mecanismo correlativo da metáfora paterna. A renúncia da criança ao seu primeiro objeto de desejo é uma renúncia simbólica que a faz se constituir como sujeito desejante.

Chegamos, neste ponto, ao desfecho do complexo de Édipo. Freud afirma que, em casos ideais, após seu desfecho, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente, e o supereu tornou-se seu herdeiro (FREUD, [1925]2011, p.285). Porém, sabemos que, na maioria dos casos, o complexo de Édipo não se extingue por completo na realidade psíquica do sujeito, e isso é verdadeiro, sobretudo, nos casos dos pacientes que procuram análise. Lacan também nos lembra que o complexo de Édipo pode ter consequências perduráveis ligadas ao impulso imaginário que ele faz intervir (LACAN, [1956-1957]1995, p.212).

Portanto, o desfecho do complexo de Édipo tem estrutura simbólica, entretanto, antes da passagem para o jogo simbólico com o pai, mediante a introdução do complexo de castração, a criança passou pelo vivido essencial do Édipo no plano imaginário, no jogo intersubjetivo com a mãe em torno do falo, com seus consequentes efeitos neurotizantes.

É devido a esta etapa, ou, mais exatamente, a esse vivido central essencial do Édipo no plano imaginário, que este complexo se expande em todas as suas consequências neurotizantes, que encontramos em mil aspectos da realidade analítica. (LACAN, [1956-1957]1995, p.211).

Tudo o que se passa nas neuroses, segundo o pensamento de Lacan, é, de certa forma, feito para suprir uma dificuldade, uma insuficiência na maneira como a criança lidou com o Édipo em seu tempo (LACAN, [1956-1957]1995, p.410).

Voltando ao exemplo clínico de André, sua idealização do analista no início da análise revela uma dificuldade num momento específico de sua vivência edípica. A insuficiência do processo edípico de André se deu, sobretudo, na sua identificação falha com o pai no lugar do Ideal do eu. Após se reconhecer abandonado pelo pai e por ter sempre vivido uma relação de escasso amor com este, André, identificado, ele mesmo, com um objeto pesado e sem valor, encontrou recursos insuficientes para se identificar com o pai no nível do Ideal do eu.

Essa insuficiência de André no nível do Ideal do eu foi crucial no desencadeamento futuro de sua neurose, manifestada, por exemplo, em seu sintoma melancólico e sua inibição. Conforme o pensamento freudiano, após o desfecho do complexo de Édipo, o Ideal do eu passa a usufruir de parte da libido narcísica que, antes, era investida exclusivamente no eu. Na identificação do sujeito com o pai no nível do Ideal do eu, o próprio sujeito se transforma no pai. A libido não investida no Ideal do eu de André, provavelmente devido ao pouco amor dedicado ao pai, representa também o pouco investimento da libido narcísica em seu próprio eu, daí a grande dificuldade do analisando em sustentar o lugar de pai, pois ele é pai de uma jovem pré-adolescente.

Leiam no artigo de Freud sobre o declínio do complexo, *Der Untergang des Ödipuskomplex*, de 1924, a explicação que ele fornece sobre a identificação terminal que constitui sua solução. É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica com ele, e que encontra a solução terminal do Édipo numa composição do recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal graças ao qual ele se transforma no pai. (LACAN, [1957-1958]1999, p.176).

A relação distante com a filha é tema recorrente nas sessões de análise de André e lhe causa sofrimento psíquico. A garota mora com a mãe em outra cidade. Apesar da fala do analisando, que revela seu desejo de ser mais presente na “criação” da filha, ele a visita apenas espaçadamente – isso diz de sua divisão subjetiva.

1.7 O pai na transferência e o “sujeito suposto saber”

Conforme assinalado no item 1.2 deste trabalho, a idealização do analista no primeiro tempo da transferência não passou despercebida por Freud. Ao longo de sua pesquisa, Freud analisou as vantagens e as desvantagens decorrentes da idealização do analista por parte do analisando, incluindo, nesse tema, o analista posicionado no lugar de pai na transferência.

Se o analisando colocar o analista no lugar do pai, estará também lhe concedendo o poder que o supereu exerce sobre o eu, visto ser o supereu originário de uma identificação com o modelo do pai (FREUD, [1923 a]2011). Além de ser originário de uma identificação com o pai, o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo. Freud afirma que o supereu acha-se constantemente próximo do isso. O supereu, seguindo a ideia de Freud, está profundamente imerso no isso e, portanto, mais distante da consciência do que o eu (FREUD, [1923 a]2011, p.60).

Transferindo o poder do supereu ao analista, o analisando pode favorecer a análise. Seguindo o pensamento de Freud, o analista, servindo-se desse poder na transferência, poderá incentivar o analisando a vencer as resistências à análise e avançar no seu tratamento, transformando o material recalçado em material pré-consciente disponível ao eu:

Para começar, conseguimos que o ego do paciente assim enfraquecido participe do trabalho puramente intelectual de interpretação, que visa a provisoriamente preencher as lacunas em seu patrimônio mental e a transferir-nos a autoridade de seu superego; incentivamo-lo a aceitar a luta contra cada exigência individual feita pelo id e a vencer as resistências que surgem em conexão com isso. Ao mesmo tempo, restauramos a ordem no ego detectando o material e os impulsos que forçaram caminho a partir do inconsciente e expômo-los à crítica, remontando-os à sua origem. Servimos ao paciente em diversas funções, como autoridade e substituto dos pais, como professor e educador, e fizemos o melhor por ele se, como analistas, elevamos os processos mentais de seu ego a um nível normal, transformamos o que se tornou inconsciente e reprimido em material pré-consciente, e assim devolvêmo-lo, mais uma vez, à posse de seu ego. (FREUD, [1938]1996, p.195).

No mesmo texto, Freud adverte, contudo, contra o mau uso dessa influência do analista na transferência. Portanto, o analista não pode esquecer que sua função na transferência não é a de se transformar num professor ou modelo ideal para o analisando. O analista estaria sendo desleal à sua tarefa caso se permitisse ser levado por suas inclinações (FREUD, [1938]1996).

Quanto à concepção de Freud de o analista se aliar à parte sã do eu do sujeito e apelar para o seu bom senso, Lacan pontua que esta tese subverte o de que se trata na transferência, pois apelar para a parte sã do sujeito é desconhecer que é justamente essa tal parte que interfere na transferência como resistência (LACAN, [1964]2008).

Em seu oitavo Seminário, Lacan dedica-se a recolocar a questão fundamental da posição do analista na transferência:

Coloco, portanto, a questão da participação que é a nossa na transferência, e pergunto – como concebê-la? Esta é a via que nos permite situar aquilo que está no coração do fenômeno da transferência no sujeito, a saber, o analista. (LACAN, [1960-1961]1992, p.306).

O que é o analista, esta é realmente, desde o início, toda a questão (LACAN, [1960-1961]1992, p.306). Em que o analista deve se considerar como implicado na transferência?

Lacan retorna à obra de Freud para definir o papel do analista na transferência. Porém, apesar da fidelidade à teoria freudiana, Lacan critica o manejo da transferência na experiência clínica de Freud, quando este se posiciona no lugar de pai na análise.

Sabemos bem que não podemos tampouco operar em nossa posição de analista como operava Freud, que assumia na análise a posição do pai. E é isso que nos espanta na sua maneira de intervir. E é por isso que não sabemos mais onde nos meter – porque não aprendemos a rearticular, a partir daí, qual deve ser nossa posição. O resultado é que passamos nosso tempo dizendo a nossos pacientes – vocês estão nos tomando por uma mãe má, o que não é, tampouco, a posição que devemos adotar. (LACAN, [1960-1961]1992, p.288).

Ainda de acordo com Lacan, o essencial do lugar do pai na experiência analítica, o crucial da função do pai na transferência é sua consubstancialidade com a valorização, a colocação em obra da dimensão do desejo – e é essa confluência do lugar do pai na experiência analítica com o sentido e a direção do desejo que, segundo Lacan, os analistas tendem a rejeitar de seus horizontes cada vez mais. A perda da direção do desejo só pode apagar a experiência analítica (LACAN, [1960-1961]1992).

Portanto, a função do pai na transferência salvaguarda a dimensão do desejo. O desejo é o elemento-força, pivô do trabalho analítico.

Lacan, então, ressitua a castração no coração do problema da técnica psicanalítica, pois a castração é idêntica à constituição do sujeito do desejo, uma vez que a castração presentifica a falta, e o desejo é falta (LACAN, [1960-1961]1992). Na experiência de análise, o objeto do desejo é “idêntico ao próprio instrumento do desejo, o falo” (LACAN, [1960-1961]1992, p.289).

Na experiência analítica, o objeto do desejo advém do mesmo lugar simbólico que vem preencher o falo. O falo é instrumento na medida em que é colocado na função do

significante. Portanto, na análise, o falo como instrumento do desejo preenche o lugar do ponto morto ocupado pelo pai.

E por que esse instrumento é portado à função de significante? Justamente para preencher esse lugar de que acabo de falar, que é simbólico. Que lugar é esse? Pois bem, é justamente o lugar do ponto morto ocupado pelo pai na medida em que já morto. (LACAN, [1960-1961]1992, p.289).

O falo é o significante da falta, o significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo. O desejo se ordena na ordem simbólica e é sempre remetido ao Outro. Na transferência, o analista recebe as demandas do analisando no lugar do Outro, lugar onde a fala se constitui, lugar simbólico por excelência.

Portanto, o analista jamais assume o lugar do pai na análise. O pai, na transferência, só pode ocupar o lugar do ponto morto, possibilitando, dessa maneira, a emergência do desejo do sujeito no tratamento. O pai morto é o pai simbólico, e o significante Nome-do-pai o representa. A função paterna incide na análise através do significante Nome-do-pai para dar conta da articulação simbólica da transferência.

Mas, para o estabelecimento da relação transferencial, é preciso que, de início, o analisando atribua um saber ao analista. Esse saber suposto ao analista não é um saber qualquer, mas um saber sobre a verdade do inconsciente, pois o analisando supõe ao analista o saber sobre seu desejo:

É neste ponto de encontro que o analista é esperado. Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente. É por isso que eu digo – ilustrarei para vocês, da próxima vez, com um desenhinho topológico que já estive no quadro – que o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência. (LACAN, [1964]2008, p.229).

De acordo com Lacan, no momento em que o analisando posiciona o analista no lugar do sujeito suposto saber, a transferência já está fundada:

Quem desse sujeito suposto saber, pode sentir-se plenamente investido? Não é aí que está a questão. A questão é, primeiro, para cada sujeito, de onde ele se baliza para dirigir-se ao sujeito suposto saber. De cada vez que essa função pode ser, para o sujeito, encarnada em quem quer que seja, analista ou não, resulta da definição que venho de lhes dar que a transferência já está fundada (LACAN, [1964]2008, p.226).

Na análise, o sujeito relaciona-se com um saber que o ultrapassa e crê que o analista porta a chave para decifrar a significação. O analisando, então, dirige-se ao sujeito suposto

saber. Por sua vez, o analista, colocado no lugar do sujeito suposto saber pelo analisando, não supõe nada, ele é suposto. É por isso que Lacan ressalta a estrutura de engano do sujeito suposto saber (LACAN, [1967 a]2003).

No início da análise, há um mal-entendido na relação do analisando com o analista, pois o que o analista representa para o analisando não coincide com o que está implicado, verdadeiramente, na análise da transferência.

Voltando ao caso de André, que demanda do analista um substituto do pai. O analisando, no início da análise, dirige o significante “homem trabalhador” ao analista. Esse significante escolhido para representar o analista é, de acordo com o pensamento de Lacan, um “significante qualquer”, o que nos mostra que o sujeito suposto saber é uma inspiração do analisando e não envolve a pessoa do analista.

Conforme escrito anteriormente, o significante “homem trabalhador” é o significante que representa o ideal do eu de André. O analista, caso encarnasse tal significante como sendo verdadeiramente seu – respondendo, portanto, do lugar do ideal do eu do analisando –, estaria pondo um cabresto no desejo do analisando e, certamente, emperrando sua análise. Por isso mesmo, o analista, quando colocado no lugar do sujeito suposto saber pelo analisando, reduz-se, ele mesmo, ao significante qualquer (LACAN, [1967 a]2003, p. 259).

Portanto, não cabe ao analista compreender o significado do que seja um homem trabalhador e dar a resposta esperada pelo analisando, pois não é função do analista responder à demanda do analisando, pois, se agisse dessa maneira, estaria tamponando a falta. Muito pelo contrário, o analista sustenta a falta. O analista, ao suportar a hiância surgida na transferência, permite a emergência do sujeito na análise.

Cito, aqui, a fala de André numa sessão analítica: “Por que, o que é ser homem? Ser homem é ser criativo, produzir [...] aqui (na análise) eu posso ser homem, produzir”.

André fala, portanto, do seu desejo. A fala de André aponta a direção do seu desejo: ele deseja ser homem e poder “produzir”, “criar”. Por outro lado, há sua posição de gozo em sua relação com a mãe que ele teme perder, e sabemos da resistência à análise provinda da perda de gozo.

Enfim, André teme perder o amor de sua mãe ao se tornar um sujeito desejante. Sua mãe o trata “como um menino”, o “projeto” que a mãe tem para André é o de fazê-lo ocupar o lugar de “mediocre” na família. Será que a mãe deixará de amá-lo e de lhe ofertar o “leite quente” se ele passar à função desejante?

O papel do analista é o de sustentar essa hiância onde incide a divisão inaugural do sujeito, ponto em que o sujeito se vê causado como falta por *a* (LACAN, [1964]2008, p.261).

A emergência do desejo na análise de André poderá possibilitar-lhe amar-se em seu eu ideal, pois, quanto mais longe o sujeito visa, quanto mais o sujeito deseja, mais se torna ele mesmo desejável (LACAN, [1960-1961]1992, p.132).

O próximo capítulo aborda as vicissitudes da função paterna e o adoecimento psíquico na atualidade.

2 VICISSITUDES DA FUNÇÃO PATERNA E O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA ATUALIDADE

Conforme a afirmação de Lacan no seu décimo primeiro Seminário, Freud funda a origem da função do pai em seu assassinio, em seu célebre texto “Totem e tabu”, de 1913 (LACAN, [1964]2008). Não por acaso, Freud escreveu um texto de intercessão, um texto que faz báscula entre o coletivo e o individual, para introduzir a noção de pai, pois foi a partir da relação de cada indivíduo com o pai que se estruturou a civilização, regulada por leis que barram o gozo ilimitado.

Ao associar a função paterna não com o pai real, mas com o pai morto, Freud lhe atribui uma função simbólica. É o pai simbólico que funciona como peça-chave na triangulação edipiana. Assim, a função paterna é estruturante para a subjetividade de cada indivíduo.

O pai entra na trama edípica como o terceiro elemento, permitindo ao filho simbolizar a diferença sexual. O papel do pai, no complexo de Édipo, sustentado pelo significante fálico, é, portanto, indispensável para que a criança reconheça a castração, ascendendo, dessa maneira, ao registro simbólico.

No final do primeiro capítulo, vimos mais além do papel do pai na constituição da subjetividade, estabelecendo o lugar do pai no tratamento psicanalítico e, conseqüentemente, o lugar do pai na transferência. A função do pai é crucial na transferência, pois é atribuição da função paterna salvaguardar a dimensão do desejo na análise. E, como afirma Lacan ([1964]2008), o desejo é o eixo, o pivô da transferência. Enfim, o desejo é o elemento-força que faz girar a transferência.

No presente capítulo, é abordada a temática do pai por outro viés: o lugar do pai no laço social, estudando as vicissitudes do papel do pai na sociedade contemporânea, atualizando seu estatuto e analisando o poder de sua autoridade na atualidade.

A decadência do pai na atualidade é um tema importante e também bastante discutido entre os psicanalistas. A perda da autoridade do pai implica mudanças na clínica psicanalítica contemporânea. Com o arrefecimento da autoridade paterna, qualquer indivíduo ou instituição que venha representá-la irá sentir seus efeitos imediatos. Da mesma maneira, o analista, a quem é dada uma posição privilegiada na relação transferencial com seu analisando – posição esta que faz o analista se utilizar do significante Nome-do-Pai –, também encontra novas dificuldades em seu campo de ação. Manobrar a transferência para favorecer o percurso

analítico, trabalho do analista, depende de que o analisando o reconheça e se dirija a ele como aquele que sabe responder ao enigma de seu desejo inconsciente.

Portanto, interessa ao psicanalista avaliar o lugar do pai no laço social contemporâneo, pois, embora a psicanálise se volte para a constituição do sujeito enquanto particular, não pode deixar de considerar a realidade dessa contingência externa pelo fato de haver relação entre a posição do analista na transferência e a função paterna.

O presente capítulo pretende manter a ideia freudiana do pai como o elemento que funciona como ponte de ligação entre o coletivo e o individual. Do lado do coletivo, apontam-se os fatores históricos e socioculturais que corroboraram a decadência da autoridade do pai no laço social contemporâneo, bem como sua repercussão na estruturação da família e no mal-estar da cultura atual. Do lado do indivíduo, abordam-se as novas formas de adoecimento psíquico na atualidade e levanta-se a questão por quais vieses as vicissitudes da função paterna modificaram – dificultando ou facilitando – o trabalho do analista.

2.1 A dualidade originária na relação com o pai

Sentimentos de amor e de ódio estão presentes em toda relação humana, mas Freud destaca a relação do filho com o pai como o modelo da ambivalência afetiva, como o exemplo que revela mais facilmente os efeitos dessa ambivalência fundamental.

No texto “Totem e tabu” ([1913 b]1996, p.158), Freud escreve:

Muitas vezes tive ocasião de assinalar que a ambivalência emocional, no sentido próprio da expressão – ou seja, a existência simultânea de amor e ódio para os mesmos objetos – jaz na raiz de muitas instituições culturais importantes. Não sabemos nada da origem dessa ambivalência. Uma das pressuposições possíveis é que ela seja um fenômeno fundamental de nossa vida emocional. Mas parece-me bastante válido considerar outra possibilidade, ou seja, que originalmente ela não fazia parte de nossa vida emocional, mas foi adquirida pela raça humana em conexão com o complexo-pai, precisamente onde o exame psicanalítico de indivíduos modernos ainda a encontra revelada em toda a sua força.

Apesar das grandes vicissitudes pelas quais a função paterna passou ao logo do tempo, a ambivalência de sentimentos em relação ao pai não mudou. Seguindo o pensamento de Freud, podemos afirmar que essa ambivalência afetiva data do momento do assassinato do pai da horda primeva pelos filhos – momento do nascimento da civilização regulada pelo totemismo

–, contudo, a ambivalência afetiva na relação com o pai continua presente na realidade psíquica de cada indivíduo da sociedade contemporânea.

Do lado do amor, o filho, afeiçoado ao pai, se identifica com ele e tenta imitá-lo, mantendo com o pai uma relação terna. Por outro lado, o ódio ao pai manifesta-se, sobretudo, na rivalidade que o filho trava com este, na tentativa de superá-lo ou de eliminá-lo. Da hostilidade para com o pai, deriva o medo do pai, tão presente nas análises dos neuróticos.

Em diversas passagens de sua obra, Freud relata o conflito subjetivo originado da relação ambivalente do filho com o pai. Se por acaso, em determinadas circunstâncias, houver uma mudança na economia psíquica do sujeito, promovendo certo desequilíbrio entre o amor e o ódio ao pai, isso gera conflito e, conseqüentemente, sofrimento psíquico.

A experiência da clínica clássica do tempo de Freud é propícia para avaliar a incidência do pai na clínica psicanalítica. Freud considerava importante a relação do paciente em análise com seu pai e, em seus casos clínicos, frequentemente indicava a relação com o pai como o fator desencadeador do adoecimento do analisando. Recorrentemente, Freud faz uma conexão entre o adoecimento psíquico do analisando e a intensificação do sentimento de ódio ao pai, quando o ódio ao pai é recalcado por ser considerado inadmissível pela consciência.

Freud esclarece o mecanismo do desenvolvimento da fobia, por exemplo, ao relatar que o medo do objeto da fobia é, na verdade, o medo do pai – derivado da hostilidade ao pai – deslocado para o novo objeto da fobia. Relatando o caso do pequeno Hans, escreve:

Deixem-me resumir os resultados que foram alcançados até agora. Por trás do medo que Hans exprimiu primeiro, o medo de que um cavalo o mordesse, descobrimos um medo mais profundamente assentado, o medo de cavalos caindo; e os dois tipos de cavalo, o cavalo que morde e o cavalo que cai, foram mostrados para representar seu pai, que ia puni-lo pelos maus desejos que ele estava nutrido contra ele. (FREUD, [1909]1996, p.114).

O pequeno Hans, por desejar ser o objeto exclusivo do amor materno, encarou o pai como seu rival e desejou eliminá-lo. O sentimento hostil dirigido ao pai gerou em Hans o medo de ser punido por ele. Além do medo de ser punido pelo pai, o sentimento hostil do pequeno Hans em relação ao pai não superou o amor que o jovem garoto dedicava a ele e, portanto, o destino do ódio do pequeno Hans foi o recalçamento. O efeito do recalque do pequeno Hans foi o de separar a ideia do afeto, ou seja, o medo originariamente do pai foi deslocado para o objeto fóbico substituto do pai, neste caso, o cavalo.

Alguns anos depois, ao publicar o caso do “homem dos lobos”, Freud ([1918]2010, p.45) volta a associar o adoecimento psíquico do paciente com a ambivalência afetiva em

relação ao pai: “O medo do pai fora o mais forte motivo de seu adoecimento, e a postura ambivalente para com todo substituto do pai dominou sua vida e sua conduta durante o tratamento”.

Mais adiante no mesmo texto, associa alguns dos sintomas obsessivos do “homem dos lobos” com a ambivalência afetiva em relação ao pai: “Alguns outros sintomas obsessivos de gênero menos típico levam com igual certeza ao pai [...]”. (FREUD, [1918]2010, p.90).

Não apenas nos seus relatos de casos, mas também ao longo de toda sua obra, Freud retorna ao assunto da conexão existente entre a ambivalência afetiva do indivíduo com o pai e seu conseqüente adoecimento psíquico.

Voltando ao analisando André, cujos fragmentos do caso clínico foram relatados ao longo do primeiro capítulo, ele padecia de uma depressão melancólica após o abandono do pai, tornando-se taciturno, inibido, “sem ânimo para as coisas”. Após a separação dos pais, o rendimento escolar de André piorou consideravelmente devido à sua marcada abulia, até o ponto de ter de repetir um ano letivo, e os sintomas depressivos se acentuaram com o tempo.

Em “Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio” ([1923 b]2011), Freud descreve outra forma de sofrimento psíquico no homem diretamente vinculado ao pai. A depender do grau da ambivalência e da intensidade dos afetos negativos para com o pai, erige-se no homem um típico complexo patogênico diretamente vinculado ao pai, que costuma se desencadear após sua perda. A perda do pai proporciona uma situação favorável ao adoecimento psíquico do indivíduo.

Não é algo incomum que um homem sofra de depressão melancólica e inibição no trabalho em consequência da morte do pai. Disso concluímos que um amor particularmente forte o ligava a esse pai, e nos lembramos da frequência com que também a melancolia grave aparece como forma neurótica do luto. (FREUD, [1923 b]2011, p.247).

No artigo citado acima, Freud se dedica a estudar o caso do pintor Christoph Haitzmann através do manuscrito proveniente do santuário de Mariazell. No manuscrito, narra-se minuciosamente o “caso clínico-demonológico” do pintor, vivido durante o século XVII. Freud considera o caso clínico um achado valioso, pois evidencia um fator patogênico típico que repetidamente acomete os homens.

Numa época de desalento com sua arte e dúvida com a sobrevivência, o pintor fez um pacto de sangue com o Demônio, no qual se comprometera por escrito a pertencer-lhe de corpo e alma após um período de nove anos. O fim do prazo se aproximava e o infeliz pintor

estava arrependido do pacto selado com o Demônio, por isso, solicitou ajuda dos religiosos na tentativa de libertar-se do pacto. Freud, então, levanta a seguinte pergunta:

Se vemos esse compromisso com o Diabo como um caso clínico de neurose, nosso interesse se dirige inicialmente para a sua motivação, que, é claro, liga-se estreitamente àquilo que o ocasionou. Por que um indivíduo se compromete com o Demônio? (FREUD, [1923 b]2011, p.234).

A resposta dada por Freud é que o pai de Christoph Haitzmann havia morrido. A morte do pai desencadeou o estado depressivo no pintor, o que o deixou abatido, indisposto para o trabalho. O pintor estava nostálgico, tomado de prostração pela morte do pai, portanto, seu pacto com o Demônio foi para livrar-se de uma depressão do humor. Ao colocar o Demônio como substituto direto do pai, o pintor esperava reaver sua disposição para o trabalho e para a vida.

Mas isso ainda não é suficiente para explicar por qual razão o pintor se comprometeu com o Demônio para livrar-se de seu sofrimento e sua inibição. Se o pintor amava o pai e estava saudoso dele, por que, ao invés de um pacto com o Demônio, o pintor não recorreu a Deus como o sucedâneo do pai querido?

Freud, então, lembra-nos que “a relação com esse pai era ambivalente talvez desde o início” ([1923 b]2011, p.244).

Havia no pintor, portanto, dois impulsos afetivos opostos, o que explica a escolha – inconsciente – do Demônio como substituto do pai por parte do pintor.

É o processo, bem nosso conhecido, da decomposição de uma ideia de teor contraditório – ambivalente – em duas partes nitidamente contrárias. Mas as contradições da natureza original de Deus são reflexo da ambivalência que domina a relação do indivíduo com seu pai. Se o Deus justo e bom é um substituto do pai, não devemos nos admirar de que também a atitude hostil, que o odeia e teme e dele se queixa, tenha vindo a se expressar na criação de Satã. Portanto, o pai seria o protótipo individual tanto de Deus como do diabo. (FREUD, [1923 b]2011, p.245).

A escolha do Demônio como sucedâneo do pai revela uma atitude negativa do pintor perante este. Freud ([1923 b]2011, p.247) afirma que, quanto mais ambivalente foi a relação do indivíduo com seu pai durante a vida, mais *chances* tem ele de adoecer após a perda do pai: “[...] o luto após a perda do pai se transformará tanto mais facilmente em melancolia quanto mais a relação com ele se achava sob o signo da ambivalência”.

Freud também destaca um elemento típico que determina o lado negativo da relação com o pai, a saber, a rebeldia do indivíduo contra a atitude feminina em relação ao pai. O não

resolvido conflito entre atitude masculina e feminina para com o pai reforça a ambivalência. No caso do pintor, o conflito entre atitude masculina e feminina para com o pai se expressou nas aparições do Demônio com seios, pois os seios representam a característica sexual feminina presente no Demônio. Assim, os seios do Demônio corresponderiam a uma projeção da própria feminilidade no sucedâneo do pai. Por outro lado, os seios presentes no Demônio demonstram um sinal de que a ternura infantil foi deslocada da mãe para o pai, o que, por sua vez, alude a uma forte fixação anterior na mãe (FREUD, [1923 b]2011, p.251).

“Dostoiévski e o parricídio” (FREUD, [1928]2014) é outro texto importante para se avaliar de que maneira a ambivalência afetiva na relação com o pai, a depender do grau de intensidade, pode manifestar-se na vida de um indivíduo.

Nesse artigo, Freud estuda a vida pessoal do genial escritor a fim de desvendar os motivos de seu grande sentimento de culpa, seu masoquismo e seu adoecimento, pois Dostoiévski sofria de uma grave epilepsia.

Freud destaca que o escritor conservava bastantes traços sádicos, tais como sua irritabilidade, seu gosto em atormentar e sua intolerância para com as pessoas amadas. Ressaltando que o dom artístico do escritor não é suscetível de análise, Freud prossegue a análise da vida pessoal de Dostoiévski e afirma que, apesar de sua disposição perversa, trata-se de um caso de neurose. Freud baseia-se, sobretudo, nas convulsões epiléticas do escritor, entendendo sua epilepsia como um sintoma histérico:

Mas como se prova a existência da neurose, estritamente falando? Dostoiévski se definiu e era tido como epilético, com base em sérios ataques que envolviam perda da consciência, convulsões musculares e subsequente mau humor. É bastante provável que o que chamamos de epilepsia fosse apenas um sintoma de sua neurose, que, então, deveria ser classificada de histeroepilepsia, ou seja, de histeria grave. (FREUD, [1928]2014, p.341).

Portanto, para Freud, o ataque epilético, neste caso, vem a ser um sintoma da histeria. Ele propõe, então, distinguir entre uma epilepsia orgânica e uma “afetiva”, sendo a epilepsia de Dostoiévski do segundo tipo. A suposição de Freud ([1928]2014, p.344) é que os ataques do escritor tomaram a forma epilética somente após “[...] a perturbadora vivência dos dezoito anos, o assassinato do pai”.

O assassinato do pai foi vivenciado de forma traumática pelo escritor, tornando-se o ponto central de sua neurose. De acordo com o pensamento de Freud ([1928]2014), os ataques epiléticos de Dostoiévski semelham à morte e significam uma identificação com um morto:

ou com uma pessoa que, de fato, já morreu, ou – o que é mais importante aqui – com uma pessoa que ainda vive e a quem se deseja a morte.

O ataque tem, então, o valor de um castigo. O indivíduo desejou a morte de outro, e agora é esse outro e está morto. Aqui a teoria psicanalítica traz a afirmação de que esse outro, para o menino, via de regra é o pai, e o ataque – denominado histérico – é, então, uma autopunição pelo desejo de morte relativo ao pai odiado. (FREUD, [1928]2014, p. 346).

O parricídio é, segundo Freud ([1928]2014, p.347), a fonte principal do sentimento de culpa. Do trecho do texto freudiano citado acima, depreende-se a identificação com o pai no nível do imaginário, o plano do *eu ou você*, um ou outro (LACAN, [1955-1956]2010, p.350).

Mais adiante no texto, Freud aborda a problemática do supereu, essa instância especial que nasce da identificação com o pai. O supereu torna-se sádico, o eu se torna masoquista, encontrando satisfação nos maus-tratos por parte do supereu. Por isso que Lacan vai enfatizar a diferença existente entre o pai como castrador e o pai como origem do supereu, pois o pai imaginário é o fundamento da função do supereu (LACAN, [1959-1960]2008, p.360). O supereu, com seu imperativo categórico, é uma lei sem dialética.

Enfim, Freud afirma que é pela influência da ameaça de castração que o indivíduo recalca o ódio ao pai. Entretanto, não só o ódio ao pai é recalcado, mas também a paixão pelo pai é recalçada. No caso de Dostoiévski, Freud relata que o medo da atitude feminina para com o pai favoreceu seu adoecimento psíquico, pois uma disposição fortemente bissexual – como a de Dostoiévski – torna-se uma das condições ou intensificações da neurose.

A forma como o indivíduo vivencia a ameaça de castração é a chave de toda neurose. Freud ([1928]2014, p.350) considera ser importante o fato de o pai de Dostoiévski ter sido particularmente violento na realidade e relaciona seu “extraordinário sentimento de culpa” e sua conduta masoquista a um componente feminino particularmente forte.

Assim, o sintoma “dos ataques que semelham a morte”, já presente em sua infância, pode ser compreendido como uma identificação com o pai, identificação admitida pelo supereu como punição: “ ‘Você quis matar o pai, para se tornar o pai você mesmo. Agora é o pai, mas o pai morto’ – o mecanismo habitual dos sintomas histéricos” (FREUD, [1928]2014, p.350).

Freud pontua que Dostoiévski nunca se livrou do fardo da consciência do desejo parricida, e sua necessidade de castigo explica como um homem de seu porte intelectual tenha suportado viver tantos anos na miséria. Também, sua relação de submissão ao Estado e com a religião está associada a sua intenção parricida e conseqüente sentimento de culpa.

Pode-se dizer que Dostoiévski nunca se livrou do fardo da consciência da intenção parricida. Isso também determinou seu comportamento nas duas outras áreas em que a relação com o pai é decisiva, a autoridade estatal e a fé em Deus. (FREUD, [1928]2014, p.352).

Freud enfatiza a dificuldade de se trabalhar o desejo de parricídio em análise. Na verdade, a admissão do desejo de parricídio por parte do analisando “parece intolerável sem preparação analítica” (FREUD, [1928]2014, p.354).

O sentimento de culpa encobre a intenção parricida, e sabemos o quanto este sentimento é paralisante. O sentimento de culpa de André o paralisa, porém, ao invés de se sentir culpado, ele se sente inibido. A inibição de André para o trabalho é, sem dúvida, uma manifestação de sua culpa inconsciente. Quando seu pai abandonou o lar familiar, o desejo inconsciente de André de eliminar o pai de sua vida e de “ficar só com a mãe” foi realizado, e sabemos que “[...] é perigoso quando a realidade satisfaz esses desejos reprimidos” (FREUD, [1928]2014, p.351). O abandono do lar familiar por parte do pai, portanto, intensificou o sentimento de culpa de André.

Recentemente em sua análise, o significante do abandono apareceu mais uma vez, e, desta vez, relacionado à sua filha. André não recebeu a ligação da filha em seu aniversário e, na sessão, repetiu esse sentimento, pois ele se sentiu “abandonado” pela filha.

A compulsão à repetição de André não deve nos surpreender, uma vez que Freud revelou para onde ela nos leva. A compulsão à repetição que Freud ([1920]2010) observou em seus pacientes foi o motivo que o levou a detectar a pulsão de morte. Esse eterno retorno do mesmo, que, à primeira vista, parece ser um infortúnio designado pelo destino, tem, na verdade, participação ativa do sujeito em questão:

Esse “eterno retorno do mesmo” não nos surpreende muito, quando se trata de um comportamento ativo da pessoa em questão e nós descobrimos o traço de caráter permanente de seu ser, que tem de manifestar-se na repetição das mesmas vivências. (FREUD, [1920]2010, p.182).

A repetição do significante “abandonado” na análise de André revela a dificuldade do sujeito em se deslocar de sua posição de gozo, trabalhando na transferência para ressignificar seu sentido.

Para ressignificar sua relação com o pai desertor, é importante que o analisando crie algo novo para si, substituindo o significante do abandono que lhe causa grande sofrimento por outro significante que lhe possibilite barrar o gozo proveniente do seu sintoma. Para tanto, faz-se mister que o analisando fale de sua ambivalência afetiva em relação ao pai, fale de seu

amor e de seu ódio ao mesmo objeto – o pai. No seu estrato mais profundo, essa ambivalência afetiva do analisando para com o pai é originada da eterna oposição entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

2.2 Representações do pai nos textos sociais de Freud

Conforme escrito anteriormente nesta dissertação, o complexo de Édipo foi a descoberta indispensável da psicanálise. A descoberta do complexo de Édipo por Freud lhe permitiu ligar a psicologia individual com a psicologia social, pois o complexo de Édipo é a reedição individual do ato parricida coletivo dos tempos primitivos. Portanto, o complexo de Édipo presentifica, na realidade de cada indivíduo, a memória do ato coletivo pré-histórico, pois, a partir da relação de cada indivíduo com o pai, foi estruturada a civilização.

Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: - a relação do homem com o pai. (FREUD, [1913 b]1996, p.158).

O texto “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, [1921]2011) é fundamental para compreendermos qual o papel do pai no social, o que o pai representa na cultura.

Freud estuda a formação das massas – ou dos grupos – e afirma que existem espécies diferentes deles. Existem grupos passageiros e outros mais duradouros; grupos homogêneos, que se compõem de indivíduos do mesmo tipo, e grupos não homogêneos; grupos naturais e grupos artificiais. Porém, o que mais importa a Freud nesse artigo é a diferenciação entre grupos com líder e grupos sem líder. Freud se deterá nos grupos com líder, os mais primordiais e mais completos, por isso escolhe a Igreja – a comunidade dos crentes – e o Exército como exemplos de grupos a serem estudados. Nesse texto de Freud, a ideia do líder tem grande importância, pois, de acordo com o autor, o líder é indispensável para manter a massa unida.

Seguindo o pensamento de Freud no texto, há dois tipos distintos de identificação para cada membro da massa ou do grupo. A diferenciação desses dois tipos de identificação é

essencial para compreender o funcionamento do grupo em sua coletividade. Há, então, a identificação recíproca dos indivíduos do grupo e a identificação de cada um dos membros do grupo com o líder.

Vejamos, agora, como Freud trata esses dois tipos de identificação, e a importância dessa diferenciação para se compreender a organização libidinal do grupo, pois as relações de amor constituem também a “essência da alma coletiva” (FREUD, [1921]2011, p.45). Para manter o grupo unido, é necessário manter a ilusão de que o líder dedica o mesmo amor a todos os indivíduos, ressaltando Freud que o líder é um substituto paterno para o grupo.

Freud recorre à teoria da relação de objeto para avaliar o fenômeno da identificação no grupo. A essência da diferença da identificação dos membros do grupo entre si e da identificação de cada membro com o líder do grupo é saber em qual lugar o objeto da identificação será colocado – se no lugar do eu ou no lugar do ideal do eu.

Após essas discussões estamos preparados para oferecer uma fórmula relativa à constituição libidinal de uma massa. Pelo menos de uma massa tal como vimos até aqui, isto é, que tem um líder e não pôde adquirir secundariamente, através de excessiva “organização”, as características de um indivíduo. *Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu eu.* (FREUD, [1921]2011, p.76. Grifos do autor).

Cada indivíduo do grupo está, portanto, ligado libidinalmente ao líder – identificação no nível do ideal do eu – e também aos outros indivíduos do grupo mediante uma identificação em seu eu. Mais adiante no texto, Freud irá descrever como essas duas ligações se comportam entre si e se são da mesma espécie e valor.

Freud acredita ter encontrado o motivo que leva à mudança e à limitação da personalidade do indivíduo no grupo, pois, nele, cada indivíduo está ligado afetivamente em duas direções – esse fato esclareceria o principal fenômeno da psicologia das massas, a saber, a ausência de liberdade do indivíduo nela inserido.

Neste momento, farei uma digressão com o intuito de relatar o fenômeno do pânico descrito por Freud no mesmo texto. Freud afirma que o pânico surge quando um grupo – como o Exército, por exemplo – se desintegra. O indivíduo é tomado pelo pânico quando as ordens do superior não são mais ouvidas e cada membro cuida apenas de si, sem consideração pelos demais.

Se o indivíduo, tomado de angústia pânica, passa a cuidar apenas de si mesmo, demonstra haver compreendido que cessaram as ligações afetivas que até então minoravam para ele o perigo. (FREUD, [1921] 2011, p.50).

Na situação de pânico do grupo, o indivíduo se defronta sozinho com o perigo, o medo pânico pressupõe o afrouxamento da estrutura libidinal que unia o grupo.

Freud, então, aproxima o pânico coletivo do pânico individual:

Não se pode esperar que o uso da palavra “pânico” esteja fixado de maneira clara e inequívoca. Às vezes ela designa qualquer medo coletivo, outras vezes também o medo de um indivíduo [...] Se tomarmos “pânico” no sentido de medo coletivo, poderemos estabelecer uma analogia de vasto alcance. O medo do indivíduo é provocado pela magnitude do perigo ou pela interrupção de laços afetivos (investimentos libidinais); este último caso é o da angústia neurótica. (FREUD, [1921]2011, p.51).

Portanto, no nível do individual, Freud equivale o termo “pânico” a angústia. O pânico nasce pela cessação dos laços afetivos que mantêm o grupo unido – é o medo neurótico. É interessante relatar esse trecho do texto de Freud aqui, pois o termo “pânico” tornou-se o signo de um transtorno classificável pela nosografia psiquiátrica contemporânea. Mais adiante na dissertação, veremos alguns dos impasses vividos pelos psicanalistas ao se defrontarem com essas novas formas de mal-estar na atualidade e com a nova terminologia psiquiátrica.

Voltando ao assunto da economia libidinal de um grupo, Freud ([1921]2011, p.58) afirma que o indivíduo no grupo limita seu narcisismo pela ligação libidinal a outras pessoas, no grupo aparecem restrições ao amor-próprio narcisista: “o amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos”. O amor, por refrear o narcisismo, torna-se fator de cultura.

Porém, é a identificação, a “mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto” (FREUD, [1921]2011, p.65) que mantém o grupo unido. Os indivíduos, no grupo, estão ligados entre si pela identificação através de algo afetivo importante em comum, e esse algo em comum está no tipo de ligação com o líder, segundo Freud.

Freud volta a salientar a importância do papel do líder, o substituto do pai, no grupo. Desvencilhando-se da teoria de W. Trotter, que defendia a existência de um instinto gregário, inato ao ser humano e em outras espécies animais, que explicaria a tendência dos homens de juntarem-se em unidades cada vez mais abrangentes, Freud afirma que o ser humano, sobretudo em sua infância, tende, inicialmente, a apresentar uma atitude hostil para com o outro. Freud utiliza como exemplo o comportamento da criança quando recebe um irmão mais novo na família. Neste caso, a criança mais velha recebe a menor com inveja e comporta-se de forma hostil para com ela. Porém, quando ela percebe que o irmão mais novo é igualmente amado pelos pais e que não é possível manter sua atitude hostil para com ele sem se

prejudicar, é obrigada a identificar-se com o irmão mais novo, e com as demais crianças que se seguem.

A primeira exigência dessa formação reativa é aquela por justiça, tratamento igual para todos. É sabido como essa reivindicação se expressa de modo nítido e inexorável na escola. Quando não se pode ser o favorito, então nenhum dos outros deve ser favorecido. (FREUD, [1921]2011, p.81).

Mais adiante no texto, Freud conclui seu raciocínio sobre o que realmente está em causa no sentimento social:

O sentimento social repousa, portanto, na inversão de um sentimento hostil em um laço de tom positivo, da natureza de uma identificação. Até onde podemos enxergar hoje esse curso de eventos, tal inversão parece ocorrer sob influência de um laço afetuoso comum a uma pessoa que está fora da massa. (FREUD, [1921]2011, p.83).

O líder – representante do pai – está, portanto, fora da massa. Após o ensino de Lacan, podemos afirmar que a identificação dos membros do grupo entre si se dá no nível do eu – identificação no nível do imaginário, conseqüentemente; já a identificação com o líder – que está fora da massa – se dá no nível do ideal do eu, no nível do simbólico. A função do líder – ou do pai – no social é simbólica.

Anteriormente, no mesmo texto, Freud questiona se o líder é indispensável para a essência do grupo e pontua que ele pode ser substituído por uma ideia. Dessa afirmação de Freud, depreende-se que o que mantém a sociedade coesa não está na ordem do pulsional, pois, se assim o fosse, ocorreria o contrário, ou seja, a dispersão do grupo social.

Portanto, é o líder quem mantém a união dos membros do grupo, ou dos membros da sociedade. Também no interior do grupo familiar, a premissa do amor igual do pai é indispensável para manutenção de sua força. E, como o líder pode ser representado por uma ideia sem perder sua função, que é simbólica, o regime simbólico e sua lei é que vão manter a ordem social, permitindo a convivência de cada indivíduo na sociedade.

Porém, no texto “O mal-estar na civilização”, Freud ([1930]2010, p.47) faz a seguinte afirmação: “Parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização [...]”. Antes, o autor, ressaltando as restrições do ser humano em alcançar a felicidade, restrições estas inerentes à sua própria estrutura, afirma que é bem menos difícil experimentar a infelicidade, pois o sofrer ameaça-nos de três lados: do próprio corpo, fadado ao envelhecimento; do mundo externo; e, por fim, das relações com os outros – a fonte que mais causa sofrimento ao indivíduo, segundo Freud.

O modo como são reguladas as relações dos homens entre si restringe grandemente a liberdade individual. Freud escreve que “A liberdade individual não é um bem cultural” ([1930]2010, p.57). A sociedade limita as possibilidades de gozo de cada indivíduo. A exigência cultural para a continuação da vida humana em comum é a justiça, isto é, a garantia da ordem legal. Freud volta, portanto, à ordem simbólica e sua lei como condição de manutenção da sociedade. A lei garante a supremacia do poder da comunidade, limitando o gozo de cada um dos seus membros. Como garantia de manutenção da ordem, todos contribuem com o sacrifício de suas pulsões. Está instalado, portanto, o conflito entre o interesse individual e o interesse coletivo, e Freud questiona se há meios para se resolver esse conflito:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (FREUD, [1930]2010, p.58).

A civilização, diz-nos Freud, é construída sobre a renúncia pulsional. Mas, caso o indivíduo pudesse fruir plenamente de sua liberdade na sociedade, escolhendo sem restrições seus objetos de amor e as diversas modalidades de gozo possíveis, ainda assim estaria insatisfeito, pois Freud ([1930]2010, p.70), apesar de não afirmar com toda certeza, sugere que a própria função sexual “nos recusa a plena satisfação e nos impele por outros caminhos”.

Após o ensino de Lacan, sabemos com certeza que há um mal-estar inerente à estrutura psíquica do homem, pois sempre existe a falta, a incompletude.

Além do mais, não apenas a sexualidade é reprimida na cultura, mas também o pendor agressivo do homem. A pulsão agressiva, derivada e representante maior da pulsão de morte, é o mais poderoso obstáculo à civilização como adverte Freud ([1930]2010).

Na base de todas as construções culturais do ser humano, está a eterna luta entre a pulsão de vida e Tânatos – pulsão de morte:

Agora, acredito, o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte [...] Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana. (FREUD, [1930]2010, p.90-91).

O perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, necessita ser inibido pela cultura, para a manutenção da ordem social. Como isso pode ser feito?

O medo da perda do amor é um fator importante para tornar inofensiva a agressividade do indivíduo, pois, ao se comportar agressivamente, ele teme ficar desprotegido contra perigos diversos ao perder o amor da autoridade. Por outro lado, o indivíduo teme perder o amor e expor-se ao risco de a autoridade lhe demonstrar a superioridade em forma de castigo. Freud pontua que a dependência e o desamparo vividos pelo indivíduo na infância constituem o motivo de sua submissão à autoridade

Freud se refere, então, à grande mudança que ocorre no indivíduo quando a autoridade é internalizada pelo estabelecimento do supereu. O supereu, nascido de uma identificação com o pai, toma o lugar da autoridade externa e, deste momento em diante, desfaz-se a diferença entre fazer o mal e desejar o mal, pois, ante o supereu, nada se pode esconder.

Mas a severidade do supereu para com o eu não se origina somente do fato de o supereu ser o herdeiro do complexo de Édipo e o representante do pai na estrutura psíquica. O supereu ganha sua força não apenas da severidade do pai, mas também da agressão do indivíduo contra o pai. Cada agressão suprimida é transferida para o supereu, aumentando ainda mais seu sadismo para com o eu.

Seguindo o raciocínio de Freud, em o “Mal-estar na civilização” ([1930]2010), o supereu é uma instância psíquica que se origina da agressividade deslocada para dentro. Isso ocorre devido ao conflito de ambivalência afetiva: a frustração por não poder fruir a pulsão desencadeia a agressividade, e a experiência do amor volta essa agressividade para dentro, transferindo esse investimento ao supereu. O sentimento de culpa foi adquirido quando do assassinio do pai e é “expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou de morte” (FREUD, [1930]2010, p.104).

Mais adiante no texto, ao abordar o imbróglgio da luta entre o indivíduo e a sociedade, Freud faz uma analogia entre o processo de desenvolvimento do indivíduo e o processo cultural da humanidade:

A analogia entre o processo cultural e o desenvolvimento do indivíduo pode ser ampliada num aspecto importante. Pois é lícito afirmar que também a comunidade forma um supereu, sob cuja influência procede a evolução cultural [...] Um outro ponto de concordância é que o supereu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante “angústia de consciência”. (FREUD, [1930]2010, p.116).

Freud relata que, na vivência em família, o conflito de ambivalência manifesta-se no complexo de Édipo, criando o primeiro sentimento de culpa. Depois, ao se procurar a ampliação dessa comunidade, o sentimento de culpa é intensificado. O propósito de se unir os

homens em uma massa intimamente ligada só pode ser alcançado através de um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa, Portanto, “o que teve início com o pai se completa na massa” (FREUD, [1930]2010, p.105).

Em diversas situações, as manifestações do supereu podem ser mais facilmente detectadas na coletividade do que no indivíduo. O acréscimo do sentimento de culpa pode chegar a um ponto em que o indivíduo ache difícil de tolerar. No indivíduo, o sentimento de culpa se expressa numa inconsciente necessidade de castigo; no social, o sentimento de culpa também não é reconhecido como tal, podendo vir à luz como um mal-estar ou uma insatisfação para a qual se buscam outras satisfações.

No processo de desenvolvimento do indivíduo, a busca de felicidade é preponderante e a integração a uma comunidade aparece como uma condição que se deve cumprir para alcançá-la. Já no processo cultural, a meta principal é criar uma unidade a partir dos indivíduos, e a busca da felicidade é impelida para segundo plano.

Esse traço diferenciador dos dois processos gera conflito do indivíduo para com o resto da sociedade, pois, com relação ao “supereu da cultura”, por exemplo, seus ideais são extremamente exigentes, desconsiderando por completo o bem-estar do eu e negando, inclusive, as limitações de sua estrutura a tal ponto de exigir seu “mais jovem mandamento”, que diz: “ama teu próximo como a ti mesmo” (FREUD, [1930]2010, p.119). Este mandamento do supereu cultural é um belo exemplo de seu procedimento antipsicológico, tendo como finalidade obter a mais forte defesa contra a agressividade humana.

Freud, então, ressalta a impossibilidade de o indivíduo cumprir todas as exigências que o supereu da cultura impõe, impossibilidade esta que é estrutural, inclusive. Isso é causa de infelicidade e mal-estar na cultura.

Escrevendo ainda sobre a analogia entre o processo de desenvolvimento do indivíduo e o processo cultural do homem, Freud aponta para a possibilidade de se transferir a psicanálise para a comunidade cultural e questiona até onde esse feito poderia nos levar, se a experiência que o psicanalista acumulou em sua prática clínica poderia ser útil para avaliar o adoecimento psíquico no nível do social. Ele diz:

A linha de abordagem que procura estudar nos fenômenos da evolução cultural o papel de um Super-eu me parece prometer ainda outros esclarecimentos [...] Se a evolução cultural tem tamanha similitude com a do indivíduo e trabalha com os mesmos recursos, não seria justificado o diagnóstico de que muitas culturas – ou épocas culturais, ou possivelmente toda a humanidade – tornaram-se “neuróticas” por influência dos esforços culturais? A dissecação analítica dessas neuroses poderia ser acompanhada de sugestões terapêuticas que reivindicariam muito interesse prático. Não posso dizer que uma tentativa dessas, de transferência da psicanálise

para a comunidade cultural, não teria sentido ou estaria condenada à esterilidade. Mas teríamos de ser muito prudentes, e não esquecer que se trata apenas de analogias, e que não apenas com seres humanos, também com conceitos é perigoso retirá-los da esfera em que surgiram e evoluíram. (FREUD, [1930]2010, p.119-120).

No final do texto, Freud questiona se a cultura conseguirá, futuramente, controlar a pulsão agressiva e autodestrutiva do ser humano. O autor ressalta o desassossego e o medo do ser humano devido aos avanços científicos de sua época, que o tornaram capazes de se exterminarem até o último homem. Quem poderá prever o sucesso e o desenlace da luta de Eros contra a pulsão de morte?

O próximo item trata do declínio do poder do pai na atualidade, aproximando-se da problemática paterna no contemporâneo pelas vias balizadas por Freud através dos conceitos de supereu da cultura e ideal do eu. Do tempo de Freud até os dias atuais, o mundo passou por grandes mudanças. Se o declínio do poder do pai na atualidade é um fato, então, os mandamentos do supereu – nascido da identificação com o pai no final do complexo de Édipo – perderam parte de sua tirania. Resta saber agora todas as consequências desse declínio da autoridade paterna, como, por exemplo, o destino da agressividade, pelo lado da pulsão de morte, e o destino da sexualidade, pelo lado da pulsão de vida. Ou seja, o destino das pulsões na atualidade está em causa aqui.

Em seus textos sociais, Freud valorizou a função paterna como o elemento simbólico, como o sustentáculo da ordem familiar e social. Considerando-se todas as vicissitudes da ordem sociocultural nas últimas décadas, quais as ressonâncias delas para a função paterna e a lei simbólica?

2.3 O declínio da autoridade paterna: o lugar do pai no laço social contemporâneo

Desde o final do século XIX, grandes pensadores discutem sobre o tema do declínio da função paterna na sociedade, medindo as consequências na configuração familiar e cultural. E a psicanálise nasceu no seio dessa discussão, encontrando não mais o Deus pai todo poderoso da monarquia, representante terreno do poder divino, mas o pai de família, descentrado, despido de sua auréola de virtude.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas.

Ao perder sua aréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo século XX. (ROUDINESCO, 2003, p.21).

O fato de Freud ter-se deparado não com o pai todo poderoso e inquestionável, mas com o pai de família telúrico e mutilado, facilitou sua construção teórica, uma vez que a própria psicanálise nasceu da audácia de Freud de questionar os dogmas da psiquiatria de seu tempo e de ir mais além do saber de seus mestres, tais com Breuer e Charcot. Dessa forma, Freud descobriu a Outra cena, o inconsciente recalcado, que se manifesta através de suas formações como os sonhos, os atos falhos e os chistes.

Podemos indagar sobre as causas que influenciaram tal “fratura” do pai. A rivalidade dos filhos e a cobiça pelo poder constituíram, sem sombra de dúvida, uma de suas causas. Também a irrupção do feminino retirou do pai um bom quinhão de sua autoridade. Mas, apesar da “fratura” do pai, a psicanálise reconheceu sua importante função na regulação da família e da sociedade. Conforme cita Roudinesco, a família, apesar de ter deixado de ser conceitualizada como um vigor divino ou do Estado, permaneceu, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade (ROUDINESCO, 2003). E a estruturação da família, seguindo o pensamento de Freud, é pautada na lei simbólica estabelecida pelo complexo de Édipo. O Édipo reinventado por Freud garantiu, assim, a manutenção de um modelo de família, que, por sua vez, garantia o princípio da diferença como fator decisivo em sua configuração.

Podemos conjecturar que Freud reinventou o Édipo para responder de maneira racional ao terror da irrupção do feminino e à obsessão pela supressão da diferença sexual que haviam tomado conta da sociedade europeia do fim do século, no momento em que se apagavam em Viena o poder e a glória das últimas monarquias imperiais. Com ajuda do mito reconvertido em complexo, Freud, de fato, restabelece simbolicamente diferenças necessárias à manutenção de um modelo de família que se temia que estivesse desaparecendo na realidade. Em suma, atribuía ao inconsciente o lugar da soberania perdida por Deus pai para nele reinar a lei da diferença: diferença entre gerações, entre os sexos, entre os pais e os filhos, etc.(ROUDINESCO, 2003, p.65).

Mas a teoria do complexo de Édipo não dizia tudo sobre o pai, restava saber de onde se originava o poder desse pai de família. Faltava, portanto, fundar a função paterna e, conforme afirma Lacan, Freud funda a origem da função do pai em seu assassinio, em seu célebre texto “Totem e tabu” (FREUD, [1913 b]1996). Portanto, Freud suplementou o mito de Édipo com a narrativa mitológica do pai primevo em “Totem e tabu” (ZIZEK, 2009). Não foi por acaso que Freud escreveu um texto de intercessão, um texto que faz báscula entre o coletivo e o

individual, para introduzir a noção de pai, pois, a partir da relação de cada indivíduo com o pai, a civilização foi estruturada, sendo regulada por leis que barram o gozo ilimitado.

O sistema totêmico, de acordo com Freud, foi um pacto com o pai. Os filhos, saudosos do pai, ainda esperavam dele tudo o que uma criança pode esperar de um pai: proteção, cuidado e indulgência.

Após o assassinato do pai primevo e a proibição do incesto concomitante com o início da civilização, cada criança que nasce terá de reeditar, individualmente, o ato parricida, desta vez em sua realidade psíquica. Portanto, o complexo de Édipo, descoberta indispensável da psicanálise, é a reedição individual do ato coletivo dos tempos primitivos.

Ao associar a função paterna não com o pai real, mas com o pai morto, Freud lhe atribui uma função simbólica. Lacan foi o psicanalista que problematizou a função desempenhada pelo pai na teoria freudiana, fazendo a teoria psicanalítica avançar ao delimitar, com mais precisão, o papel da função paterna no complexo de Édipo, destacando, sobretudo, sua função simbólica. A presença do pai real não garante a resolução “normal” do Édipo, bem como a ausência desse pai real não é correlativa à forclusão da inscrição do significante Nome-do-pai no Outro. O que importa não é tanto a carência do pai na família, mas sua carência no Édipo. Portanto, a função do pai, no que concerne à estruturação psíquica da criança a partir do desfecho do Édipo, é uma função simbólica. O pai é uma metáfora que permite à criança renunciar ao seu primeiro objeto de desejo. Em outros termos, o pai é um operador simbólico que permite ao sujeito se constituir como sujeito desejante.

A psicanálise sustenta que o pai tem, portanto, função de emancipação da subjetividade, uma vez que o corte que ela promove faz surgir o sujeito justamente na falta.

Mas, seguindo as trilhas do complexo de Édipo, esse sujeito emergente é para sempre duplamente culpado: culpado por desejar assassinar o pai e culpado por desejar os favores sexuais da mãe.

Porém, a teoria freudiana é, na verdade, centrada no filho – o culpado – que, com esforço suficiente, poderá superar o pai e livrar-se de sua autoridade. A teoria psicanalítica, portanto, nunca combateu a ideia do declínio da função paterna, pelo contrário, enxergava o enfraquecimento do poder patriarcal como fato propício para o trabalho psicanalítico, pois entende que ao filho é dada a *chance* de superar o pai e livrar-se de sua autoridade. Em 1910, no texto sobre Leonardo da Vinci, Freud ([1910 a]1996, p.128) escreve:

Na maioria dos seres humanos – tanto hoje como nos tempos primitivos – a necessidade de se apoiar numa autoridade de qualquer espécie é tão imperativa que o seu mundo se desmorona se essa autoridade é ameaçada. No entanto, Leonardo pôde

dispensar esse apoio; não teria podido fazê-lo se nos primeiros anos de sua vida não tivesse aprendido viver sem o pai.

Foi por ter conseguido livrar-se da autoridade do pai, Freud diz que Leonardo pôde se tornar um pesquisador independente e inovador.

Portanto, a psicanálise estabelece uma correlação entre o sentimento de declínio da função paterna e a vontade de inscrever a família no cerne de uma nova ordem simbólica, uma ordem centrada não no pai despojado de sua potência divina, depois reinvestido no ideal econômico e privado do *pater familias*, mas no filho que se tornou pai e que recebeu como herança a grande figura destruída de um patriarca mutilado.

Roudinesco (2003, p.86) levanta a seguinte pergunta:

Nessa configuração trágica da psique, que aparece na aurora do século XX, que lugar convém atribuir a esse patriarca mutilado, confrontado ao surgimento de uma sexualidade em vias de se emancipar da procriação? Está em condições de sobreviver a esse longo caminho de sofrimento, ele que é, dia após dia, tomado de vertigem diante da suspensão progressiva dos próprios princípios sobre os quais se fundava sua autoridade?

De fato, a autoridade do patriarca não sobreviveu às contínuas e sucessivas mudanças ocorridas na sociedade ocidental, ao longo de todo o século XX. A família, célula estruturante de toda e qualquer civilização conhecida até os dias atuais, base através da qual o poder do pai ganha seu estatuto e força, lançando-se a partir daí para o resto da sociedade, passou por grandes mutações ao longo do último século. E a psicanálise, juntamente com a antropologia e a sociologia, exerceu papel importante ao propor uma nova definição da ordem simbólica que permite pensar o declínio do poder paterno, sem, no entanto, desestruturar a família nuclear.

A progressiva emancipação das mulheres – conforme escrito anteriormente – foi um fator decisivo na transformação da família. O controle da procriação, possibilitado pelo advento dos métodos anticoncepcionais, permitiu às mulheres o planejamento familiar. Doravante, a futura mãe poderia escolher quando engravidar e quantos filhos ela gostaria de ter. Associada a isso, a conquista de igualdade de direitos sociais e políticos por parte das mulheres possibilitou a elas o acesso ao mercado de trabalho. A participação ativa na renda familiar incrementou o poder da mulher na família, que passou a dividir com o homem o papel da liderança.

Com a crescente maternalização da família, a dita família coparental tinha, na verdade, o filho ocupando o lugar central. E este filho herdou uma imagem turva, dissipada, da autoridade paterna que se tornava cada vez mais abstrata:

No seio desse dispositivo que influenciou as sociedades ocidentais, a criança ocupou então, em sua relação com a mãe, o lugar central reservado a Deus pai. Assim ele herdou, valendo-se de sua onipotência, uma imagem turva da autoridade paterna, que parecia se dissipar no nada de uma maternalização crescente. (ROUDINESCO, 2003, p.109).

Vivendo na sociedade europeia destroçada pela guerra, Lacan foi um psicanalista importante para ressituar a teoria do pai na psicanálise. Convicto de que a soberania do pai estava para sempre perdida, ele retomou as categorias freudianas do pai para extrair o sumo de suas ideias. Lacan entendia que a revalorização do pai só podia ser simbólica:

Já lhes mostrei no ano passado: para que haja os três termos do trio, é preciso um espaço fechado, uma organização do mundo simbólico, que se chama o pai. (LACAN, [1956-1957]1995, p.57).

Para Lacan, a importância da função paterna residia numa possibilidade de abertura para o filho. O Édipo era a expressão dessa abertura, pois introduzia uma triangulação que separava o filho da mãe.

Lacan também se importou muito com as questões da feminilidade e da maternidade, esforçando-se por separar o feminino do materno, e lidando à sua maneira com o real da diferença sexual. Ele teorizou sobre o gozo ligado ao feminino, o gozo ilimitado, fora do circuito fálico, e ressaltou a não complementaridade entre os sexos. Conforme o pensamento de Roudinesco, Lacan, ciente da impossibilidade de qualquer união plenamente consumada entre um homem e uma mulher, estava convicto de que a família representava a expressão social de “uma desordem psíquica perfeitamente organizada em aparência, mas incessantemente destruída a partir de dentro” (ROUDINESCO, 2003, p.150).

Com a dessacralização do casamento, houve uma perda de sua força simbólica. O número de divórcios aumentou paulatinamente, e a família, mais uma vez, deparou-se com uma realidade que demandava novas significações. A nova família, temporária, potencialmente recomposta, se viu fragilizada, desordenada:

Daí o surgimento da noção de “família recomposta”, que remete a um duplo movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco. Em lugar de ser divinizada ou naturalizada, a família contemporânea se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela

vida social. Assim, fez brotar de seu próprio enfraquecimento um vigor inesperado. Construída, desconstruída, reconstruída, recuperou sua alma na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta. (ROUDINESCO, 2003, p.153).

Portanto, a família do final do século XX estava completamente modificada, e o pai já não portava a força de outrora. Seu poder foi descentralizado, dissipado. Depreende-se que já não se tratava mais da família edipiana sustentada por Freud, mas de uma família horizontalizada, sem hierarquia nem autoridade, cujos membros funcionavam autonomamente ao cultuar o individualismo.

E, para dar o golpe de misericórdia no poder patriarcal, a família passou também a poder constituir-se como monoparental ou homoparental. Ou seja, há famílias nos dias de hoje que se estruturam e que mantêm sua organização sem a presença de um representante do poder paterno.

Confrontada mais uma vez com suas contradições internas, vivendo num mundo globalizado, unificado, a família atual, cada vez mais horizontalizada pela economia de mercado, se vê novamente na situação de se reinventar, de encontrar novos marcos simbólicos para manter-se viva e dinâmica, mas nem por isso ela deixou de ser o pilar de sustentação da civilização.

É claro porém que o próprio princípio da autoridade – e do logos separador – sobre o qual ela sempre se baseou encontra-se atualmente em crise no seio da sociedade ocidental. Por um lado, esse princípio se opõe, pela afirmação majestosa de sua soberania decaída, à realidade de um mundo unificado que elimina as fronteiras e condena o ser humano à horizontalidade de uma economia de mercado cada vez mais devastadora, mas por outro incita incessantemente a se restaurar na sociedade a figura perdida de Deus pai, sob a forma de uma tirania. Confrontada com esse duplo movimento, a família aparece como a única instância capaz, para o sujeito, de assumir esse conflito e favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica. (ROUDINESCO, 2003, p.199).

Obviamente que a desvalorização do pai na contemporaneidade gera uma cascata de consequências na constituição das subjetividades e na cultura. Embora a psicanálise se volte para a constituição do sujeito enquanto particular, não pode deixar de considerar a realidade dessa contingência externa. O declínio do poder do pai concerne ao analista, pois ao pai atribui-se certo saber, é o pai quem articula a relação entre saber e gozo. O pai, como operador simbólico, limita o gozo, mediante a castração simbólica que instaura a falta, fazendo surgir o desejo.

O psicanalista Joel Birman, em seu livro *Mal-estar na atualidade* (2009), constrói a seguinte questão, que é o tema central de seu texto: “Considerando, pois, tudo que já foi dito,

como circunscrever o mal-estar na atualidade, pela indagação dos destinos do desejo?” (BIRMAN, 2009, p.16).

A pergunta do autor torna-se importante aqui. Hoje, há uma profusão de ofertas de objetos que proporcionam gozo. À primeira vista, pode parecer até que, finalmente, a civilização encontrou uma fórmula suficientemente capaz de elidir os efeitos da angústia de castração, liberando mais facilmente os impulsos de desejo e, ao mesmo tempo, impedindo um dos destinos das pulsões estabelecido por Freud ([1915 c]2010), a saber, o recalque. Mas tudo isso é um grande engodo, na verdade, pois o mal-estar na civilização contemporânea salta aos olhos.

A prevalência do gozo em relação ao desejo, na contemporaneidade, não garantiu o incremento do bem-estar. Antes, na ordem social tradicional, havia sempre a tentativa do sujeito de libertar-se dos grandes ideais que limitavam suas escolhas e o mantinham cativo de certa modalidade de gozo. A transição para a ordem social moderna incrementou a angústia ao impor novas exigências para a subjetividade.

Uma transformação tão radical evidentemente balança com os modelos instituídos de subjetividade. Com efeito, numa ordem social tradicional, o sujeito é regulado pela longa duração das instituições e pela permanência quase ancestral de seu sistema de regras, que lhe oferecem segurança e grandes certezas. A cartografia do mundo, com suas possibilidades e impossibilidades, é traçada com caminhos bastante precisos. As suas sendas e descaminhos são muito bem desenhados, aliás [...] certamente é bem menos perigoso existir na sociedade tradicional. Isso porque as escolhas e opções do sujeito são fixadas em detalhes há muito estabelecidos na memória coletiva. Com isso, o potencial de angústia e de incerteza fica bastante restrito. Consequentemente, a experiência originária de desamparo do sujeito fica regulada de maneira eficaz em função da fixidez e da longa duração do sistema de regras. (BIRMAN, 2009, p.78).

A multiplicação dos caminhos passíveis de serem percorridos pelo sujeito aumentou o sentimento de desamparo. Os contínuos processos de transformação da ordem social moderna retiraram a bússola que orientava outrora o sujeito em sua relação com a realidade e o mundo. Tal processo de modernização foi profícuo para a psicanálise, pois sua teoria oferecia à sociedade ferramentas com poder de auxiliar o interessado – o analisando em questão – que estivesse disposto a se libertar do peso dos ideais da sociedade tradicional. Libertação do pensamento e da sexualidade. A psicanálise era, então, um objeto de desejo para muitos indivíduos.

Porém, nas últimas décadas, também a psicanálise experimentou um expressivo declínio de seu poder na ordem social. A diminuição da demanda clínica para a psicanálise é flagrante. Conforme a afirmação de Birman (2009, p.81), “a psicanálise já não é, como outrora um

objeto de desejo”. O que ocorreu nas últimas décadas que poderia explicar a perda de prestígio sofrida pela psicanálise? Alguma transformação radical de ordem antropológica se realizou nas últimas décadas, produzindo uma dissonância relevante entre a psicanálise e a ordem cultural.

Joel Birman, examinando o campo social da atualidade, aponta para a cultura do narcisismo como um dos fatores centrais que corroboram a crise da psicanálise na contemporaneidade:

Examinando o campo social da atualidade, pode-se constatar, sem muita dificuldade, que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se o compararmos com os momentos anteriores da história do Ocidente quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista de mundo. Partindo dos pressupostos desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis. Nas condições atuais daquele, a alteridade tende ao apagamento e quase ao silêncio na economia do sujeito. Nesse contexto, o autocentramento, aliado à inexistência de história e ao desaparecimento da alteridade como valor, foi considerado por Lasch como traço fundamental da *cultura do narcisismo*. (BIRMAN, 2009, p.166).

O próprio fenômeno da globalização, com seu discurso homogeneizante, favorece o autocentramento e a cultura do narcisismo. Ao mesmo tempo, assistimos à queda dos grandes ideais da humanidade e o lugar do líder sustentado pela exceção da função paterna, como Freud havia concebido em *Psicologia das massas*, de 1921, não encontra mais eco na sociedade atual.

Considerando todos esses fatores, que lugar resta ao pai no laço social contemporâneo?

Marcus André Vieira, em seu artigo “A (hiper)modernidade lacaniana” (2004), destaca o declínio do poder do pai na contemporaneidade. Na atualidade, afirma Vieira (2004), a desvalorização do pai como exceção é mais que evidente. E qualquer um que pretenda assumir o lugar da exceção é, em pouco tempo, rechaçado como impróprio.

O autor define a globalização como “o fragmentário e múltiplo universal de um não todo global, por falta de um princípio de exceção universal, transcendente, até então encarnado pelo Pai” (VIEIRA, 2004, p.4). Está para além dos objetivos desta dissertação estudar o conceito de “nãotodo” trazido pelo autor. O importante aqui é frisar que o pai, nos dias de hoje, não ocupa mais o lugar da exceção como outrora ocupou, e que esse fato gera uma cascata de consequências na subjetividade e na cultura.

Qual papel resta ao pai na atualidade, portanto? A ideia de Vieira (2004, p.4) é que o pai e seus representantes na contemporaneidade passam “a ser uma das possibilidades de localização do gozo, de constituição de um Todo, e não a única e nem mesmo a principal”.

Agora, em relação ao fenômeno da globalização, embora ele pregue a homogeneização das diferentes culturas, traz um paradoxo imanente, pois, apesar de tender a um discurso uníssono, capaz de satisfazer a todos e de sustentar a sociedade de consumo, o avanço da tecnologia permitiu maior possibilidade de intercâmbio cultural e acesso irrestrito às informações que chegam por todos os lados – vide o recurso da internet, apenas como exemplo –, possibilitando, conseqüentemente, a pluralização dos discursos. E, se hoje não temos os grandes ideais que nortearam as ações da civilização no passado, temos, ainda assim, pequenos líderes de pequenos grupos, com seus ideais, que os representam, podendo servir como ponto de identificação a seus poucos membros, não necessariamente da mesma família.

Com a desordem da família, a pluralização dos discursos, a queda dos grandes ideais que norteavam a humanidade e a multiplicação da oferta dos chamados bens de consumo, o sujeito pode ficar paralisado diante dessa realidade heterogênea. A paralisação pode prevalecer indefinidamente na vida do sujeito. A falta de referências fixas pode manter o sujeito suspenso num espaço infinito, sem bordas para se agarrar e, por isso mesmo, imobilizado – aqui, aludo à inibição, trabalhada por Freud em “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, [1926]2014). Mas, se antes, na modernidade, era mais fácil para o sujeito se reconhecer nos significantes de seu Outro do desejo, hoje, apesar de atordoado, há maiores possibilidades de escolhas e um ganho de liberdade.

A civilização contemporânea experimentou uma perda de segurança e de autoritarismo, mas, para toda perda, há um ganho:

Ao comer do fruto da árvore do bem e do mal, perdemos o paraíso, é verdade, embora este nunca tenha sido nosso. Ganhamos em troca todo um mundo, e o poder, antes divino, de cria-lo e recriá-lo. Tentação, abismo e prazer renovados a nossa espera. (GORENDER, 2010, p.45).

Freud se empenhou em encontrar recursos que possibilitassem a fruição do prazer por parte da humanidade, mas, na maior parte do tempo, se preocupou com o polo negativo do problema, ou seja, com os mecanismos possíveis de evitar o desprazer. Freud estava ciente de que o mal-estar na civilização era estrutural (FREUD, [1930]2010). Ele cita três recursos paliativos para evitar o desprazer: poderosas diversões, gratificações substitutivas e substâncias inebriantes que tornam o indivíduo insensível à miséria humana.

Independentemente dos recursos utilizados por cada membro da civilização, uma coisa é certa: o excesso de gozo precisa de corte. Faz-se necessário delimitar o gozo, se não quisermos cair na armadilha já antevista por Freud:

A satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta como a maneira mais tentadora de conduzir a vida, mas significa por o gozo à frente da cautela, trazendo logo o seu próprio castigo (FREUD, [1930]2010, p.32).

Nossa civilização parece incitar uma busca pelo gozo sem precedentes. Alguns autores, inclusive, sublinham que o gozar tornou-se uma obrigação moral. Por essa perspectiva, haveria um imperativo de gozo na atualidade e ele seria compatível com um novo avatar do supereu.

A prevalência do gozo sobre o desejo que ocorre nos dias de hoje afeta diretamente o trabalho do psicanalista, pois, para a psicanálise, o desejo seria a condição de reinvenção do sujeito. Para acessar o desejo, faz-se necessário o adiamento do gozo. Birman ressalta que foi justamente essa crença do desejo como força de mudança que se perdeu na cultura narcisista da contemporaneidade.

Assim, as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo. (BIRMAN, 2009, p.85).

O narcisismo exaltado dos dias atuais concentra forças no eu, fato que está na contramão da experiência analítica, pois esta aposta na desconstrução do eu como condição de possibilidade de surgimento do desejo. Evidentemente, a cultura do narcisismo e do individualismo promove uma abolição fantasística do conflito e da história (ROUDINESCO, 2003), influenciando a subjetividade contemporânea.

Apesar das mudanças nos costumes e na cultura, o amor, a morte, a angústia, a loucura são imutáveis. O sujeito é convocado a falar diante dessas grandes questões humanas. Só falando é que o sujeito pode testemunhar seu sofrimento, simbolizar as perdas, as faltas. E a psicanálise, que recebeu como herança o pensamento reflexivo, talvez seja a única práxis que permite ao homem atual reconhecer seu desejo num mundo vertiginoso e cheio de possibilidades, mas, ainda assim, faltoso.

2.4 Repercussões clínicas no adoecimento psíquico contemporâneo

O declínio da autoridade paterna gerou grandes modificações na cultura contemporânea. No tópico anterior, avaliamos as ressonâncias desse fato na constituição da subjetividade na

atualidade. No presente tópico, tomamos como objetivo principal indagar as repercussões do declínio da autoridade paterna na clínica psicanalítica atual.

Conforme a afirmação de Joel Birman (2009), a psicanálise é uma interpretação do mal-estar na modernidade, ou seja, a psicanálise despontou como uma leitura da subjetividade e de seus impasses na modernidade. Portanto, a teoria psicanalítica possui ferramentas capazes de circunscrever o mal-estar do sujeito na atualidade, porém, é coerente pensarmos que, hoje, uma revisão das balizas teóricas que norteiam a nossa prática faz-se necessária, a fim de lidarmos mais habilmente com os novos impasses clínicos surgidos nas últimas décadas. A avaliação mais cuidadosa das novas formas de ser e de estar no mundo é crucial para a sobrevivência da psicanálise, pois a crise da psicanálise nos dias atuais é fato inegável:

Entretanto, apesar dessas diferenças óbvias e eloquentes, pode-se enunciar a existência de uma crise da psicanálise na atualidade. Não obstante as diferenças, a tese sobre a crise atual do discurso psicanalítico se mostra consistente e legítima. (BIRMAN, 2009, p.126).

Para me aproximar de uma interpretação consistente sobre a crise da psicanálise na atualidade e de uma leitura das novas condições do mal-estar, foi preciso, primeiramente, recorrer à teoria das ciências sociais, pois uma transformação radical de ordem antropológica se realizou nas últimas décadas, de maneira a produzir uma dissonância relevante entre a psicanálise e a ordem cultural da segunda metade do século XX (BIRMAN, 2009). Conforme disposto no tópico anterior, paralelamente ao progressivo enfraquecimento do poder patriarcal, o discurso capitalista, com sua incitação incessante ao gozo imediatista, e a cultura do narcisismo e do individualismo construíram um modelo de subjetividade avesso à ética da psicanálise.

Isso se justifica uma vez que a ética da psicanálise é singular, já que a própria psicanálise inaugurada por Freud nasce de um furo, da constatação de que existe uma inadequação inerente à estrutura subjetiva do homem. O pesquisador Freud, em sua busca incansável da verdade, encontra, em sua experiência no nível da fonte das pulsões, um ponto irreduzível, algo impossível de se dizer, o que ele veio a nomear de pulsão de morte. O ser humano é insatisfeito não apenas pela limitação que a sociedade impõe ao gozo, mas, sobretudo, por que o mal-estar do sujeito é incurável, uma vez que a falta é estrutural.

A ética psicanalítica é pautada pelo desejo, e o desejo é a energia que movimenta toda a aparelhagem psíquica. O desejo se sustenta na falta, há um impossível de se dizer, pois ele tem sua vertente de real. Portanto, a ética da psicanálise é regida pelo desejo, mas implica o

saber sobre o real. No trabalho analítico, o analista não sabe do desejo do analisando, mas sabe que não pode prometer o impossível. O analista sabe que não pode prometer ao analisando uma harmonia natural, a completude tão ilusoriamente buscada por ele. A dissonância entre o discurso da psicanálise e o discurso capitalista fica evidente aqui, pois aquele sabe da falta e, por orientar-se pela ética do desejo, sustenta-a. Já o discurso capitalista, fomentador de gozo, nutre a ilusão de que é possível locupletar-se pelo consumo sucessivo de objetos.

Neste ponto, é possível inferir alguns motivos que corroboraram a diminuição do poder da psicanálise na ordem social. Por outro lado, a teoria psicanalítica não conseguiu acompanhar *pari passu* as grandes e velozes transformações que ocorreram no mundo nas últimas décadas. O movimento da história parece ter atordoado o saber da psicanálise, resultando numa “agonia conceitual” por parte desta.

Como não ver nessa fúria psicanalítica do fim do segundo milênio, quando não o anúncio de uma agonia conceitual, pelo menos o sinal da incapacidade de seus representantes em pensar o movimento da história? (ROUDINESCO, 2003, p.195).

Em seu livro anteriormente citado, Roudinesco revela a atitude de muitos psicanalistas pós-lacanianos que, ao invés de reivindicarem para si o gesto tanto de Freud quanto de Lacan caracterizado por reservar o antigo poder patriarcal a uma ordem do desejo e da lei, brandiram a ordem simbólica numa tentativa de restaurar a autoridade patriarcal desvalida. Porém, todas as transformações sociais e culturais descritas anteriormente se tornaram possíveis somente após o enfraquecimento da autoridade paterna. Nesta dissertação, o pressuposto foi que o declínio da autoridade paterna é um fato irreversível, questionando-se, então, as repercussões desse fato na clínica psicanalítica atual. Doravante, prosseguirei na tentativa de elucidar tal questão.

O aquecido tema da desmoralização da autoridade paterna e suas consequências na atualidade traz a reboque outro tema também bastante discutido nos dias de hoje entre os teóricos da psicanálise, porém, contraditório em sua essência: a clínica dos chamados “novos sintomas”.

O termo “novos sintomas” é problemático, pois ele forma um conjunto heterogêneo de fenômenos que não se encaixam numa categoria conceitual bem delimitada. Entre as patologias classificadas nessa suposta nova categoria, estão a toxicomania, o pânico, a depressão, a hiperatividade, a bulimia, a anorexia, entre outras. Em todas essas patologias, os atos parecem substituir a palavra. O fato de os atos predominarem sobre as palavras sinaliza

uma hegemonia de respostas subjetivas pela via do gozo (LUSTOSA; CARDOSO; CALAZANS, 2014).

Independentemente de saber se tais fenômenos são compatíveis com o conceito de sintoma, tanto no sentido freudiano como no lacaniano, parece evidente que todos eles encontram-se ligados ao declínio da função paterna.

Entre os autores que abordaram o tema, há aqueles que defendem a ideia de esses novos fenômenos associados ao declínio da função paterna serem equivalentes à definição de sintoma no sentido freudiano e lacaniano. Daí o emprego do termo “novos sintomas” para representá-los e, ao mesmo tempo, contrastá-los com outros sintomas mais habituais, com os quais os psicanalistas lidam há mais tempo em sua prática clínica.

O psicanalista Massimo Recalcati, por exemplo, é um defensor dessa ideia. Cito brevemente um de seus artigos aqui, por ser um texto que expressa, com transparência, uma ideia sobre a clínica atual que representa o pensamento de um grupo mais extenso de psicanalistas.

O mencionado autor inicia o artigo afirmando que o discurso do capitalista e o da ciência realizam uma expulsão-anulação do sujeito do inconsciente, e que a clínica dos chamados “novos sintomas” configura-se mais além do princípio do desejo:

A clínica dos chamados “novos sintomas” é uma clínica que parece configurar-se mais além do princípio do desejo ou, em outros termos, é irreduzível à clínica do sujeito dividido. De fato, na época contemporânea, o discurso do capitalista (promoção do sujeito-gadget como solução da “falta a ser” que habita o sujeito) e o da ciência (promoção do saber especialista como solução pragmática do problema da verdade) realizam uma expulsão-anulação do sujeito do inconsciente. Os novos sintomas configuram-se efetivamente como um efeito desta expulsão, sendo produtos específicos do discurso capitalista em seu enredamento espectral com o discurso da ciência. (RECALCATI, 2004, p.1).

O autor nos adverte que Lacan desenvolveu a questão preliminar em duas direções fundamentais. A primeira direção refere-se à clínica da psicose. A forclusão impõe ao analista a necessidade de um tratamento preliminar do gozo, a fim de reduzir o retorno do gozo no real que invade o sujeito. Recalcati considera a importância de se lembrar dessa origem da questão preliminar em Lacan, principalmente para o psicanalista contemporâneo:

É muito importante lembrar esta origem da questão preliminar em Lacan porque a clínica contemporânea confronta-se precisamente com a fraqueza estrutural e generalizada da metáfora paterna, com os efeitos do retorno do gozo no real que tornam irreduzíveis os novos sintomas ao regime significativa da equivalência sintoma = metáfora. (RECALCATI, 2004, p.3).

A segunda direção da questão preliminar em Lacan diz respeito à dialética do tratamento como tal. O autor refere-se aqui ao tratamento da demanda como condição preliminar para a entrada em análise, o qual articula o sintoma com a transferência na clínica clássica da neurose.

Mais adiante, o autor, referindo-se à dimensão psicótica da nova clínica, escreve:

O caráter central, adquirido na atualidade, da questão preliminar deriva propriamente do fato que a clínica do sintoma contemporâneo (anorexia, bulimia, toxicomania, depressão, pânico) se manifesta como uma clínica além do recalque, portanto, como uma clínica da passagem ao ato mais do que uma clínica do retorno do recalado. Nesta predominância do agir em relação à simbolização, a clínica dos novos sintomas parece revelar sua dimensão genericamente psicótica; o que de modo algum não significa operar uma redução diagnóstica do sintoma contemporâneo à estrutura da psicose segundo um esquema mecanicista, mas, antes, reconhecer que a clínica do recalado - e, portanto, o sintoma como formação do inconsciente - não pode incluir a nova clínica que é, aponto, uma clínica marcada antes pela desagregação do caráter simbólico do sintoma e pelo retorno do gozo no real. (RECALCATI, 2004, p.6).

Recalcati ressalta a demanda convulsiva e a melancólica como declinações da demanda contemporânea, ambas desenganchadas da dialética do desejo e, portanto, promovendo uma refutação do Outro por parte do sujeito. É a demanda irrefreada pelo objeto de gozo, desvinculada do desejo.

Essa torção da demanda contemporânea desarticula a tríade clássica sintoma-demanda-transferência, daí a paralisia da transferência simbólica que, segundo o autor, esvazia o sentido da palavra, tornando-a supérflua.

Ao finalizar o artigo, Recalcati afirma que, na nova clínica, é notável o limite da interpretação semântica no processo do tratamento. Portanto, o autor propõe a necessidade de preparar as condições que tornem eficaz uma interpretação, operando preliminarmente uma retificação do Outro, em vez da retificação do sujeito.

Está para além dos objetivos deste estudo abordar a categoria lacaniana de Outro. Ressaltaria apenas que Lacan forjou a entidade do Outro para abordar a cultura, a linguagem e a estrutura. Em relação à constituição da subjetividade, o sujeito precisa se localizar em relação ao desejo do Outro. A função simbólica do pai – representada pelo significante Nome-do-pai – ao inscrever-se no Outro, barra-o, emancipando o sujeito de suas amarras. A função paterna, portanto, opera limitando o gozo, sua função é a de mediar a relação entre desejo e gozo. A demanda que curto-circuita o Outro está fora do registro simbólico, pois, como afirma Lacan, o Outro é o lugar onde a fala se constitui (LACAN, [1955-1956]2010, p.317).

Após destacar as ideias principais do artigo de Recalcati, é possível agora tecer alguns comentários a seu respeito. O fato de haver mais ação em relação à simbolização na clínica atual não exclui o recalçado ou aponta para uma desagregação do caráter simbólico do sintoma. Lembremo-nos da afirmação de Freud de que o analisando atua o recalçado e esquecido para não recordar (FREUD, [1914 b]2010). No máximo, poderíamos afirmar que, quando a ação prevalece, torna-se mais complicada a abertura à intervenção analítica e à mobilização do processo de pensar, como no caso da demanda direta do objeto, descrita acima, que curto-circuita o Outro, não permitindo o adiamento da satisfação para o surgimento do desejo que está para além da demanda. Tal demanda exige a ação imediata para obtenção do objeto de satisfação, não se configurando como demanda analítica. Nesta tentativa de satisfação imediata, o sujeito não se dirige ao Outro simbólico na busca de gozo, findando por obter um gozo autoerótico, narcísico.

Toda essa problemática da demanda atual e da exaltação do narcisismo, cujo efeito se faz objetivável na predominância do agir em relação à simbolização, não aponta necessariamente para a “fraqueza estrutural e generalizada da metáfora paterna”. Esse achado genérico poderia nortear o analista na clínica atual, mas sua validade não é facilmente confirmada quando confrontada com a prática clínica. A premência de gozo no mundo globalizado de hoje é tão intensa que, às vezes, parece ter o poder de anular o valor das palavras, quase forcluindo o regime simbólico e sua lei. Mas forclusão não é um conceito cabível aqui, pois não existe, na atualidade, nada que aponte para um incremento da psicose sobre a neurose.

Voltando às ideias do artigo de Recalcati, há psicanalistas que dão sua contrapartida, como é o caso da psicanalista Rosane Lustoza. A autora sustenta, por exemplo, que afirmar o declínio da função paterna na atualidade é legítimo, se com isso nos limitamos a constatar a dissolução dos grandes códigos de conduta que governavam a sociedade. Por outro lado, é abusivo extrapolar esse achado e confundir o dito declínio com a derrocada do Nome-do-pai:

Começemos pelo termo “função paterna”. Afirmar seu declínio é legítimo, se com isso nos limitamos a constatar a dissolução dos grandes códigos de conduta que governavam a sociedade. Faz-se, porém, uma extrapolação abusiva quando se pretende tratar o dito declínio como uma derrocada do Nome-do-pai (como operador psíquico). Como nem sempre nos textos de psicanalistas essa discriminação é feita, muitos acabam assimilando de modo equívoco a decadência da lei simbólica a um apagamento do Nome-do-pai. Isso leva a certas confusões, como afirmar que estaria em cena uma nova subjetividade, a qual teria desalojado o velho sujeito neurótico freudiano de seu antigo posto; ou afirmar que a sociedade tornou-se majoritariamente psicótica ou perversa. (LUSTOSA, CARDOSO; CALAZANS, 2014, p.202).

Portanto, a autora sustenta que o declínio da autoridade paterna não é correlativo ao declínio do Nome-do-pai. A decadência da lei simbólica no social é compatível com a inscrição do Nome-do-pai no Outro.

Apesar de não sustentar a ideia da “fraqueza estrutural e generalizada da metáfora paterna” como um achado genérico que nortearia a clínica psicanalítica atual, Lustoza defende a problemática da demanda na atualidade. Hoje, trata-se de uma demanda não dirigida ao Outro, ou seja, uma demanda na qual o objeto de gozo está implicado de forma mais imediata. O discurso capitalista, fomentador de gozo, promete a satisfação pelo acesso direto ao objeto, sem precisar passar pelo viés do desejo do Outro. Obviamente que tal discurso prevalente na atualidade promove diferentes reações, e os ditos “novos sintomas” são, na verdade, respostas subjetivas ao discurso que incita o gozo.

Seriam, porém, tais reações assimiláveis a sintomas?

Nossa conclusão é um tanto paradoxal: pois o que os “novos sintomas” têm em comum é justamente o fato de... não serem sintomas! Pelo menos não no sentido freudo-lacaniano do conceito. Se apelarmos para o famoso quadro de respostas subjetivas, exposto por Lacan (1962-63/2005) no seminário 10, teríamos que classificar os “novos sintomas” mais próximos do acting out, da passagem ao ato, até mesmo da inibição, que do sintoma. (LUSTOSA, CARDOSO; CALAZANS, 2014, p.207).

Conforme afirma Freud ([1926],2014, p.19), “as principais características da formação de sintomas foram estudadas há muito tempo e – assim esperamos – enunciadas de forma inatacável”. Dessa maneira, podemos recorrer à sua teoria para estabelecermos o estatuto do sintoma na teoria psicanalítica.

O sintoma é, antes de tudo, a atividade sexual dos doentes (FREUD, [1905]1996). O sintoma é indício e substituto de uma satisfação pulsional que não aconteceu, consequência do processo de recalque. O sintoma se revela como compromisso, pois, ao mesmo tempo em que satisfaz as exigências do supereu, também constitui o local de irrupção do recalcado (FREUD, [1926]2010). Por ser substituto e derivado do material inconsciente recalcado, o sintoma tem um sentido possível de ser decifrado, é uma formação do inconsciente que tem estrutura de linguagem e, portanto, passível de ser acessado pelo tratamento psicanalítico.

Se o que caracteriza os ditos “novos sintomas” é a impossibilidade da decifração pela via do sentido, a profunda repelência à palavra, tornando-a esvaziada, eles são, portanto, imunes à interpretação do psicanalista. Devemos realmente questionar se eles podem ser assimilados ao conceito psicanalítico de sintoma ou se devem ser referidos a outras categorias conceituais.

De qualquer forma, se é verdadeiro que os “novos sintomas” são marcados pela desagregação de seu caráter simbólico, eles não poderão ser retificados no nível da articulação simbólica da transferência, pois a transferência – e, portanto, o trabalho do analista – se passa, de modo essencial, no nível da articulação simbólica.

Se a transferência tem um sentido, se tem um sentido o que Freud nos forneceu, ulteriormente, com a noção de *Wiederholungszwang*, em torno da qual tomei o cuidado de passar um ano para fazê-los ver o que podia significar, é que na medida em que existe a insistência própria à cadeia simbólica como tal é que há transferência. (LACAN, [1956-1957] 1995, p.138).

É por essa razão que o analista jamais pode desistir do trabalho no nível do simbólico, pois o registro do simbólico delimita o campo de onde o psicanalista pode manejar a transferência. Caso contrário, ele estará utilizando a técnica instituída por Freud fora da experiência a que ela se aplica, conforme a ideia de Lacan:

Pois usar a técnica que ele instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia. (LACAN, [1956]1998, p.590).

Tomemos o toxicômano como exemplo, ele tem a droga como seu único objeto de satisfação, satisfação esta que, aliás, promove a ilusão de plenitude, de um gozo absoluto, sem falta. O toxicômano evita a angústia de castração com o ato de se drogar. Por esse viés, não se pode incluir a droga como um objeto de desejo, pois nesse tipo de relação objetal o desejo não desliza metonimicamente. O gozo vivenciado pelo toxicômano é um gozo do corpo, sem mediação significativa. Então, o que o toxicômano opera com seu ato é uma renúncia a toda sua subjetividade. A partir deste ponto de vista, a toxicomania não se estruturaria como um sintoma, mas como uma pura técnica de gozo. Obviamente que não se trata de uma regra sem exceções, o que realmente importa é a relação do sujeito com o objeto droga, então, o uso de drogas pode também ser uma formação sintomática em determinados casos.

Enfim, enquanto o toxicômano estiver vivendo um “casamento feliz” com a droga, não formulará uma demanda de análise. Ele poderá vir a formular demanda analítica somente se surgir algum tipo de conflito na sua relação com a droga, como ocorre, por exemplo, quando o efeito psíquico causado pela droga muda de qualidade.

A síndrome do pânico e a depressão são outras duas patologias com as quais os psicanalistas se defrontam nos dias atuais. Primeiramente, é importante notar o fato de que

esses dois termos ganharam estatuto de patologia na teoria da psicopatologia biológica, a qual tem como referência teórica as neurociências.

O pendor da psiquiatria atual para o lado da biologia gerou, como consequência, a construção de uma nova nosografia. Os medicamentos tornaram-se o vetor dessa nova nosografia psiquiátrica. Segundo o pensamento de Birman (2009), a medicina contemporânea, como um todo, mudou de estratégia ao assumir uma leitura do mal-estar corporal do ponto de vista funcional, e não mais etiológica, como outrora. Tal mudança se coaduna com a técnica da medicalização:

Revela-se, então, uma estratégica mudança da medicina frente ao mal-estar corpóreo em sua diversidade. Não se pretende mais a cura, no sentido clássico da medicina clínica, mas apenas a regulação do mal-estar. Por isso mesmo, o medicamento se transforma no vetor da nova construção nosográfica, pois aquele seria o eixo da regulação corpórea. Assim, a leitura do mal-estar corporal assume uma direção totalmente funcional e não mais etiológica. Além disso, as dimensões da história do enfermo e do tempo da doença se transformam em questões secundárias diante do investimento realizado no disfuncionamento corpóreo e espacial da enfermidade. Enfim, o novo discurso da medicina é centrado nos acontecimentos corporais, marcados pela sua pontualidade temporal. (BIRMAN, 2009, p.185).

Claro que a psicanálise deve manter sempre aberto o espaço de diálogo com a psiquiatria. Hoje, faz-se mister o diálogo da psicanálise não só com a psiquiatria, mas também com os outros campos do saber que lidam, cada qual à sua maneira, com o sofrimento humano.

Porém, a força da psicanálise provém do desejo inconsciente. O objeto de pesquisa da psicanálise é o inconsciente dinâmico, cuja lógica não adere a nenhum método tradicional de pesquisa.

Em “A ciência e a verdade” ([1966]1998), Lacan enfatiza o que está em causa para a psicanálise. A psicanálise trabalha justamente com o sujeito dividido, ou seja, a psicanálise não mais cabe no campo da ciência, pois esta exclui o sujeito de seu campo operatório no mesmo momento de seu nascimento. A psicanálise, por sua vez, retira o sujeito da condição de excluído e o inclui em seu campo operatório como sujeito do inconsciente (ELIA, 2000). E, para a psicanálise, o sujeito só pode ser concebido como sujeito do significante:

Em suma, reencontramos aqui o sujeito do significante, tal como o articulamos no ano passado. Veiculado pelo significante em sua relação com outro significante, ele deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão. (LACAN, [1966]1998, p.890).

Como, então, encaixar os termos “pânico” e “depressão” na nosografia psicanalítica?

Não como signos, certamente. Se a psicanálise tratasse o “pânico” e a “depressão” como patologias, estaria desconsiderando a experiência freudiana. O mais importante para a psicanálise é a posição do sujeito em relação ao Outro, sua relação com o desejo e suas modalidades de gozo.

Freud, em “Inibição, sintoma e angústia” ([1926]2014), escreve sobre “os estados de depressão”, caracterizados por uma “inibição geral”. Sendo assim, em muitos casos, a depressão surge como reflexo do empobrecimento de energia gerado pela inibição, definida por Freud como “limitações da função do eu, por precauções ou devido ao empobrecimento de energia” ([1926]2014, p.19).

No texto de Freud citado acima, a depressão não é entendida como sintoma, mas como um estado. O eu renuncia a certas funções para não entrar em conflito com o isso, evitando, assim, efetuar novo recalque. Ao mesmo tempo, o eu renuncia ao desejo para não entrar em conflito com o supereu, empobrecendo-se.

Já o termo “pânico”, como escutá-lo em análise? Se acaso o analisando fala “pânico” na sessão analítica, cabe ao analista favorecer que o termo “pânico”, inicialmente dado como um significado pelo analisando, readquira sua dimensão de significante, implicando o sujeito e o desejo. Se o analista associar “pânico” a “síndrome” e, conseqüentemente, a um sintoma entre outros que compõem a síndrome, ele está no registro da patologia e, portanto, conforme o trecho laciano citado mais acima, usando a técnica instituída por Freud fora da experiência a que ela se aplica.

Para a psicanálise, o termo “pânico” não traz uma conotação fechada, não é uma patologia e não pode ser sempre equiparado a um sintoma. Muitas vezes, “pânico” é o significante trazido pelo sujeito para falar da angústia, e é exatamente da angústia que o sujeito nada quer saber. Pois, atualmente, prevalece um não querer saber que tem determinado culturalmente as formas de estar no mundo (CORRÊA, 2004 b). Não querer saber, sobretudo, da falta – negação da falta como defesa contra a angústia de castração. Essas transformações ocorridas na sociedade reduzem nosso campo de ação, principalmente no nível da demanda de análise.

Mas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela psicanálise na contemporaneidade, é somente falando que o sujeito poderá testemunhar sobre a tragédia de sua existência. O simbólico ainda é o registro que permite o melhor trato com a angústia inevitavelmente presente na estrutura.

E não é gozando indefinidamente que alguém escapará das grandes questões que atormentam a consciência humana. No Seminário sobre a Angústia, Lacan (1963), afirma que a vontade de gozo é uma vontade que fracassa, até mesmo no perverso. A vontade de gozo “depara com seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício mesmo do desejo” (LACAN, [1963]2005, p.166).

Mais adiante no seminário, escrevendo sobre o tema da angústia, Lacan nega as teorias éticas que sustentam a autonomia do sujeito:

A acentuação cada vez maior da ideia de autonomia, ao longo da história das teorias éticas, mostra bem do que se trata, isto é, de uma defesa. O que é preciso engolir é a verdade primordial e evidente de que a lei moral é heterônoma. (LACAN, [1963]2005, p.167).

A lei moral é heterônoma, pois provém do real. O real intervém, inexoravelmente, na estruturação do sujeito, dividindo-o. O sujeito não é autônomo, ele só se constitui na relação com o Outro que o antecede. É nessa relação temporal de antecedência que o sujeito – inevitavelmente engajado na rede de significantes do Outro – é questionado pelo Outro em seu próprio ser. Conforme afirma Lacan ([1963]2005, p.170), “essa dimensão temporal é a angústia, essa dimensão temporal é a da análise”.

A angústia, como excesso de gozo que retorna sobre o sujeito, denota a presença do objeto que o remete à sua própria castração. O sujeito não encontra a resposta última demandada pelo Outro, e nesta dimensão está o analista que, se colocado no lugar do Outro pelo analisando, poderá gerar expectativa sobre a resposta da pergunta feita pelo analisando: “o que isto quer dizer?”. Obviamente, o analista não responde à pergunta do analisando, pois, além de não saber a resposta, sabe que o Outro é castrado, ou seja, no Outro também falta um significante. Ademais, o analista não responde a pergunta do analisando para que o trabalho analítico continue.

Enfim, se Freud estabeleceu que é pela via do sintoma que se entra em análise, é porque o sintoma representa o lugar de onde irrompe o conflito causador de sofrimento. O retorno do recaiado, que constitui o sintoma, causa sofrimento psíquico, o que propicia a construção de demanda de análise. Por esse ponto de vista, o que caracteriza o sintoma não é um atributo ou qualificativo deste, como algo que lhe seria próprio (QUINET, 1991). O que importa é saber se o sintoma, inicialmente aparecendo como um significado dado pelo Outro, passará ao estatuto de questão endereçada ao analista, dividindo o sujeito.

Portanto, a analisabilidade é função do sintoma, que pode ser representado por qualquer significante que movimenta a cadeia de significantes do inconsciente para dar conta do conflito instalado. O paciente, inicialmente, demanda a cura do sintoma de forma intransitiva. Mas, ao falar de suas experiências, de seu sofrimento, inevitavelmente se deparará com a falta, pois sabemos que a verdade nunca poderá ser toda dita – o real jamais poderá ser completamente encoberto pelos registros do imaginário e do simbólico. Por isso mesmo, a fala do sujeito terá como efeito o surgimento da dimensão do desejo inconsciente para além da demanda.

O psicanalista, portanto, precisa continuar apostando nas leis do inconsciente e na indestrutibilidade do desejo. Para tanto, concordo com Éric Laurent (2007, p.172) quando escreve que “o psicanalista deve permanecer atópico em relação à corrente principal da civilização que o arrasta”. Essa atopia social entendida aqui como modo de expressar a necessidade do psicanalista de desbancar o eu – leve, liberado dos costumes tradicionais e todo poderoso na cultura do narcisismo e do individualismo –, favorecendo a emergência do inconsciente e sua linguagem. Mas nem por isso deverá o psicanalista transformar-se numa espécie de novo censor, defensor dos costumes dos tempos idos, quando o pai era, ainda, a figura inquestionável da autoridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante observar o processo de estruturação do presente projeto de dissertação. Conforme escrito na Introdução, o motivo inicial de escrita deste projeto de pesquisa nasceu de uma questão clínica. O analisando André, carente de um modelo paterno que lhe servisse de esteio para a construção do ideal do eu, inicialmente posicionou o analista no lugar de pai. Na entrada em análise, André fala ao analista: “Eu disse que gostaria de fazer análise com um homem, um homem que fosse trabalhador [...] eu queria ter um exemplo do que é ser um homem trabalhador”. A pergunta que me causou a inquietação e a curiosidade de pesquisar a demanda de pai em análise foi a seguinte: “De qual lugar deve o analista responder à demanda de pai na entrada em análise?”.

Para responder à pergunta levantada, fez-se necessário o estudo aprofundado do conceito de pai em psicanálise, da função paterna na teoria psicanalítica e de sua incidência na clínica.

Ao iniciar a revisão bibliográfica da teoria de pai em psicanálise, inevitavelmente retornamos ao complexo de Édipo freudiano, para investigar a função do pai na estruturação psíquica da criança. Porém, um passo ainda mais para trás no tempo se faria necessário. Antes do pai edípico, havia o pai da horda primeva – pai mítico, não castrado. Portanto, ainda no primeiro capítulo do texto, ao se abordar a relação do filho com o pai, fez-se uma revisão do artigo “Totem e tabu” (FREUD, [1913 b]1996).

O mito do assassinato do pai da horda primeva foi, então, uma porta de entrada para a revisão bibliográfica da teoria de pai na obra freudiana, pois, para se compreender o verdadeiro lugar da função paterna em sua teoria, é imprescindível analisar as razões que levaram Freud a construir o mito. Após sua morte, o pai primitivo tornou-se muito mais forte, uma vez que cada um de seus filhos reforçou sua identificação com ele. A morte do pai primitivo pode ser correlacionada com a primeira castração, que originou a sociedade organizada por leis simbólicas, limitando o gozo de cada membro. Somente a incidência da barra da castração no Outro absoluto tornou possível a reunião dos grupos numa coletividade. A lei contra o incesto garantiu, assim, a passagem da natureza para a cultura.

Seguindo o raciocínio de Lacan, poderíamos afirmar, também, que a lei contra o incesto gerou o desejo, pois Lacan sustenta a identidade entre desejo e lei: “o desejo, portanto, é a lei” (LACAN, [1963]2005, p.166). O que constitui a substância da lei é o desejo pela mãe. Por

outro lado, o que normatiza o próprio desejo, o que o situa como desejo, é a chamada lei da proibição do incesto.

No Édipo, o desejo se manifesta como vontade de gozo. Mas é da estrutura do próprio desejo jamais ser satisfeito, sua satisfação é impossível. O neurótico é quem melhor demonstra esta descoberta de Freud:

É isso que permite situar o que está em questão no nível do neurótico. O neurótico foi o caminho exemplar para nos levar à descoberta, que é um passo decisivo na moral, da verdadeira natureza do desejo. Esse passo decisivo só foi transposto a partir do momento em que se apontou a atenção, aqui, para o que estou expressamente articulando diante de vocês. O neurótico nos mostra, com efeito, que precisa passar pela própria instituição da lei para sustentar seu desejo. Mais que qualquer outro sujeito, o neurótico valoriza o fato exemplar de que só pode desejar segundo a lei. Ele só pode dar um status a seu desejo como insatisfeito ou impossível. (LACAN, [1963]2005, p.167).

A experiência da clínica psicanalítica evidencia reiteradamente que o sujeito em análise inexoravelmente se deparará com seu romance edípico e com o malogro do seu desejo incestuoso. Já na entrada em análise, há queixa do sintoma. Sabemos que o sintoma é sustentado pela fantasia, e a fantasia fundamental remete aos desejos edípicos.

A queixa do sintoma por parte do candidato à análise deve-se transformar em demanda direcionada ao analista, colocado na posição do Outro do seu desejo. A psicanálise opera sobre o sujeito, o que significa que o lugar do analista na transferência é o de objeto, mas não se trata de um objeto substitutivo qualquer, e sim do objeto que causa o desejo. Na transferência, o analista sustenta o lugar do objeto que falta ao analisando, fazendo-o crer que ele poderá encontrar aquilo que procura na resposta de seu analista. Por sua vez, o analista agindo de acordo com sua ética, não responde à demanda do analisando, pois sabe da face real do desejo.

Um percurso analítico caminha em direção ao real, pois não existe o objeto que supostamente complementaria o desejo. A ética psicanalítica é pautada pelo desejo, e o desejo é o que movimenta toda a aparelhagem psíquica. O desejo se sustenta na falta, há um impossível de se dizer, pois ele tem sua vertente de real. Portanto, a ética da psicanálise é regida pelo desejo, mas implica o saber sobre o real. O analista não sabe do desejo do analisando, mas sabe que não pode prometer o impossível. O analista sabe que não pode prometer ao analisando uma harmonia natural, a completude tão ilusoriamente buscada por ele.

Portanto, a ética da psicanálise é singular, já que a própria psicanálise inaugurada por Freud nasce de um furo, da constatação de que existe uma inadequação inerente à estrutura

subjetiva do homem. Foi Freud, em sua busca incansável da verdade, que encontrou em sua experiência clínica, no nível da fonte das pulsões, um ponto irreduzível, algo impossível de se dizer, o que ele veio a nomear de pulsão de morte.

Esse fato aponta para uma diferença radical – no sentido de raiz, princípio – entre a ética vigente em outros campos do saber e a ética da psicanálise. Para nós psicanalistas, a ética é, antes de tudo, inseparável de nossa atividade clínica – clinicar implica inevitavelmente a dimensão ética (LACAN, [1959-1960]2008).

Apesar de toda discussão do meio científico sobre as grandes mudanças socioculturais ocorridas nos últimos 40 anos – como a mudança da sociedade de produção para a sociedade de consumo, do mundo dividido em dois blocos e da guerra fria para o mundo globalizado –, o que promoveu novas formas de subjetivação, a psicanálise manteve firmemente sua ética.

Porém, embora a psicanálise se volte para a constituição do sujeito enquanto particular, não pode deixar de considerar a realidade dessa contingência externa, que diminui seu poder na sociedade contemporânea. Hoje, há uma profusão de ofertas de objetos substitutivos que proporcionam gozo. À primeira vista, pode parecer até que, finalmente, a civilização encontrou uma fórmula suficientemente capaz de elidir os efeitos da angústia de castração, liberando mais facilmente os impulsos de desejo e, ao mesmo tempo, impedindo um dos destinos das pulsões estabelecido por Freud, a saber, o recalque (FREUD, [1915 d]2010).

Mas tudo isso é um grande engodo, na verdade, pois o mal-estar na civilização contemporânea salta aos olhos. Mais que nunca, o desamparo estrutural do ser humano faz-se presente. Ademais, a dinâmica da vida atual põe o sujeito recorrentemente em situação de angústia, seja na vivência de um trauma ou de um gozo que a princípio prometia satisfação, mas que depois se transformara em gozo mortífero.

Numa realidade como a que vivemos hoje, onde o imaginário hipertrofiado insufla o narcisismo e a capacidade de simbolização está atrofiada, a psicanálise desponta como a técnica capaz de resgatar a função da fala para o sujeito que se afoga em busca de mais gozo. A posição do psicanalista na transferência tem como referência a função simbólica do pai, já que, na análise, a fala do analisando invoca o significante Nome-do-Pai, a lei do significante (LACAN, [1956]1998), em oposição ao sujeito, para garantir o acesso à significação fálica.

A perda da autoridade paterna é um importante impasse para a psicanálise contemporânea. Antes, o poder do pai – ligado à exceção representada pelo pai primevo – garantia para cada indivíduo um gozo limitado, um gozo inscrito no circuito fálico. Na contemporaneidade, a desvalorização do pai como exceção é mais que evidente (VIEIRA, 2004), gerando uma cascata de consequências nas subjetividades e na cultura.

No *Seminário II*, Lacan afirma: “Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber – que eu abreviei hoje no alto do quadro por S.s.S. – há transferência” (LACAN, [1964]2008, p.226). Mas, para o analista exercer a função do sujeito suposto saber, é preciso que haja, antes, a confiança do paciente depositada no seu analista. A problemática da desvalorização da autoridade paterna no social interessa ao psicanalista no momento em que ele, o psicanalista, utiliza em sua prática esse poder emanado da transferência do analisando, que o posiciona no lugar do saber – ponto sensível na prática clínica atual.

O psicanalista sempre ocupou uma posição incômoda na sociedade, pois ele é o arauto do desejo inconsciente, do qual ninguém quer saber. Mas, apesar do incômodo, e de ter de lutar contra ventos e marés, o psicanalista jamais poderá desistir dessa posição, pois seria igual a desistir da psicanálise.

Independentemente do momento histórico e das modificações culturais, a psicanálise aposta no sujeito, que, para se constituir como desejante, precisa se localizar em relação ao desejo do Outro.

Será que não há, reproduzido aqui, o elemento de alienação que lhes designei no fundamento do sujeito como tal? Se é só no nível do desejo do Outro que o homem pode reconhecer seu desejo, e enquanto desejo do Outro, não está aí algo que lhe deve parecer fazer o obstáculo a seu desmaio, que é um ponto em que seu desejo jamais pode reconhecer-se? E o que não é nem levantado nem a ser levantado, pois a experiência analítica nos mostra que é de ver funcionar toda uma cadeia no nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito se constitui. (LACAN, [1964]2008, p.229).

Para quem se propõe a confiar, a psicanálise oferta uma escuta, abrindo trilhas para novas significações, possibilitando a construção de novos caminhos ao sujeito.

Na relação transferencial, há o encontro do desejo do sujeito em análise com o desejo do analista (LACAN, [1964]2008). Na transferência, o analisando supõe que o analista sabe do desejo inconsciente.

No caso de André, que conseguiu confiar em seu analista ao posicioná-lo na posição privilegiada do Outro paterno, sua demanda de reconhecimento revela seu desejo de reconhecer-se no Outro. Para André, que não conseguia se aproximar do “pai explosivo”, do “pai abandonador”, do “pai do não”, a demanda inicial dirigida ao analista, como aquele que poderia bancar a função do pai ideal, é rica de um pacto simbólico, pois essa demanda inicial, que se dá no nível de uma tentativa de identificação imaginária, faz deslizar a cadeia inconsciente dos significantes. “O que é ser um homem trabalhador, para você?”, é a pergunta do analista que desloca o analisando da posição passiva e o faz trabalhar, trabalhar na sessão, promovendo uma espécie de “desarranjo imaginário inicial” ao produzir um efeito de furo no

significante “homem trabalhador”, petrificado no registro imaginário, e resgatar o registro simbólico para dar conta do que falhou.

Mais que nunca, é importante apostar no poder da psicanálise nos dias de hoje, pois ela ainda é a única técnica disponível que permite ao sujeito encontrar-se com seu desejo, possibilitando, assim, que ele limite o excesso de gozo que o invade de todos os lados na realidade vertiginosa da contemporaneidade.

Quiçá André encontrará outro significante para representá-lo, desvencilhando-se do gozo mortífero proveniente da repetição da vivência de abandono que o acompanha em sua vida, podendo, inclusive, tornar-se pai.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriano Amaral de. O Outro que não existe, existe? *Latusa Digital*, Rio de Janeiro, EBP-Rio, ano 23, n.25, p.01-11, 2006. Disponível em: <www.latusa.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2015.

ALBERTI, Sonia. O quadrilátero no ato psicanalítico. *Opção Lacaniana*, n.21, p.96-99, 1998.

_____. Os quadros nosológicos: depressão, melancolia e neurose obsessiva. In: QUINET, Antonio (Org.). *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p.155-162.

ARANTES, Eneida Maria Braga. *A transferência e o 'fazer' do analista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicanálise – pesquisa e clínica)-Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <pgpsa.uerj.br>. Acesso em: 10 abr. 2015.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BRANCO, Felipe de Oliveira Castelo. *Tristes tópicos: um estudo sobre a melancolia em Freud*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicanálise – pesquisa e clínica) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < pgpsa.uerj.br >. Acesso em: 14 jun. 2013.

CÂMARA, Gabriel. O cômico do delírio. *Cógito*, Bahia, n.10, p.34-39, 2009.

_____. A formação do eu e o poder da psicanálise. *Cógito*, Bahia, n.11, p.20-25, 2010.

_____. O trauma, a fantasia e o Édipo. *Cógito*, Bahia, n.12, p.57-61, 2011.

_____. Paixão e amor na nossa MPB. *Cógito*, Bahia, n. 9, p.35-38, 2008.

_____. The role of drugs for a discontent subject in today's civilization. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE – IFPS, 17., México, 2012. *Abstracts...* México, 2012.

CARNEIRO JÚNIOR, Manoel Leite. *A metáfora do homem*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicanálise – pesquisa e clínica) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < pgpsa.uerj.br >. Acesso em: 1º jul. 2015.

CECCARELLI, P. *Pesquisa em psicanálise*. 2001. Disponível em: <www.ceccarelli.psc.br>. Acesso em: 12 jun. 2013.

CORRÊA, Carlos Pinto. Ano 2000: o futuro das toxicomanias. Drogas: clínica e cultura, Salvador, CETAD/UFBA, p. 177-183, 2004 a.

_____. O homem contra o sujeito. In: MAGALHÃES, Sonia (Org.). *O sujeito da psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004 b. p.109-120.

COSTA, Ana. *Litorais da psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2015.

DIDIER-WEILL, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*. 2. ed. Tradução Luciano Elia. Rio de Janeiro: Contra capa: Corpo freudiano, seção Rio de Janeiro, 2012.

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Tradução Jorge Bastos e André Telles. Revisão técnica Carmen Mirian da Poian. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.

_____. *Introdução à leitura de Lacan*. Tradução Carlos Eduardo Reis. Revisão técnica Cláudia Corbisier. Porto Alegre: Artmed, 1989.

_____. *O pai e sua função em psicanálise*. 2. ed. Tradução Dulce Duque Estrada. Revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p.19-35, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário do Aurélio online*. Disponível em: <www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 15 jul. 2015.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, ano 7, n.1, p.76-85, 2004.

FREUD, Sigmund. *A dinâmica da transferência* [1912]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A dissolução do complexo de Édipo* [1924]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. A divisão do ego no processo de defesa [1940]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXIII, p.291-296.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XIV, p.13-82.

_____. *Além do princípio de prazer* [1920]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* [1925]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos [1909]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.X: Duas histórias clínicas: “O pequeno Hans” e “O homem dos ratos”, p.15-133.

_____. Análise terminável e interminável [1937 a]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXIII, p.231-270.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose [1924 a]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XIX, p.204-209.

_____. *A repressão* [1915 a]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Construções em análise* [1937 b]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXIII, p.275-287.

_____. *Dostoiévski e o parricídio* [1928]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Esboço de psicanálise* [1938]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXIII, p.157-221.

_____. Estudos sobre a histeria [1893]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.II, p.39-316.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905(1901)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.VII, p.19-116.

_____. *História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”)* [1918[1914]]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Inibição, sintoma e angústia* [1926]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo* [1914 a]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância [1910 a]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XI, p.73-141.

_____. *Luto e melancolia* [1917]. Tradução Marilene Carone. Apresentação de Maria Rita Kehl e posfácio de Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naïfy, 2011.

_____. Neurose e psicose [1924 b]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XIX, p.167-171.

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides) [1911]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XII, p.21-86.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIII: A feminilidade [1933]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXII, p.113-134.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações [1933(1932)]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXII, p.135-154.

_____. *Observações sobre o amor de transferência* [1915 b]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O eu e o id* [1923 a]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *O fetichismo* [1927]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O inconsciente* [1915 c]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O início do tratamento* [1913]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O mal-estar na civilização* [1930]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Os instintos e seus destinos* [1915 d]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu* [1921]. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise [1913 a]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XII, p.125-133.

_____. *Recordar, repetir e elaborar* [1914 b]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Resistência e repressão: Conferência XIX [1917]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XVI: Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III. Teoria geral das neuroses, 1917 [1916-1917]), p. 293-308.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XI, p. 185-195.

_____. Totem e tabu [1913 b]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XIII, p. 13-168.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.VII, p.119-229.

_____. *Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio* [1923 b]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XX, p.13-92.

_____. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) [1910 b]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XI, p. 171-180.

GORENDER, Míriam Elza. O não-poder. *Cógito*, Bahia, n.11, p.41-46, 2010.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. v.1.

JULIEN, Philippe. *Psicose, perversão, neurose*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.869-892.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.591-649.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose [1956]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.537-590.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.238-324.

_____. *Os complexos familiares na formação do indivíduo* [1984]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. O engano do sujeito suposto saber [1967 a]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.329-340.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola [1967 b]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.248-264.

_____. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud* [1953-1954]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *O Seminário, Livro 3: as psicoses* [1955-1956]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto* [1956-1957]. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, Livro 8: a transferência* [1960-1961]. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1963]. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. O Seminário sobre “A carta roubada” [1955]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.13-66.

LAURENT, Éric. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

LUSTOSA, Rosane; CARDOSO, Mauricio José; CALAZANS, Roberto. “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p.201-213, 2014.

MILLER, Jacques-Alain. Introdução ao inconsciente: Terceira conferência do Seminário do Campo freudiano. *Falo*, Salvador, n.2, p.87-152, 1988.

_____. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PERES, Urania Tourinho. O caso clínico, mal-estar na transmissão. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, ano 15, n.155, p.28-35, 2002.

PORGE, Erik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise*. 12.reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. *Teoria e clínica da psicose*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

RECALCATI, Massimo. A questão preliminar na época do Outro que não existe. *Latusa digital*, Rio de Janeiro, ano 1, n.7, p.1-12, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (Org.). *Psicanálise: entrevista*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014. v.1.

SENNA, A.; BAR, C.; GOMES, M. G.; GUILHON, M.; KUPFERBERG, M. O pai na psicanálise. *Primórdios – CPRJ*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.91-116, 2010.

SOLER, Colette . *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *O O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VIEIRA, M. A. A hipermodernidade lacaniana. *Latusa*, Rio de Janeiro, EBP-Rio, n.9, p.69-82, 2004.

VITA, Maria da Conceição Almeida. Gozo da psicose. In: PEREIRA DA SILVA, José Antonio (Org.). *Modalidades do gozo*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2007. p.165-169.

ZIZEK, Slavoj. Objetos, objetos por toda parte. In: _____. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo Editorial, p.361-426, 2013.

_____. O grande Outro não existe. *Ethica*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.113-131, 2009.